



*- A Mina de São Domingos -
Passado Industrial, Futuro Turístico,*



*Mestrado em Turismo
Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos*



Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Ana Catarina Gomes Ferreira

*– A Mina de São Domingos –
Passado Industrial, Futuro Turístico*

Dissertação apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril para a
obtenção do grau de Mestre em Turismo,
Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos

Orientadora: Prof. Gabriela Carvalho

AGRADECIMENTOS

Este foi talvez o mais longo e duro projecto da minha vida até aos dias de hoje. Vê-lo concluído é algo que só quem passa consegue entender. Foram três longos anos de experiências, ideias, recuos, desistências mas também muita força de vontade.

Antes de mais quero agradecer à Dr.^a Gabriela Carvalho pela sua orientação, pelo seu apoio “noctívago”, pela transmissão de conhecimentos e constante paciência em atender aos meus pedidos, às minhas dúvidas e incertezas, e pelo apoio dado na realização da minha dissertação.

Uma vez mais, gostaria de agradecer à minha mãe e aos meus irmãos todo o apoio e o encorajamento dado nas horas mais difíceis; desculpem a minha ausência em certos momentos. Não esqueço o meu tio Victor: obrigada pelo teu apoio e inspiração.

Agradeço também ao Joel que à sua maneira esteve presente e percebeu as minhas longas horas de computador e biblioteca.

Agradeço aos meus amigos toda a força que me transmitiram mesmo quando já não me podiam ouvir a falar da concretização do projecto. O vosso apoio foi imprescindível, obrigado.

Agradeço também ao Sr. Barão pela sua plena disponibilidade, pelos seus conhecimentos e pela dedicação com que me ensinou muito do que aqui se encontra escrito.

RESUMO

Nos dias de hoje, e com as exigências de cada um, o que é diferente, único e gerador de experiências ímpares, é para ser aproveitado sem limites. O turismo tem essa capacidade enquanto criador de momentos, produtor de experiências e de sensações. A evolução dos tempos levou a que o conceito de turismo e as suas diferentes tipologias se fossem adaptando aos mercados e aos turistas.

A evolução da sociedade aliada às novas tecnologias, às comunicações, ao volume de informação e conhecimento, assim como à proliferação das empresas de índole turística, tem criado um mercado infindável nas possibilidades de escolha de cada um.

É na especialização, na qualidade e na diferenciação que o mercado tem vindo a apostar e com isso, a criação de novas tipologias de turismo.

O Turismo Industrial surge nesse seguimento e particularização do produto. É complementar ao Turismo Cultural e surge na óptica da curiosidade, do interesse e do conhecer o que foi o trabalho, as técnicas, os materiais e as máquinas do passado. Aplica-se a antigas indústrias, antigas fábricas e complexos mineiros. É uma tipologia turística que implica uma relação directa entre os turistas e as populações locais, assim como as entidades responsáveis, e isso faz com que o turista se sinta parte do seu “sonho”.

A mina de São Domingos concentra, independentemente do seu avançado estado de degradação ao nível estrutural, praticamente todas as premissas necessárias para se impor como local de Turismo Industrial em Portugal e como tal, tornou-se o objecto de estudo da aplicabilidade do conceito.

Mais do que fazer renascer a “Fénix” das cinzas, importa recuperar, manter e divulgar tal potencial turístico.

Nowadays, and with the demands on each other, what is different and single and produces unique experiences must be utilized without limits. Tourism has the capacity of whilst creator of circumstances, to be producer of experiences and generator of sensations. The evolution of time has resulted in the concept of tourism and its different typologies to become adapted to markets and tourists.

With gradual development of society's connection with new technologies, as well as, with the volume and new means of communication and knowledge, the proliferation of enterprises of touristic nature has created a market of possibilities and infinite choices. It is in specialization, quality and differentiation that the market has become to invest in creation of a new interpretation of tourism.

Industrial tourism emerges in the pursuance and particularization of the product. It is complementary of Cultural Tourism and appears as optic of curiosity in the interest to know what work, workmanship, materials and technologies of the past had been. It consecrates to past industries, old factories and complex mines.

It is a touristic interpretation that involves a direct relationship between tourists and local populations, as well as the responsible authorities, which make part of the dream to be a tourist.

The mine of São Domingos brings in one central point, regardless of its current stage of structural degradation, practically all necessary reasons to impose as local Industrial Tourism in Portugal and as such, to become the object of study for its applicability as a regeneration concept.

More than, just revive a “Fenix” from the ashes, it is important to redeem, maintain and make public such touristic potential.

GLOSSÁRIO

CHAPÉU DE FERRO (gossan) – Trata-se de uma formação geológica rica em óxidos onde se encontra o minério com teores mais elevados.

CORTA - Com a forma geométrica de uma elipse, a corta da mina, explorada a céu aberto e em profundidade, era o local de onde se extraíam os minérios.

ESCOMBREIRA – É uma grande concentração de minérios sem aproveitamento numa mina. As escombreyas impedem o desenvolvimento da vegetação e de qualquer actividade agrícola.

ESCÓRIAS – São resíduos sólidos ou partículas provenientes da fusão de metais.

EXPLORAÇÃO A CÉU ABERTO – Diz-se quando as escavações realizadas para a exploração do minério estão em contacto com o ar livre.

FAIXA PIRITOSA IBÉRICA - É uma área geográfica do sul da Península Ibérica, mundialmente reconhecida pela sua riqueza em sulfuretos maciços vulcanogénicos, vulgarmente conhecidos por pirites.

LIXIVIAÇÃO – É a separação dos princípios solúveis contidos em certas substâncias por meio de lavagem.

MALACATE – É uma máquina destinada a utilizar a força dos animais transformando-a em movimentos circulares contínuos.

SULFUROSO – Que contém enxofre.

TORNO MECÂNICO – É uma máquina extremamente versátil utilizada na confecção ou acabamento de peças

Fontes: <http://www.infopedia.pt> e <http://www.portoeditora.pt>, consultados a 01/03/2012

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	1
Resumo	2
Glossário	4
Índice geral	5
Índice de gráficos	7
Índice de figuras	8
Introdução	10
I – Turismo Industrial	12
1.1. A origem do Turismo Industrial	13
1.2. As potencialidades do Turismo Industrial	17
1.3. O património do Turismo Industrial	18
1.4. Casos Estudo do Turismo Industrial	20
1.5. Estudo Caso – Minas de Rio Tinto	22
II – Mértola e a sua envolvente	32
2.1. Caracterização do concelho de Mértola	32
2.2. História e Património	33
2.3. As potencialidades turísticas	38
2.4. Mértola e seus monumentos	51
III – A exploração mineira em Portugal	56
3.1. Dos Romanos ao século XIX	56
3.2. O século XIX	60
IV – A Mina de São Domingos	63
4.1. & a Mason & Barry	65
4.2. O espaço urbano	69
4.3. O espaço social	72
4.4. O espaço industrial	76
4.5. O encerramento	84
4.6. A actualidade	87
V – Análise da viabilidade turística na mina de São Domingos	90
5.1. As potencialidades turísticas	91

5.2. Público-Alvo	96
5.3. Ferramentas de Trabalho	96
5.4. Caracterização dos Entrevistados	97
5.4.1. Os visitantes	97
5.4.2. Os habitantes	101
5.4.3. Os mineiros	103
5.5. Análise SWOT	106
Considerações Finais	109
Bibliografia	111
Anexos	

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico I – Caracterização dos visitantes segundo o sexo;

Gráfico II – Caracterização dos visitantes segundo a idade;

Gráfico III – Caracterização dos visitantes segundo a nacionalidade;

Gráfico IV - Caracterização dos visitantes segundo as habilitações literárias;

Gráfico V - Caracterização dos visitantes segundo o local de residências;

Gráfico VI - Caracterização dos visitantes segundo as estradas utilizadas;

Gráfico VII - Caracterização dos visitantes segundo o conhecimento sobre a mina de São Domingos;

Gráfico VIII - Caracterização dos visitantes segundo os motivos da viagem;

Gráfico IX - Caracterização dos visitantes segundo a visita a um outro lugar;

Gráfico X - Caracterização dos habitantes segundo o sexo;

Gráfico XI - Caracterização dos habitantes segundo a idade;

Gráfico XII - Caracterização dos habitantes segundo há quanto tempo vivem na mina;

Gráfico XIII - Caracterização dos habitantes segundo o número de familiares que trabalharam na mina;

Gráfico XIV - Caracterização dos habitantes segundo a quantidade de homens a trabalhar directamente na mina;

Gráfico XV – Avaliação do potencial turístico segundo os inquiridos;

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1 – Exemplos de figuras feitas em salgema na Mina de Wielizcka;
- Figura 2 – Vista aérea da *Corta Atalaya*, Mina de Rio Tinto;
- Figura 3 – Vista parcial de Mértola;
- Figura 4 – Interior da antiga Mesquita de Mértola;
- Figura 5 – Vista parcial do Campo Arqueológico de Mértola;
- Figura 6 – Vista parcial de Mértola;
- Figura 7 – Pulo do Lobo;
- Figura 8 – Sabores de Mértola;
- Figura 9 – O rio Guadiana;
- Figura 10 – A Tapada Grande, praia fluvial;
- Figura 11 – Mapa da vila de Mértola;
- Figura 12 – Torre de menagem do Castelo de Mértola;
- Figura 13 – O fole exemplar da Forja do Ferreiro;
- Figura 14 – Peças expostas no Museu Islâmico;
- Figura 15 – Galeria das minas romanas de Tresminas, Vila Pouca de Aguiar;
- Figura 16 – Mapa da Faixa Piritosa Ibérica;
- Figura 17 – Exemplo de minério de cobre;
- Figura 18 – Exemplo de pirite em estado bruto;
- Figura 19 – Vista parcial das Minas da Panasqueira;
- Figura 20 – Recursos minerais em Portugal;
- Figura 21 - Quadro exemplificativo da linha de São Domingos ao Pomarão;
- Figura 22 - Cartão postal que ilustra aquela que foi a primeira aldeia de São Domingos.
Informação gentilmente cedida pelo Sr. Barão;
- Figura 23 – Casas em banda no lugar de São Domingos;
- Figura 24 - Cartão postal que ilustra aquela que foi a segunda aldeia de São Domingos.
Informação gentilmente cedida pelo Sr. Barão;
- Figuras 25 e 26 - Documentos escritos sobre a inauguração do campo de futebol *Cross Brown* na mina de São Domingos e a classificação das equipas no ano de 1940-41.
Informação gentilmente cedida pelo Sr. Barão;
- Figura 27 - Conjunto Industrial da Mina de São Domingos até ao Pomarão;
- Figura 28 – Esquema da actividade mineira na Mina de São Domingos;

Figura 29 – Corta da mina de São Domingos;

Figura 30 – Poço Malacate nº 6;

Figura 31 – Estação de Britagem da Moitinha;

Figura 32 – Área industrial da Achada do Gamo;

Figura 33 – Pomarão e a sua aldeia;

Figura 34 – Antigas estruturas do porto de embarque;

Figura 35 – O entardecer na Tapada Grande, mina de São Domingos;

INTRODUÇÃO

Se queremos ser reconhecidos temos que ser inventivos e marcar a diferença. O ser e fazer diferente dos outros é uma característica que a poucos assiste. E no turismo, actualmente, a fórmula só resulta se for mesmo distinta de tudo o que já existe.

O Turismo é hoje uma das actividades económicas com mais importância em qualquer economia nacional. Move milhões, cria expectativas, compõe sonhos e revela experiências únicas. Devido à multiplicidade e à variedade da oferta existente, o Turismo tem vindo a adaptar-se às exigências e às demandas do mercado cada vez mais exigente, variado, multifacetado e em constante crescimento, o que resulta num actualizar e renovar obrigatório de modo a conseguir responder aos requisitos dos turistas. Às exigências mencionadas juntam-se também a preocupação ambiental, a gestão dos recursos, o crescimento sustentável e a gestão estratégica dos produtos turísticos e consequentemente, dos destinos turísticos.

Existem momentos em que essa diferenciação tem que marcar lugar sobretudo em períodos de crise económica, baixa de mercados de valores e descrença nas economias nacionais, o que de uma maneira directa ou indirecta afecta esta actividade económica. A actividade turística é muitas vezes vista embora numa óptica muito limitativa, como fonte geradora de riqueza e pouco mais, o que na realidade se estende para além disso. O conseguir gerar expectativas, criar ilusões e fazer os turistas viajar vai para além da vertente económica. E, no momento de crise mundial actual, o turismo tem capacidade para continuar a atrair a atenção dos turistas, continua a estimular mercados, a gerar empregos nos vários sectores com que trabalha em regime de complementaridade e a contribuir, directa ou indirectamente para o desenvolvimento quer seja a nível nacional, regional ou local.

A “paleta de cores”, ou seja, da oferta turística ao nível dos destinos turísticos é tão vasta que a escolha é o mais difícil de fazer. O turista de hoje é completamente diferente daquele de há 30 anos atrás. A sociedade evoluiu, as comunicações melhoraram, a informação é constante e o mundo tornou-se uma «aldeia global». Por todas estas mudanças, o turista de hoje é mais informado e esclarecido, quer algo mais, quer ser diferente, quer experimentar algo único, distinto e estimulante, quer ver satisfeita a sua curiosidade inata e sentir-se especial nas suas acções; quer identificar-se

com algo, quer sentir-se parte integrante daquilo que visita e explora, e procura essa diferença para se sentir valorizado.

Com o propósito de abordar algo diferente e inovador na área do turismo, a presente dissertação de mestrado explora uma tipologia turística que para muitos é ainda desconhecida, o chamado Turismo Industrial. Oriundo da Inglaterra no período pós II Guerra Mundial, embora só tenha sido reconhecido nos finais dos anos 80 do século XX, o turismo industrial é explorado por um nicho de mercado muito específico. Esta tipologia turística remete o turista para o passado, não monumental como seria de esperar, mas para um passado de trabalho, de esforço, de luta, que mostra a sua essência através de um património que é o industrial e fabril.

Apesar de não ter sido um dos países mais industrializados da Europa, Portugal concentra diversos lugares onde a aplicabilidade desta tipologia turística seria bem sucedida, e esses espaços são sobretudo os antigos complexos mineiros dos finais do século XIX. Assim, e como objecto de estudo escolhemos a mina de São Domingos, perto de Mértola, que foi um dos complexos mineiros mais modernos, inovadores e produtivos de toda a Europa do século XX.

O objectivo final deste trabalho foca-se na avaliação do potencial turístico da mina de São Domingos baseado na sua cultura, na sua história e no seu património.

Composto por quatro partes, no primeiro capítulo será feita a abordagem aos conceitos turismo e turismo industrial e as diversas potencialidades turísticas inerentes. O segundo capítulo será dedicado à envolvente geográfica e outros destinos turísticos em torno da mina de São Domingos, e o terceiro capítulo, inteiramente dedicado à antiga exploração mineira alentejana. Por último, no quarto capítulo, faremos a abordagem da aplicabilidade da tipologia referida, a avaliação das mais-valias turísticas assim como a análise teórico-prática das entrevistas realizadas como trabalho de campo apoiado por uma análise *SWOT*.

Em conclusão, pretende-se um trabalho teórico-prático que responda ao objectivo principal: o de avaliar as potencialidades e a atractividade turística da mina de São Domingos baseado na cultura, na história e no património.

I – Turismo Industrial

“O Património inclui os trabalhadores, as técnicas, as máquinas, os materiais (...)”¹

Seguindo as recomendações da OMT², o turismo é o “conjunto de actividades que as pessoas realizam durante as suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros.” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo>, consultado a 20/06/2009).

O turismo enquanto fenómeno sócio-cultural como o conhecemos hoje, gerador de riqueza, fonte de cultura, prazer e descanso, tem vindo a beneficiar nas últimas décadas do crescimento e desenvolvimento de diversas áreas tais como os transportes, as comunicações e as novas tecnologias, assim como do aproveitamento de tempos livres incentivados pela melhoria das condições de vida um pouco por todo o mundo. Contudo, a sua génese conduz-nos a uma viagem longa no tempo e na história, desde o período da Civilização Grega na qual se viajava para assistir aos Jogos Olímpicos, à época Romana e ao uso das termas, passando pelas peregrinações a santuários na Europa e à Terra Santa, até ao séc. XIX, período em que se diz ter nascido o “Turismo Moderno”³ com a essência que hoje conhecemos. As duas Grandes Guerras Mundiais influenciaram negativamente o desenvolvimento desta imensa indústria que crescia rapidamente mas que viu o período do pós-guerra como favorável, atingindo o chamado *boom* turístico nas décadas de 50 a 70, beneficiando de melhorias ao nível económico, social e cultural. A partir deste período destacou-se o desenvolvimento da aviação e melhoria da sua tecnologia e capacidade de carga, as cadeias hoteleiras foram crescendo e criando grandes grupos empresariais, as agências de viagens e operadores turísticos foram marcando o seu valor em mercado e, nos últimos anos, a todos estes protagonistas da indústria turística juntou-se um outro, hoje com um enorme peso em toda a dinâmica desta actividade, a *Internet*.

¹ Professor Jorge Custódio in Seminário Turismo Industrial, ESHTe, Maio de 2010.

² Organização Mundial de Turismo

³ Na 2ª metade do século XIX, Thomas Cook, considerado o pai do Turismo Moderno, promoveu a 1ª viagem organizada da história.

De entre vários exemplos que se poderiam citar, existem dois períodos marcantes do desenvolvimento do turismo: a Revolução Industrial e o período do *boom* turístico nas décadas de 50 e 70 do século passado.

O período da Revolução Industrial foi sem dúvida um momento importante no desenvolvimento do turismo, principalmente ao nível dos transportes com o advento do transporte ferroviário, o que facilitou as deslocações e melhorou a rapidez das mesmas. O período pós II Guerra Mundial, a reconstrução da Europa, a melhoria das condições de vida, de trabalho, a estabilidade social e o desenvolvimento da cultura do ócio no mundo ocidental, com o aproveitamento dos tempos livres e momentos de lazer, conduziu à época áurea da indústria turística, ao chamado *boom* turístico. Precisamente nesta altura, e impulsionado pelos factores acima descritos, mais e mais pessoas passaram a dispor de tempo e rendimentos económicos para poder viajar e assim, de uma actividade de elites, o turismo deu um salto para o que ficou conhecido como turismo de massas. Com a massificação do turismo, a actividade que era estratificada, exclusiva de algumas classes sociais e só possível a um restrito número de pessoas, passou a ser uma indústria mundial e aproveitada pela grande maioria da população.

A partir do momento em que o turismo passa a ter esta imagem – de algo organizado, estandardizado, repetitivo e acessível, é possível também olhá-lo como experiência educacional. E por isso mesmo, numa abordagem integrada, o turista viaja para conhecer o património, entender as sociedades, descobrir as culturas, mas sobretudo para interagir com os espaços e as gentes.

1.1. - A origem do Turismo Industrial

As origens do turismo Industrial cruzam-se com o turismo Cultural⁴, nas décadas de 70 e 80, quando diversos grupos de pessoas e associações, organizações sem fins lucrativos, intelectuais, historiadores e professores se aperceberam de um interesse e gosto comum: o património cultural e a importância da sua protecção enquanto herança cultural de uma nação, de um país, de um território.

⁴ Entende-se por turismo cultural aquele que tem como motivo de viagem, a cultura e as obras dos povos receptores; para muitos autores as motivações culturais estão crescentemente orientadas para o património histórico e natural.

Começou a olhar-se para o património cultural⁵ como um legado do passado, com valor histórico e de importância ilimitada. Foram promovidas diversas campanhas de alerta, realizaram-se levantamentos e inventários de património construído nos destinos turísticos mais visitados e de certa maneira, começou também a educar-se o turista para a importância da manutenção do património de modo a que no futuro também outros possam desfrutar do mesmo.

De modo a poder abranger mais património e tudo aquilo que é passível de contar uma história, de relatar um acontecimento e testemunhar o que aqui e ali aconteceu, surgiu, anos antes, influenciado pelo movimento de defesa do legado industrial, na Inglaterra, o Turismo Industrial. Nos anos 50, e devido à destruição de muitas fábricas durante e no período após II Guerra Mundial, em Inglaterra, várias personalidades e intelectuais chamaram atenção para a importância da arqueologia industrial e a valorização do seu objecto. Contudo, nos outros países este conceito surgiu mais tarde (como referido acima), no sentido de aproveitar o património existente, as técnicas, as matérias, as infra-estruturas e as próprias pessoas, veículo vivo do que aí se produzia. Nesta altura constituíram-se associações de defesa desse património, efectuou-se investigação, criaram-se revistas especializadas e publicaram-se obras.

Numa primeira análise, observamos a diversidade na nomenclatura e a própria abrangência do conceito que nos remete para uma tipologia bastante rica e variada, quer na oferta quer nos domínios que a compõem. Existem diversas designações para esta forma de turismo: turismo Industrial, turismo Técnico, turismo de Descoberta Económica e turismo Científico.

O conceito de turismo Industrial é vago. A sua oferta é tão diversificada e atractiva quanto os seus domínios que vão desde a tecnologia à cultura científica, da arqueologia à arquitectura industrial, da cultura operária à investigação de ponta e da produção

⁵ **Património cultural** é o conjunto de todos os bens, materiais ou imateriais, que, pelo seu valor próprio, devem ser considerados de interesse relevante para a permanência e a identidade da cultura de um povo. O património é a nossa herança do passado, com que vivemos hoje, e que passamos às gerações vindouras. Do património cultural fazem parte bens imóveis tais como castelos, igrejas, casas, praças, conjuntos urbanos, e ainda locais dotados de expressivo valor para a história, a arqueologia, a paleontologia e a ciência em geral. Nos bens móveis incluem-se, por exemplo, pinturas, esculturas e artesanato. Nos bens imateriais considera-se a literatura, a música, o folclore, a linguagem e os costumes. In http://pt.wikipedia.org/wiki/Patrim%C3%B3nio_cultural, consultado a 20/06/2009

artesanal à manufactureira, altamente mecanizada ou informatizada. Os seus locais são muito diversos, indo desde o local onde restam apenas vestígios às grandes empresas onde as visitas são feitas sob rigorosas medidas de segurança, passando do moinho isolado no campo aos grandes bairros operários ou às regiões mineiras. O turismo Industrial permite viajar desde o passado, aprender como se faziam as coisas num outro tempo, como se deram as mudanças e como se fazem na actualidade.⁶

É um fenómeno contraditório diremos. Se o turismo é a forma de aproveitar os tempos livres (ou seja, tempo não ocupado com o trabalho) “ (...) o que nos remete para o ócio, exotismo, a ruptura com os hábitos e os espaços quotidianos dos ritmos de trabalho, como se compatibilizam estas duas realidades?” (SILVA:2001;2). É preciso perceber antes demais o que conduziu o Homem a esta atracção pela indústria, pela observação e contemplação de espaços de trabalho nos seus momentos de ócio e lazer.

A Revolução Industrial foi um dos fenómenos principais nesta alteração de padrões de vida e valores. Até esse período, o trabalho era uma condição de sobrevivência, uma actividade inerente a ambos os sexos e qualquer idade. Não havia qualquer tipo de regulação sobre o mesmo e os tempos de lazer não eram sequer equacionados simplesmente porque não existiam. O Homem trabalhava para sobreviver. Com a Revolução Industrial houve uma mudança radical a todos os níveis sociais. O trabalho fraccionou-se em tarefas específicas, passou a ser objecto de troca por bens e dinheiro e materializou-se numa produção estandardizada, assegurada por máquinas aumentando a produtividade do trabalhador. Após este período e ao longo dos anos, esse próprio trabalhador foi-se tornando inconscientemente o turista da sociedade industrial e da cultura pós-moderna dado que no seu período de férias se interessa para além de outras coisas, pelo trabalho e pelos locais de trabalho de outros, o que resulta na ambiguidade que referimos acima.

O turismo Industrial é também bastante versátil e segundo o Professor Sancho Silva, “(...) Actualmente, pode-se apresentar o trabalho como um objecto de curiosidade e a empresa como um monumento; o local de trabalho, espaço de constrangimento por excelência, pode transformar-se em espaço lúdico e o mundo do trabalho em destino de lazer cultural.” (SILVA:2001;4) o que nos conduz por sua vez às

⁶ Informações retiradas dos apontamentos das aulas de Concepção e Desenvolvimento de Produtos Turísticos, 2009

potencialidades desta nova forma de turismo não só ao nível da riqueza patrimonial mas também ao desenvolvimento de uma área ou destino turístico.

Contudo, a versatilidade, a diversificação, a diferença e unicidade existem devido a um vasto património que se mostra disponível a quem dele, indiferentemente do seu estado de conservação ou utilização, queira usufruir. Segundo o TICCIH⁷, consultor especial do ICOMOS⁸, a definição de património industrial é: “(...) O *património industrial* compreende os vestígios de cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habilitações, locais de culto ou de educação.” (<http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>, consultado a 23/05/2009).

Como método interdisciplinar de estudo e de classificação de tudo aquilo que compõe o património industrial, surge o conceito de Arqueologia Industrial, que “ (...) estuda todos os vestígios, materiais e imateriais, os documentos, os artefactos, a estratigrafia e as estruturas, as implantações humanas e as paisagens naturais e urbanas, criadas para ou por processos industriais. A arqueologia industrial utiliza os métodos de investigação mais adequados para aumentar a compreensão do passado e do presente industrial.”⁹

Ao contrário do exemplo português, em países como a Inglaterra, França e EUA, países com forte tradição industrial, o turismo Industrial está implementado e firme há mais de 20 anos. Enquanto Produto Turístico é repleto de mais valias mas sempre na óptica da cooperação e complementaridade com as diversas entidades intervenientes,

⁷ O TICCIH, Comité Internacional para a Conservação do Património Industrial, criado em 1999, tem por objectivo o estudo, a protecção e a conservação dos vestígios dos locais industriais. Este comité redigiu a CARTA DE NIZHNY TAGIL sobre o Património Industrial, em Julho de 2003, a qual foi aceite por todos os delegados presentes na Assembleia, representantes de todos os países membros do qual Portugal faz parte. De uma forma clara, esta Carta enquadra os conceitos de Património Industrial, os Valores do mesmo, a Importância da identificação, do inventário e da investigação, a Protecção legal, a Manutenção e conservação, a Educação e formação, e por último, a Apresentação e interpretação

⁸ O ICOMOS (International Council on Monuments and Sites) é uma organização não governamental composta por profissionais cuja missão é a conservação e protecção de monumentos e locais históricos em todo o mundo.

⁹ Definição retirada da Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial, em anexo.

desde as empresas em questão passando pelos trabalhadores, pela sociedade civil e pelos organismos locais.

1.2. – As potencialidades do Turismo Industrial

O turismo Industrial tem de facto uma vasta oferta e variadas áreas de domínio que podem ser utilizadas na exploração desta forma de turismo. O seu património que se estende desde as fábricas às técnicas, dos bairros operários às matérias-primas, tem suscitado um novo tipo de observação e reflexão quando olhado como legado histórico. O património industrial vale essencialmente pelo meio em que se insere, pela paisagem em que se revela como ícone, pelas relações que estabelece com o espaço e as memórias na diversidade de referências.

Na era global que hoje vivemos, somos confrontados com o encerramento total ou parcial de várias empresas/fábricas que devido à incapacidade produtiva, à concorrência e por vezes à falta de mão-de-obra especializada se vêem obrigadas a fechar as portas, ao que não é indiferente o contexto sócio-económico actual.

Esta “recente” tipologia turística tem um forte potencial para singrar no mercado e apresenta várias vantagens sobretudo ao nível das indústrias dos sectores tradicionais, na medida em que num possível encerramento ou na perda de capacidade competitiva, o turismo Industrial pode ser uma hipótese viável para inverter essa situação. A abertura da fábrica, a demonstração dos seus processos de laboração, e mostra das matérias - primas e o resultado final são actividades que conduzem à visibilidade da empresa envolvida, dão força à marca em questão e fortalecem a sua imagem.

Actualmente, e esta será uma das mais valias do TI (Turismo Industrial), o turista é mais esclarecido, sabe o que quer e onde quer chegar, tem tendência a deixar de lado a grande oferta cultural centrada nos grandes (e pequenos) museus e monumentos, e segue outra linha condutora, procura o que é diferente e lhe pode trazer experiências únicas, ou seja, “estes públicos já procuram também representações simbólicas de um período da história económico-social mais recente, ligada à herança do desenvolvimento industrial e artesanal, bem como actividades de co-produção ou de partilha de experiências, através das visitas a empresas em funcionamento.” (SILVA:2008;3). E a partir daqui podemos referir um sem número de potencialidades que o TI detém e que

são sem dúvida, factores dinamizadores que poderão ajudar a constituir um produto turístico ou até mesmo ser uma alavanca inicial para a formação de um destino turístico, sempre na óptica das parcerias sustentáveis entre agentes públicos e privados, e a comunidade local.

Assim, a experiência andarà sempre a par com o desenvolvimento desta “nova” tipologia do turismo na medida em que, em pleno séc. XXI é isso que se procura: a unicidade, o original, o que nos remete para o passado sem esquecermos o presente, e a abertura destas fábricas/empresas ao público trará a oportunidade de mostrar “aos jovens e mesmo adultos (...) as técnicas tradicionais de fabrico de produtos tão próximos e variados como o têxtil, o vidro, a cerâmica, a ourivesaria, a pedra, etc.” (SILVA:2008;3).

1.3. – O Património do Turismo Industrial

O TI apresenta matéria-prima, património já edificado, o que o valoriza ainda mais na medida em que não será necessário criar espaços novos ou reconstruí-los. Quando explorado em empresas/fábricas ainda em laboração, ajuda a combater a sazonalidade nos destinos turísticos, porque a produção não pára, logo, o público será sempre bem-vindo e em ocasiões especiais e para grupos específicos, é possível criar “ateliers ou pequenas unidades de produção, onde se manufacturam pequenas séries dos produtos tradicionais, seguindo as técnicas originais, como forma de mostrarem ao público a origem e o processo que levou ao produto final (...)” (SILVA:2008;3). Outra das potencialidades e já provada em países como França e Inglaterra, o TI ajuda à criação de mais emprego nestes locais específicos visto que são precisas mais pessoas para explicar os processos e acompanhar os visitantes no seu *tour* pelas instalações. “A empresa Perrier (em França) recebe anualmente 100 mil visitantes, na sua unidade produtiva e de engarrafamento, situada numa aldeia da Comuna de Vergèze (...) com 3.700 habitantes, tendo criado 20 novos empregos permanentes e 10 temporários” (SILVA:2008;6). Ao criar emprego, fixa também as populações, e dinamiza outras mais valias económicas como o comércio, a hotelaria, a restauração, etc. O facto de se abrirem as portas ao público leva a que o próprio património esteja salvaguardado e protegido, porque claramente, é preciso cuidar e estimar para que os outros se possam aperceber da sua importância e valor histórico, ao mesmo tempo que também essa

valorização ajuda ao reconhecimento de outros intervenientes visto que a visibilidade dada pelas visitas atrai novos investidores. Ao atrair novos investidores, podem também criar-se parcerias entre agentes públicos e privados, redes de cooperação com restauração, hotelaria, transportes, entre outros. Seria sem dúvida, uma mais valia para o desenvolvimento local, uma estratégia, um crescimento sustentado nas tradições fabris de um local, que bem suportado pelo poder local e privado poderia constituir um produto turístico valioso.

O aproveitamento destas infra-estruturas também possibilita uma reordenação, preservação e valorização da riqueza paisagística, ao mesmo tempo que protege o património edificado, os processos fabris e a maquinaria, podendo para além da visita às instalações e sua laboração, ser ainda utilizado para a realização de alguns eventos, congressos ou outras actividades culturais. Aqui surge a lógica da complementaridade: um destino turístico pode dispor de vários produtos turísticos e os mesmos funcionarem nessa lógica, e um exemplo poderá ser, o facto de se visitar a empresa/fábrica pode levar os turistas a provar a gastronomia local, a visitar os centros históricos da região envolvente, e até a pernoitar num estabelecimento hoteleiro nas proximidades.

O TI é dirigido a todo o tipo de visitantes, nacionais ou estrangeiros. Proporciona novas experiências e aprendizagens, o que o turista actual procura, e em simultâneo reforça a marca, aumenta a venda dos produtos e dá visibilidade às empresas/fábricas envolvidas, para além de que valoriza e enriquece o conteúdo do trabalho dos empregados. Aqui não poderia ser esquecido o público infantil, que através de ateliers e *workshops*, ou simples actividades em tempo de férias escolares, se envolve com o passado, aprende técnicas antigas, os processos e o desenvolvimento dos mesmos até chegar ao produto final.

Em estudos realizados em países nos quais o TI já se impôs como Produto Turístico por excelência, nomeadamente, França, Inglaterra, Japão, entre outros, ficou provado que esta forma de turismo levou ao aumento de vendas directas das empresas, fortaleceu a sua imagem e dos seus produtos e marca, ajudou a difundir as informações sobre as técnicas e o *know-how* dos produtos, e possibilitou a demonstração da utilidade social e económica das regiões. Também se observou que nestes países, estas visitas “industriais” atraíram novos públicos que prolongaram as estadas em locais por mais horas e até dias, utilizando todos os equipamentos disponíveis. Verificou-se ainda que

“em termos médios, por cada 6 a 8 mil visitantes/ano, foi criado um posto de trabalho permanente, o que para visitas anuais na ordem dos 50 a 100 mil pode levar à criação de algumas centenas de postos de trabalho” (SILVA:2008;7). Curiosamente, verificou-se que cada visitante partilha a sua experiência de visita, em média, a 8 pessoas, o que demonstra o efeito do «passa-palavra» nestas situações.

Numa perspectiva de desenvolvimento inteligente e sustentável, é necessário investir em sinergias comuns nestas actividades tradicionais com potencial de desenvolvimento; esta forma de turismo tem tudo para conseguir vencer no mercado turístico dado que vai de encontro às expectativas do turista actual, ao desfrutar, ao experimentar, ao viver novas sensações, ou seja, a sua diferenciação permite-lhe vantagem em relação a outros produtos turísticos já constituídos e marcados no mercado, basta acreditar e apostar. Segundo José Silva, “ (...) cremos que a prazo esta nova forma de turismo, ligada a um novo conceito muito em voga, o das «experiências» terá cada vez mais importância na animação das empresas e das regiões onde estão situadas, podendo ser uma alavanca insubstituível de desenvolvimento regional sustentado” (SILVA:2008;7).

Por último, o TI reúne ainda três vertentes de dinamização: a cultural, a científica e a pedagógica. Na cultural, destaca-se o abrir das empresas/fábricas ao exterior permitindo a sua visita organizada, e a preservação e reabilitação do património; na vertente científica, o uso, estudo e divulgação que se pode fazer deste património nomeadamente, através da criação de um centro de documentação/arquivo a criar no espaço em questão, publicando até algumas informações e divulgações do mesmo, e por último, a vertente pedagógica, no sentido de oferecer ao público a possibilidade *in loco* do contacto directo com o universo fabril, para além da criação de rotas e itinerários temáticos.

1.4. - Casos Estudo do Turismo Industrial

No que diz respeito a casos estudo no âmbito do turismo Industrial, começemos pelos mais conhecidos e ganhos ao nível do mercado turístico internacional, e referimos países como a França, Escócia, Japão e Polónia

Em França, a denominação utilizada é «Tourisme de Découverte Économique» mas a sigla TDE é a mais reconhecida entre os seus visitantes e potenciais clientes. Apesar de ser uma tipologia relativamente recente, cerca de 20 anos, em França, anualmente, as mais de 1700 empresas abertas ao público (48 só na região do Loire) (<http://www.visiteznosentreprises.com/>, consultado a 25/06/2009), concentram cerca de 20 milhões de visitantes. Num inquérito realizado às empresas/fábricas, que abriram as suas instalações ao público, 99% afirmaram que essa acção lhes foi benéfica quer ao nível da imagem quer da notoriedade em mercado. (http://www.psa-peugeot-citroen.com/en/magazine/ow_breve_c2.php?id=471, consultado a 25/06/2009).

Um exemplo de que mesmo que as indústrias se desloquem para outros locais devido a vantagens sócio-económicas, a empresa/fábrica não necessita de fechar as suas portas, surgiu na Escócia, numa antiga destilaria de *whisky*. Uma das destilarias mais antigas e conceituadas do país, situada na região de Speyside, norte do país, tem actualmente apenas 2 técnicos altamente qualificados na área produtiva enquanto que o restante pessoal se compõe de cerca uma dezena de trabalhadores na área de animação e de recepção aos visitantes. Parte da área produtiva já foi deslocalizada mas não é por isso que se deixa de aproveitar todo esse vasto e rico património industrial.

No Japão, e mais concretamente ao nível do turismo interno, o TI é uma aposta dirigida sobretudo aos mais jovens e aos idosos, quer seja nas visitas às empresas mais modernas, quer seja às mais tradicionais. Perto de Tokoname, existe uma pequena cidade dedicada à cerâmica, onde se encontra o melhor exemplo daquilo que devia ser uma rota de TI, a qual envolve museus, centros de investigação, uma aldeia de artesãos, uma fábrica de grande prestígio (INAX), com várias exposições de cerâmica nacional e internacional, e um bairro industrial com inúmeras lojas que vendem directamente ao consumidor.

Na óptica do aproveitamento da estrutura à superfície e no subsolo, e a partir do ano de 1978, na Polónia, e mais concretamente na cidade de Wieliczka, uma das minas de sal mais antigas do mundo passou a estar aberta ao público e devido à sua importância patrimonial e histórica/cultural, a UNESCO considerou o espaço como Património da Humanidade. Personalidades como Nicolau Copérnico, Robert Baden-Powell e o Papa João Paulo II, entre outros, foram alguns dos seus visitantes mais prestigiados.

Em distintos espaços e a diferentes níveis de profundidade, as minas oferecem um conjunto de galerias dedicadas à mostra do trabalho mineiro, uma capela dedicada a Santa Cunegunda¹⁰, uma sala dedicada ao grande compositor polaco, Frederico Chopin, uma loja de recordações, um pequeno bar/restaurante entre outros espaços também contemplados durante as visitas guiadas ao interior da mina. Nas suas galerias subterrâneas, realizam-se também diversos eventos sociais, tais como banquetes, concertos e provas desportivas. Existe ainda um espaço clínico onde pessoas com problemas alérgicos ou respiratórios podem desfrutar dos benefícios de uma temporada subterrânea.



Figura 1 – Exemplos de figuras feitas em salgema na mina de Wieliczka.

Fonte: <http://trilhoseolhares.blogspot.com/2010/09/o-ouro-branco-de-wieliczka.html>, consultado a 01/03/2012

1.5. - Estudo Caso – Minas de Rio Tinto

“Quando uma construção já não responde ao fim para o qual foi construída, a sua conservação deixa de ser uma necessidade prática para se tornar uma tarefa puramente cultural.” (COSTA:2002;20).

¹⁰ Reza a lenda que Santa Cunegunda, filha de um Rei Húngaro, foi prometida ao Rei da Polónia. Ao receber do pai, como dote, muito ouro e pedras preciosas, recusou-as, dizendo que tinham origem nas lágrimas e no sangue do povo. Em vez das riquezas, pediu sal, um bem essencial. Seu pai, ofereceu-lhe então uma mina de sal na Transilvânia. Em homenagem ao presente, Cunegunda atirou o seu anel para dentro da mina. Mais tarde, já na Polónia, realizou uma viagem por Cracóvia; chegando à área de Wieliczka, pediu aos seus súbditos que cavassem um buraco profundo. Para espanto de todos, o buraco continha sal em abundância. E continha também o anel que Cunegunda deixara Transilvânia. A partir dessa altura, as minas passaram a ser exploradas e tornaram-se da maior importância na Europa. Esta lenda está representada numa das galerias da mina, através de esculturas realizadas pelo mineiro Mieczyslaw Kluzek.

Reconhecidas como as minas das fábulas do Rei Salomão, as minas de Rio Tinto¹¹ gozam de grande prestígio ao serem reconhecidas como das mais antigas do mundo. Zalamea la Real e Nerva são duas das povoações vizinhas que também viram as suas terras volvidas pelo Homem em busca do mineral precioso. As lendas e histórias sobre a riqueza mineral da Península Ibérica em tempos bem longínquos, foram um ponto de atracção para os povos mercadores como os Fenícios, os Gregos, os Cartaginenses até às invasões Romanas. Após o período romano¹², as minas caíram no esquecimento até ao ano de 1556 quando foram novamente descobertas. Contudo, só em 1724 as minas voltaram a reabrir mas sem grande sucesso e rentabilidade, o que levou a que o governo espanhol decidisse vender o espaço. Em 1873, as minas foram adquiridas por um consórcio britânico¹³, pela módica quantia de 92.800 pesetas, um preço muito aquém do valor real da propriedade. Como entusiastas do excelente negócio que haviam feito, os ingleses “puserem mãos à obra e a companhia brindou ao renascer de Rio Tinto: reabriram-se as cortas e iniciou-se a exploração em profundidade.”¹⁴ (http://es.wikipedia.org/wiki/Minas_de_Riotinto, consultado a 21/10/2009, traduzido).

O consórcio britânico tomou conta da propriedade e da exploração desde o ano de 1873 até a 1954, ano em que o estado espanhol readquiriu novamente as minas de Rio Tinto. Mas no decorrer desses 81 anos de gerência inglesa, a exploração mineira viveu o seu apogeu industrial, demográfico e económico.

A nível industrial, exploraram-se os minérios de cobre, ferro, ouro e prata. A partir do ano de 1880, a mina de Rio Tinto era já responsável pela produção de 10% de cobre a nível mundial, o que fez com que a *Rio Tinto Company Limited* se distingui-se como uma das maiores companhias produtoras deste

¹¹ As Minas de Rio Tinto localizam-se na província de Huelva, comunidade autónoma da Andaluzia, Espanha. Encontra-se a 74km da capital de província, a cidade de Huelva. Em 2010, contava com cerca de 4.200 habitantes.

¹² Segundo os historiadores, foi durante o período da dominação romana que as minas conheceram o seu verdadeiro desenvolvimento. Com a introdução de novas técnicas de exploração e funcionamento da mina, esta foi a época de maior rentabilidade mineira, como atestam os restos de escórias encontradas originárias desse período.

¹³ Este consórcio britânico era constituído pelo Deutsche National Bank, alemão, Matheson & Company, inglesa, Clark & Punchard, construtora ferroviária, Smith, Payne & Smith, inglesa, The Union Bank of Scotland, escocesa, Heywood Sons & Company, inglesa, William Edward, Ernest H. Taylor, Heinrich Doetsch e Wilhelm (estes dois últimos foram os intermediários do negócio na medida em que eram residentes em Huelva).

¹⁴ Nota da autora: do texto original: “(...) la compañía brindo el resurgir de Rio Tinto, se abrieron cortas de explotación y se desarrolla la minería interior.”

minério.¹⁵ (http://www.usc.es/estaticos/congresos/histec05/b21_perez_lopez.pdf, consultado a 01/11/11, página 2, traduzido). Com o propósito do transporte do minério, a companhia construiu uma linha de caminho-de-ferro de modo a que o porto de Huelva fosse uma porta de saída de mercadoria. Essa linha não servia somente os propósitos da empresa mas era também uma infra-estrutura que ligava as diversas povoações em redor do complexo mineiro. Construída num tempo recorde, a linha ferroviária demorou dois anos a estar concluída e tal facto demonstrava, já na época, o poderio económico que se vivia nas minas de Rio Tinto. A necessidade de mão-de-obra para levou a que muitos trabalhadores viessem de outras povoações para ali trabalhar e essa deslocação conduziu a uma transformação social e demográfica profunda. Era necessário albergar trabalhadores e familiares, e todos aqueles que directa ou indirectamente trabalhavam na exploração mineira.

Para além da construção da linha ferroviária, a *Rio Tinto Company Limited* investiu também na exploração de novos veios criando a *Corta Atalaya*¹⁶, na construção de áreas habitacionais, como o bairro dos ingleses e o dos operários, em instalações de saúde, como o hospital e ainda, em espaços lúdicos, como as áreas de desporto sobretudo dedicadas ao futebol e ao *bridge*¹⁷. Os jogos ingleses foram uma descoberta para as gentes locais; tanto foi que os operários da mina começaram a praticá-lo e diz-se que o lugar das minas de Rio Tinto foi o berço do futebol espanhol, dado que foram vários os clubes que aqui se formaram.

De modo a albergar os técnicos, engenheiros e dirigentes ingleses destacados na Minas de Rio Tinto, foi construído de raiz o bairro inglês chamado de *Bella Vista*. Seguindo as directrizes de construção dos ingleses, o bairro da *Bella Vista* envolvia-se num clima de luxo e exclusividade. Era um bairro tipicamente inglês bem ao estilo vitoriano dos finais do século XIX, assim como o mobiliário no interior. A Casa Principal, com mordomos, cozinheiros e empregadas domésticas era o local de reuniões

¹⁵ Nota da autora: do texto original: “A partir de 1880 Río Tinto fabrica el 10% del cobre mundial” e “Durante la mayor parte del siglo XIX, The Río Tinto Company Limited fue una de las mayores compañías productoras de cobre”.

¹⁶ A *Corta Atalaya* é a maior e a mais perfeita exploração a céu aberto de toda a Europa. As dimensões da sua elipse são: 1.200m de comprimento, 900m de largura e 350m de profundidade. Foi um dos projectos mais ambiciosos da *Rio Tinto Company Limited* e esteve em exploração até aos finais dos anos 80.

¹⁷ O *bridge* é um jogo de origem inglesa que descende da mistura de outros, essencialmente de um jogo chamado *triumph*. É um jogo de cartas (52 cartas) jogado por dois pares de jogadores, em que cada parceiro se senta frente-a-frente. Este jogo tornou-se muito popular em meados do séc. XVIII na alta sociedade da Europa e dos Estados Unidos da América.

dos dirigentes ingleses.¹⁸ (http://es.wikipedia.org/wiki/Minas_de_Riotinto, consultado a 21/10/2009, traduzido).

O bairro inglês encontra-se preservado tal e qual como foi durante o período inglês. Seguindo as directrizes de construção inglesa, para os operários foi construído o bairro *El Valle*, habitações de construção em banda, de uma ou duas divisórias. Este bairro não tinha qualquer dos luxos do bairro inglês e muitas das vezes, as pequenas e simples casas chegavam a albergar famílias de 8 a 12 pessoas.

O ano de 1954 foi um ano marcante na gerência e actividade das minas de Rio Tinto. A quebra de produção e consequente quebra de lucro aliada à decrescente procura do minério levou a que a companhia inglesa perdesse o interesse na sua exploração. A partir deste momento, várias foram as empresas que a administraram: a Compañía española de Minas de Riotinto, a Unión explosivos Riotinto, a Riotinto Patiño, a Riotinto Minera e actualmente, a empresa Minas de Riotinto S.A.L.¹⁹ . (http://es.wikipedia.org/wiki/Minas_de_Riotinto, consultado a 21/10/2009, traduzido).

Apesar de várias tentativas na recuperação económica das minas de Rio Tinto que nunca mais atingiram o esplendor de outrora, a década de 80 trouxe o princípio do fim: a partir de 1982 iniciaram-se os trabalhos de desactivação da mina; em 1986, toda a linha de produção foi fechada e as minas foram consideradas por empresas como a KIO e a FreePort McMoran como não rentáveis, o que fazia prever o encerramento total das milenares minas de Rio Tinto assim que se esgotassem as reservas de *gossan*, previsto para o ano de 1996. Contudo, neste mesmo ano num acto surpreendente e insólito na história da gestão da empresa, a grande empresa mineira passou a ser dirigida pelos seus trabalhadores através da constituição de uma sociedade anónima laboral (M.R.T, Sal)²⁰

¹⁸ Nota da autora: do texto original: “(...) el barrio de Bella Vista, se envuelve en un clima de exclusividad y lujo. Este barrio típicamente victoriano, es construido para albergar al personal de origen inglés. La casa consejo era el lugar de reunión de los dirigentes británicos. Esta casa contaba con ama de llaves, camarero, cocinero... El mobiliario originario era de estilo victoriano.”

¹⁹ Nota da autora: do texto original: “(...) varias han sido las empresas que la han explotado: Compañía española de Minas de Riotinto, Unión explosivos Riotinto, Riotinto Patiño, Riotinto Minera y Minas de Riotinto S.A.L. en la actualidad.”

²⁰ Nota da autora: do texto original: “(...) Grupos como KIO e FreePort McMoran, ya no estimaban rentable Riotinto, para la inversión de sus capitales y ante un cierre inminente de la milenarias minas de Riotinto, cuando se agotase las reservas de gossan estimadas en un principio para 1996, se produjo un hecho insólito en historia económica de la gestión empresarial, como fue que una gran empresa minera pasara a ser dirigida por sus trabajadores, con la constitución de una sociedad anónima laboral (MRT, Sal.).”

(http://www.usc.es/estaticos/congresos/histec05/b21_perez_lopez.pdf, consultado a 01/11/2011, pág. 2, traduzido).

A empresa Minas de Rio Tinto S.A.L. criou ainda nos anos 90, um centro de interpretação do Parque Mineiro de Rio Tinto, gerido pela Fundação Rio Tinto para o estudo da extracção mineira e metalurgia. A instituição privada de cariz social, sem fins lucrativos e de carácter permanente, tem como objectivos principais a conservação e o restauro do património histórico-mineiro de todo o complexo mineiro de Rio Tinto, assim como o incremento de alternativas ao trabalho mineiro e a exploração turística de toda a área envolvente. ²¹

(http://www.usc.es/estaticos/congresos/histec05/b21_perez_lopez.pdf, consultado a 01/11/2011, pág.3, traduzido).

Como reconhecimento do bom trabalho realizado, a empresa já foi galardoada por diversas vezes entre os quais se destacam: o prémio *HENRY FORD*, pela Conservação do Património, em 1998, e o prémio de Património Cultural da União Europeia, *EUROPA NOSTRA*, em 2003.²² (<http://www.parquemineroderiotinto.com/museo.html>, consultado a 23/02/2011, traduzido).

Orientada por objectivos específicos como a manutenção de bens, construções, materiais e a concepção e organização de um arquivo histórico, assim como a fundação de um museu «mineiro», a *Fundación Rio Tinto* levou a cabo um intenso trabalho de investigação, reconstrução e organização de documentos e espaços físicos, e hoje, as minas de Rio Tinto vivem não do que a “terra” lhes deu outrora mas de uma actividade económica que lhes “empresta” outra importância, o turismo. Depois de um intenso trabalho de campo, investigação e reaproveitamento de estruturas, foi a vez de reaproveitar espaços para dar a conhecer o que foi a vida na mina nos tempos idos, como se vivia e do que se vivia, e abrir ao público espaços antigos com novas funções.

De todo o esforço realizado nas diversas vertentes para recuperar a história e a vivência das minas de Rio Tinto, a constituição do *Archivo Fundación Rio Tinto*, foi um

²¹ Nota da autora: do texto original: “ (...) centro de interpretación del Parque Minero de Riotinto, (...) gestionado por Fundación Río Tinto para el Estudio de la Minería y de la Metalurgia. Institución Cultural privada, sin ánimo de lucro y de carácter permanente, que tiene como fin la conservación y restauración del Patrimonio Histórico-Minero de la Comarca Minera de Riotinto, así como el fomento de alternativas de empleo para el sector minero y la explotación turística de la zona.”

²² Nota da autora: do texto original: “(...) el Premio HENRY FORD a la Conservación del Patrimonio (1998) y el Premio de Patrimonio Cultural de la Unión Europea EUROPA NOSTRA (2003).”

dos pontos mais aliciantes e organizativos do processo. O Arquivo Histórico Mineiro conserva um grande repositório documental criado ao longo dos anos pelas diversas empresas que geriram as minas de Rio Tinto. Tem também nos seus arquivos, documentação, informação e relatórios de outras minas da província de Huelva. Até ao início deste projecto de manter, tratar, guardar e estruturar toda a documentação existente num arquivo histórico, nenhuma outra entidade, empresa privada ou pública o tinha feito até então. ²³

(http://www.usc.es/estaticos/congresos/histec05/b21_perez_lopez.pdf, consultado a 01/11/2011, pág. 2, traduzido).

Para além de ser uma importante fonte documental, quer a nível demográfico, social e económico, também o é a nível científico e técnico na medida em que a informação arquivada se estende desde as técnicas de trabalho à exploração, à quantidade de minério explorado e exportado e à utilização de certos processos válidos, ou não, realizados na mina ao longo de todos os anos de exploração pelas diferentes empresas.

A constituição e organização documental do Arquivo Histórico Mineiro tiveram início nos finais dos anos 90, e hoje é considerado uma das peças chave na conservação do património histórico mineiro. Para além da importância ao nível da história mineira da província de Huelva, este arquivo está considerado como uma das peças fundamentais para o estudo da História contemporânea e mineira de Espanha. De modo a garantir a durabilidade e o conhecimento do património documental agora organizado e compilado, o Arquivo Histórico Mineiro disponibiliza ao público enquanto espaço bibliotecário, cerca de 28.443 fontes documentais e de investigação. O repositório encontra-se organizado em 4 áreas: arquivo, cartografia, fotografia e biblioteca.²⁴

²³ Nota da autora: do texto original: “El Archivo Histórico Minero aglutina una abundante masa documental generada por estas compañías mineras que explotaron las minas de Río Tinto y de otras minas de la provincia de Huelva, que prácticamente hasta su creación, no habían tenido ninguna respuesta para su conservación y organización, ni ningún tratamiento archivístico adecuado por parte de ninguna institución pública o privada especializada (...).”

²⁴ Nota da autora: do texto original: “(...) Su organización comienza sistemáticamente a partir de finales de 1990, y hoy en día non es exagerado afirmar que el Archivo Histórico Minero se erige en una las piezas clave del patrimonio histórico minero, y en un eslabón fundamental para la investigación de la Historia Contemporánea y Minera de España. Se pretende asegurar el conocimiento y la difusión de la cultura minera y de la historia onubense, posibilitando el acceso masivo de masas a la información, asegurando la información y perdurabilidad del patrimonio documental minero.” (...) O *Archivo Fundación Rio Tinto* “(...) consta en la actualidad de 28.443 unidades de instalación documentales dispuestos a la investigación. La documentación organizada está distribuida en cuatro departamentos: Archivo, Cartoteca, Fototeca y Biblioteca”.

(http://www.usc.es/estaticos/congresos/histec05/b21_perez_lopez.pdf, consultado a 01/11/2011, pág. 3, traduzido).

No que outrora fora o hospital dos trabalhadores da *Rio Tinto Company Limited*, construído em 1927, criou-se um espaço que nos conduz numa viagem de quase 5000 mil anos de história, que nos leva por áreas diversas como a geologia, a história e o meio ambiente de toda a região. O *Museu Mineiro “Ernest Lluch”*²⁵ conserva as características da arquitectura britânica da época. Com uma superfície de 1800m² e 8 espaços de exposições destacam-se a reprodução de uma exploração mineira Romana e a secção etnográfica, assim como inúmeras peças de mineração e metalurgia de todos os tempos. Uma peça única do museu é, sem dúvida, a denominada carruagem do Marajá, a carruagem de via estreita mais luxuosa do mundo, construída para a Rainha Vitória de Inglaterra e trazida para a Bacia Mineira de Rio Tinto por ocasião de uma visita do Rei Afonso XIII.

O *Bairro da BellaVista*, construído no século XIX para acolher a colónia britânica que administrava as minas de Rio Tinto, faz-nos viajar no tempo até à época vitoriana, e enquadra-nos na atmosfera daquele período e, o melhor exemplo ainda hoje possível de ser visitado, é a *Casa n.º 21*. Construída por volta de 1895, e graças a um meticuloso restauro, nos seus quase 600 metros, o edifício “transporta-nos” para a vida quotidiana de uma família britânica neste lugar da Andaluzia assim como nos permite imaginar o que fora a sua vivência ao longo de 84 anos. A *Casa n.º 21* tem disponíveis à visita dois espaços dedicados aos acontecimentos na colónia britânica.

Outro espaço integrante do complexo mineiro é *Mina Peña del Hierro*, espaço que remonta à época romana embora tenha sido explorada mais intensamente no século XIX, período em que alcançou o seu maior apogeu, destacando-se a elevada pureza dos seus minérios. Esta exploração mineira a céu aberto tem mais de 150 metros de profundidade. Aqui, os visitantes, acompanhados por guias especializados, podem usufruir de uma magnífica paisagem, visitar uma verdadeira galeria subterrânea com mais de 200 metros de comprimento, descobrir a nascente do Rio Tinto, e ficar a conhecer o local onde o Astro-Centro de Biologia e a NASA realizam as suas experiências científicas no âmbito do projecto MARS.

²⁵ O Museu Mineiro presta homenagem a Ernest Lluch, que para além de ter sido o primeiro presidente da Fundación Rio Tinto, de 1988 a 1991, foi assassinado por terroristas partidários da ETA no dia 21 Novembro 2000. Para além do Museu, também a praça onde se encontra o edifício recebeu o mesmo nome.

Um dos pontos de maior atracção para quem visita as Minas de Rio Tinto é sem dúvida, o comboio turístico. A chegada dos ingleses significou também desenvolvimento e modernidade nomeadamente, com o advento da construção de uma linha de caminho-de-ferro²⁶, que assegurava o transporte do minério e outros produtos entre as minas e o porto de Huelva. Do traçado original, que corria em paralelo ao Rio Tinto e que chegou a contar com 143 locomotivas, 2000 vagões de minério e mais de 1300 carruagens, foram recuperados 12 km para o uso do comboio turístico. Com o restauro de duas das locomotivas e suas respectivas carruagens para o fim acima citado, os visitantes usufruem de uma viagem no tempo assim como de um cenário impressionante que os acompanha ao longo de toda a viagem.

Para além das estruturas físicas recuperadas de modo a ser um exemplo daquilo que as Minas de Rio Tinto foram no passado, existe um lugar que impressiona pela sua beleza natural, pelas suas dimensões e por ser um dos maiores do mundo: a *Corta Atalaya*²⁷. Este espaço natural foi um dos projectos mais ambiciosos da *Rio Tinto Company Limited* tendo sido explorado até aos finais dos anos 80. Esta imponente brecha na terra encerra uma beleza agreste, onde o vermelho sangue do minério contrasta com a cor esmeralda dos lagos de águas sulfurosas do seu subsolo. Olhar para o seu interior provocará no visitante uma sensação difícil de esquecer.



Figura 2 – Vista aérea da *Corta Atalaya*, Mina de Rio Tinto.

Fonte: <http://viajardespacio.com/el-legado-arqueologico-de-minas-de-riotinto>, consultado a 01/03/2012

²⁶ A rede ferroviária mandada construir pelos ingleses tinha cerca de 300km de extensão, começou a ser construída em 1873 e manteve-se em exploração até 1984.

²⁷ A *Corta Atalaya* tornou-se uma fórmula revolucionária de extrair o minério em forma de “corte”, que gerou a maior exploração mineira sob céu aberto da Europa, e uma das maiores do mundo.

Dois outros aspectos interessantes são a origem do nome das minas e a sua peculiar paisagem. O nome de Rio Tinto²⁸ advém do curso de água que é sobranceiro ao espaço mineiro. Foi por este rio que muito minério chegou a outras cidades e portos do sul da Espanha até que o seu transporte passou a ser realizado através do comboio trazido pelos ingleses. Este rio é conhecido como o rio das águas vermelhas sendo-lhe reconhecidas características como a unicidade, pela sua beleza cromática e raridade devido às suas excepcionais condições ambientais. Este rio é também conhecido como o «rio vermelho» devido ao facto de conter nas suas águas altos níveis de ferro, que causam a coloração vermelha, assim como acumulação de ácidos de pH2.2 que não permitem a maioria de formas de vida no seu caudal. Estas águas contêm muitos metais e pouco oxigénio, factores que o tornam peculiar e interessante ao nível do estudo científico. Como tal, a agência espacial norte-americana, NASA, e o Centro Espanhol de Astrobiologia focaram a sua atenção em Rio Tinto de modo a poderem estudar as semelhanças entre as suas condições ambientais e as que poderiam dar-se no planeta Marte²⁹.

À singularidade do rio juntam-se as atractivas paisagens e história local que constituem desde há muito uma atracção imensa no mundo do cinema. A especificidade e a diferença paisagística das minas de Rio Tinto já serviram de cenário natural para imensos *spots* publicitários assim como alguns documentários tais como “Os Ingleses em Rio Tinto” e “Rio Tinto, a Memória das entranhas da terra”, ambos de 2006. O filme “O Coração da Terra” retrata o ambiente da revolta mineira de 1888, conhecido como o ano dos tiros, e deu origem à criação de uma rota turística promovida pela *Andaluzia Fim Comission*.

Da recuperação ao investimento, do plano à concretização, o parque temático de Rio Tinto com os seus diferentes pontos de interesse como o Museu Mineiro e a mina Romana, a exemplar Casa Vitoriana e a mina a céu aberto de Peña de Hierro, complementados com a viagem em comboio na antiga linha ferro carril são, não só atracções turísticas da província de Huelva mas um modo distinto de recuperar e dar a

²⁸ O Rio Tinto nasce na montanha de Sierra Moreno e desagua no Golfo de Cádiz, Huelva, e tem uma extensão de 100km. A cor das águas, avermelhadas, que também dá origem ao nome, nada tem a ver com a eventual contaminação mineira.

²⁹ A NASA escolheu este lugar para algumas das suas experiências/estudos porque durante anos o rio foi considerado morto até que, há alguns anos atrás se deu o aparecimento de algumas algas microscópicas (plâncton), na sua superfície, que se alimentam de minerais e se adaptam a *habitats* extremos, características semelhantes às do planeta Marte.

conhecer a tradição mineira da província assim como a história económica e contemporânea deste sector, quer no âmbito da comunidade andaluza quer de toda a Espanha.³⁰ (<http://zalameanoticias.wordpress.com/2011/01/15/el-parque-minero-de-riotinto-recibe-69-387-visitantes-en-2010/>, consultado a 20/11/2011, traduzido).

Apesar do decréscimo sentido no ano de 2010 no qual se registaram 69.387 visitantes contra os 80 mil de 2009, a avaliação geral é muito satisfatória. É um projecto que demonstra os seus “frutos” dia-a-dia, reflecte positivamente todo o investimento e esforço aplicado e será para continuar pois é um espaço de memórias que presta homenagem à mina e aos mineiros. O parque temático funciona também como uma mostra da cultura do trabalho mineiro e de “guardião” da memória e grandeza de Rio Tinto ao longo destes 5.000 anos de história.”³¹ (<http://huelvainformacion.es/article/provincia/320745/parque/minero/riotinto/recibio/pasado/ano/casi/visitas.html>, consultado a 03/03/2011, traduzido)

Independentemente da sua função original, todos os exemplos citados e descritos são casos de sucesso e podem servir de modelo base para a concretização de projectos semelhantes. O objectivo principal é não deixar “morrer” o património e a sua história, porque o passado já não pode ser alterado mas o futuro pode trazer novas realidades e sobretudo, nova utilidade.

³⁰ Nota da autora: do texto original: “(...) El parque temático de Riotinto, con sus diferentes puntos de interés como el museo minero con su mina romana, la casa victoriana, la mina a cielo abierto de Peña de Hierro y el viaje en ferrocarril minero, no sólo es una de las ofertas turísticas más atractivas de la provincia de Huelva, además se encarga de recuperar y mostrar la tradición minera de la provincia y el conocimiento de la Historia Económica en su sector de la minería y de la Historia Contemporánea de Andalucía y España en general.”

³¹ Nota da autora: do texto original: “(...) un homenaje a la mina y los mineros, así como una muestra de la cultura del trabajo que sirve para no perder la memoria histórica, de cuando Riotinto fue un nombre con proyección”³¹ sirviendo simultaneamente para proteger “(...) el importante legado generado durante 5.000 años de historia.”

II – Mértola e a sua envolvente

“Com vestígios que remontam ao Neolítico, o Concelho de Mértola apresenta actualmente, sítios arqueológicos que nos permitem regressar ao passado sem a ajuda da máquina do tempo.”³²

2.1. – Caracterização do Concelho de Mértola

O Concelho de Mértola localiza-se no extremo sul da região do Baixo Alentejo e é atravessado de Norte a Sul pelo Rio Guadiana. A área do Município é de 1.292,7km², limitado a Norte pelos Concelhos de Beja e Serpa, a Oeste pelos Concelhos de Castro Verde e Almodôvar, a Sul pelo Concelho algarvio de Alcoutim e a Este pela província espanhola de Huelva. A sede de Concelho, Mértola, dista a 50km de Beja e cerca de 240km de Lisboa. O Concelho de Mértola sub-divide-se em 9 freguesias: Alcaria Ruiva, Corte do Pinto, Espírito Santo, Mértola, Santana de Cambas, S. João dos Caldeireiros, S. Miguel do Pinheiro, S. Pedro de Sólis e S. Sebastião de Carros.

Segundo dados de 2001, a população residente era de 8.511 habitantes e a população activa era de 3125 indivíduos dos quais 2741 estariam efectivamente empregados.

No que diz respeito à estrutura produtiva segundo os sectores da economia, tendo por base dados de 2001, 58% da população trabalhava no sector terciário (comércio e serviços), ou seja, mais de metade da população, enquanto que o sector secundário apresentava uma taxa de 23% e o sector primário, de apenas 19%. Segundo dados da Câmara Municipal de Mértola, das 844 empresas sedeadas no Concelho, “30% desenvolvem as suas actividades no domínio das pescas, 27% na área da agricultura, produção animal, caça, silvicultura e pescas; 15% na área da construção, 12% na área do alojamento e restauração e 7% na área da indústria transformadora”. (http://www.bejadigital/pt/conteudo/territorial/marketing+territorial/Regional/Marketing_Territorial_no_Baixo_Alentejo.htm, consultado a 23/11/10).

A nível turístico, o Concelho de Mértola apresenta uma vasta diversidade de recursos, desde o património natural ao cultural, passando pela oferta gastronómica e de artesanato, não esquecendo as festas, feiras e romarias, tomando como exemplos, o

³² *Roteiro para o Património* (2004), Mértola, Câmara Municipal de Mértola, pág. 1.

importante Festival Islâmico³³ e o Festival do Peixe do Rio³⁴, que são dois dos eventos responsáveis por atrair o maior número de turistas/visitantes³⁵ durante principalmente, os meses de verão.

Segundo as estatísticas do posto de turismo de Mértola, de 2003 a 2005, o número de visitantes anuais rondou os 15.000 visitantes, tendo-se verificado períodos de sazonalidade entre o Inverno e o Verão, dado que é nos meses de Março a Agosto que se realizam grande parte dos eventos culturais e no qual se concentra o período de férias estivais. No ano de 2010, a mesma fonte de informação registou cerca de 30.000 visitantes, o que reflecte a procura pelo local nas variadas vertentes.

No que se refere à origem dos visitantes, o maior mercado é o português, com cerca de 54,38%, seguindo-se o mercado inglês, alemão, espanhol, francês e holandês. A procura nacional é na sua maioria caracterizada por estadas de curta duração, normalmente de fins-de-semana.

2.2 – História e Património

Estrategicamente situada num morro em anfiteatro, tendo o rio Guadiana a seus pés, a cidade de Mértola concentra em si e na sua história, das mais ricas escavações arqueológicas do nosso país. Privilegiada pela sua localização geográfica, Mértola foi no passado um importante entreposto comercial durante o período das dominações fenícia, cartaginense, romana e árabe.

Figura 3 – Mértola

Fonte: Foto da autora



³³ O Festival islâmico celebra toda a herança histórica da vila e a sua forte influência islâmica. Realiza-se de 2 em 2 anos, e durante o mês de Maio, a vila revela-se fértil em cultura, animação e conhecimento.

³⁴ Um típico festival gastronómico associado ao peixe do rio. Decorre anualmente na aldeia ribeirinha do Pomarão durante o mês de Março.

³⁵ Segundo a Organização Mundial do Turismo (O.M.T), turista é um visitante que permanece pelo menos 24 horas no país visitado e cujos motivos de viagem podem ser de lazer (férias, saúde, estudos, religião, desporto e prazer) de negócios, por razões familiares, para missões e para reuniões de trabalho. No que diz respeito ao excursionista, são considerados visitantes temporários que permanecem menos de 24 horas no país visitado (incluindo os viajantes em cruzeiro).

A fixação humana nesta parte do território ficou a dever-se muito provavelmente ao rio, eixo fluvial de ligação ao mar, à agricultura e à pastorícia, que conjuntamente com riqueza mineira (cobre, chumbo, ferro, ouro e prata), foram suficientemente atractivos para fixar populações e lhes garantir a subsistência necessária. (OLIVEIRA: 1994;40, adaptado)

Desde sempre e muito devido à sua localização estratégica foram construídas pelas suas encostas e ao longo de séculos, diferentes linhas de muralhas defensivas já que a antiga cidade, e desde a Idade do Ferro, se apresentava como um importante porto fluvial e marítimo, por via do rio Guadiana, o que lhe dava uma importância comercial e económica de grande riqueza e utilidade. Essa sua importância pode ser comprovada pela quantidade e qualidade de peças de cerâmica oriental encontradas nas escavações efectuadas pelos peritos do Campo Arqueológico de Mértola³⁶, sendo que a maioria das peças datadas dos períodos fenício e púnico, foram classificadas como produtos de luxo. (TORRES:2010;Adaptado).

Com a chegada dos Romanos no século I a.C, e a consequente exploração do terreno agrícola e do eixo fluvial, *Myrtilis*, como era conhecida neste período, foi sem dúvida uma “base de operações nas campanhas contra os lusitanos” (TORRES:3;2010) e simultaneamente, uma das cidades mais importantes no sul da Lusitânia já que tinha o direito a cunhar a própria moeda e apresentava uma malha urbana de grande riqueza, organização e sumptuosidade. A sua importância era tal que foi “ (...) Incluída na rede de cidades do Império Romano (...) e foi sede de um município regido pelo direito do Lácio e participou intensamente na rede de circulação de pessoas e bens dentro do próprio Império” (TORRES:3;2010). Por influência do porto fluvial, a cidade tornou-se um importante pólo de escoamento de produtos, quer seja agrícola ou mineiro, e também uma porta de entrada de produtos vindos do Oriente, o que contribuiu ao longo dos tempos para fixar as diferentes influências culturais que se demarcaram no território. Como testemunha do património construído, ainda hoje são vários os vestígios que lhe conferem essa importância histórica, tais como o Criptopórtico, a Torre Couraça, a casa romana e as vias romanas, entre outros exemplos espalhados por todo o Concelho. Com a adopção do Cristianismo como religião oficial de todo o Império Romano, também

³⁶ Criado em 1978, o Campo Arqueológico de Mértola tem por objectivos a investigação científica multidisciplinar no âmbito das ciências sociais e humanas tal como um interesse pela história e arqueologia.

em *Myrtilis* se reestruturaram os espaços como atestam os vestígios das Basílicas Paleocristãs e a Alcáçova onde se encontra um baptistério octogonal.

Com a queda do Império Romano, a cidade perde interesse estratégico e comercial mais tarde recuperado durante o domínio muçulmano e consequente re-introdução nas rotas comerciais islâmicas (OLIVEIRA:1994;40,adaptado).

Dos sécs. VI a VIII, e através de peças arquitectónicas como colunas e pilastras, pode comprovar-se a presença da civilização visigoda nesta parte do território.

Com a invasão dos povos do Norte de África, liderados por Tarik em 711, *Martulah*³⁷, vê reforçada a sua importância estratégica sendo reconhecida como “o porto mais Ocidental do Mediterrâneo” (<http://www.cm-mertola.pt/cm-mertola/default.asp?SqlpageGuiaVisitanteMertola&CpContentId0218&Style=amarelo.css>, consultado a 23/11/10). Nesta época, a cidade desenvolve-se, estende-se para além do povoamento concentrado na margem direita do rio, e atinge o seu apogeu, o seu esplendor, quer seja a nível de riqueza proporcionada pelas trocas comerciais quer seja a nível urbanístico. A construção do bairro islâmico no passado permite, hoje em dia, e após vários anos de escavações arqueológicas, identificar as habitações e seus compartimentos, os tradicionais pátios centrais e foco da vida familiar, assim como a própria estrutura urbana nomeadamente no que se refere a ruas e praças. Presentemente, é ainda possível admirar este “conjunto único feito de paredes caiadas, telhados dos velhos tempos, ruas íngremes e estreitas, escadinhas e pequenos largos.” (Lugares a Visitar em Portugal:2001;244) Deste período destacam-se a antiga Mesquita do séc. XII, actual Igreja Matriz, troços do Bairro Islâmico, a muralha romano-árabe e o excelente acervo de objectos que constituem a mais importante colecção de arte islâmica do nosso país.



Figura 4 – Interior da antiga mesquita de Mértola.

Fonte: <http://olhares.uol.com.br/interior-da-mesquita-mertola-foto1488445.html>, consultado a 28/02/2012.

³⁷ Durante o domínio muçulmano na Península Ibérica, a cidade passou a ser chamada de Martulah.

Conservados no Museu de Mértola, o espólio é composto por “dezenas de artefactos em vidro e cerâmica, assim como moedas e jóias” que vinham de diversos pontos do Mediterrâneo tais como “cidades do al-Ándalus, do Magrebe e do Próximo Oriente” (TORRES:5;2010), o que demonstra o valor do intercâmbio comercial.

Através da expansão cristã do território, D. Sancho II conquista a cidade aos Mouros em 1239, e doa-a à Ordem Militar de Santiago de Espada: a partir deste momento a vila perdeu importância e fulgor comercial. As alterações sócio-económicas trouxeram forçosamente a quebra dos laços comerciais com o resto do Mediterrâneo, as elites burguesa e mercantil emigram para Sevilha e a agricultura passa aparentemente a ser a actividade económica mais importante passando os produtos como cereais, vinho e azeite, a serem comercializados através de feiras anuais ou bi-anuais (OLIVEIRA:1994;41,adaptado). O tráfego fluvial, à excepção do período de exploração das Minas de São Domingos nos séculos XIX e XX, ficou reduzido ao transporte de mercadorias agrícolas em território nacional.

No início do séc. XVI, o rei D. Manuel I outorga foral à vila de Mértola e em pleno período das descobertas marítimas portuguesas, é a partir deste porto fluvial que partem os barcos com os cereais para abastecer as praças portuguesas do Norte de África.

No período da Inquisição, a revitalização trazida com as descobertas marítimas voltou a decair. O rio Guadiana enquanto “porta” para o Mediterrâneo deixou de existir. As perseguições, desconfianças e censuras aos mercadores e comerciantes, e em muitos casos, judeus, fez com que muitos abandonassem o nosso país. Sem elite mercantil, com o eixo de escoamento fechado e sem produtos de excepção, Mértola perdeu todo o seu esplendor económico e passou a viver do que a terra proporcionava, ou seja, do minério.

Com a actividade mineira em grande expansão no território português em finais do séc. XIX, e com a descoberta dos minérios em S. Domingos, mais tarde, Mina de São Domingos, todo o actual concelho de Mértola viveu uma época de prosperidade, caracterizada sobretudo por um acentuado crescimento demográfico. Durante quase um século foi a exploração mineira que deu emprego, casa e estabilidade social a grande parte desta mão-de-obra. Esta mesma actividade trouxe porém uma grande crise social e económica aquando o seu encerramento, obrigando a que muitos, para sobreviverem, abandonassem a zona num movimento de fuga para as grandes cidades e até além fronteiras. “Entre 1961 e 1971, o Concelho de Mértola perde mais de 50% da sua população.”

(<http://wwwcmmertola.pt/cmmertola/default.asp?SqlpageGuiaVisitanteMertola&CpContentId0218&Style=amarelo.css>, consultado a 23/11/10).

Esta constante perda de massa humana continua a sentir-te no decorrer do séc. XX sobretudo no período após 25 de Abril, muitos foram os que partiram à procura de novas oportunidades sobretudo para os países da Europa Central. Contudo, o final do século, e através de incríveis trabalhos de perícia e pormenor, trouxe novo alento ao concelho e à vila de Mértola através da arqueologia.

A partir dos anos oitenta, as fontes escritas e documentos antigos foram suplantados pelas escavações arqueológicas, que confirmaram que Mértola era bem mais antiga do que aquilo que se pensava na realidade. Estas descobertas vieram permitir um conhecimento mais abrangente e fidedigno do passado local e possibilitaram “transformar esse imenso património em factor de desenvolvimento económico e cultural.” <http://wwwcm-mertola.pt/cm-mertola/default.asp?SqlpageGuiaVisitanteMertola&CpContentId0218&Style=amarelo.css>, consultado a 23/11/10). O património e a cultura acumulados ao longo dos séculos permitiram transformar Mértola numa «Vila Museu», hoje imagem de marca de um circuito turístico com grande importância e dinamismo para o desenvolvimento económico, social e cultural da região (TORRES:5;201,adaptado).



Figura 5 – Vista parcial do Campo Arqueológico de Mértola

Fonte: <http://espacoememoria.blogspot.com/2010/10/jantar-tertulias-29-10-2010.html>, consultado a 28/02/2012

Actualmente, Mértola tem tudo para poder ser de novo um pólo de atracção importante, tirando partido para além da componente arqueológica e histórica, do seu património natural, e como tal merecem referência os passeios fluviais e de descoberta

da natureza no Parque Natural do Vale do Guadiana, e o grande conjunto de produtos tradicionais, o artesanato, a tecelagem e as festividades locais.

2.3 – As potencialidades turísticas

“É importante estudar o passado e conhecer a nossa história mas isso não é suficiente, temos de saber como utilizá-la ou reutilizá-la para criar novas relações, contactos e mais valias e adaptarmo-nos às realidades do mundo moderno” (MARTINS:prefácio;2010).

Que a área do Concelho de Mértola tem potencial turístico, isso sem dúvida, é um dado reconhecido. Contudo, importa constatar e enquadrar o que tornam esta área tão rica ao nível turístico. Segundo uma análise feita pela Câmara Municipal de Mértola, “ (...) A actividade turística no Concelho de Mértola tem um potencial enorme, ligado à animação turística, turismo de Natureza, alojamento e restauração. O património construído e arqueológico, a beleza paisagística, a gastronomia, a caça, o Parque Natural do Vale do Guadiana, a praia fluvial da tapada da Mina de S. Domingos, o sítio do Pulo do Lobo, a Serra de Alcaria, entre outros, constituem recursos excepcionais para o desenvolvimento da actividade turística. (...)” (<http://wwwcm-mertola.pt/cm-mertola/default.asp?SqlpageGuiaVisitanteMertola&CpContentId0218&Style=amarelo.css>, consultado a 23/11/10).

Sabendo das características do seu território, o valor e empenho das suas gentes e potenciando a diversidade, o concelho de Mértola tem uma variadíssima oferta de visitas/actividades passíveis de serem realizadas e adaptadas ao gosto de cada um, e essa oferta/versatilidade estende-se por áreas diversas como visitas guiadas à «Vila Museu», passeios pedestres e observação de aves no Parque Natural do Vale do Guadiana, actividades desportivas e náuticas, experiências únicas, “viagens no tempo e na história”, entre outras. Contudo, e apesar das mais valias já citadas, existe um valor que coloca Mértola uma vez mais no mapa dos locais a visitar no nosso país: as potencialidades cinegéticas do concelho tornaram Mértola a capital da caça a nível nacional.

- A «Vila Museu» -

E porque nem só de histórias vive a História, Mértola também conhecida como «Vila Museu» devido ao seu património arqueológico, atrai os seus visitantes envolvendo-os numa atmosfera diferente proporcionando passeios “com história”, que faz viajar no tempo quem visita esta Vila alentejana. É importante realçar que o património construído de Mértola não se centra exclusivamente no seu riquíssimo património arqueológico mas também “na sua unidade orgânica e riqueza arquitectónica” (OLIVEIRA:46;1994) acrescido ainda pelas diversas construções isoladas dispersas pelo concelho, no qual se inclui a Mina de São Domingos.

Nos anos oitenta, e antecipando um futuro “risonho” para a vila e concelho de Mértola ao nível turístico, a Câmara Municipal de Mértola, a Associação de Defesa do Património de Mértola e o Campo Arqueológico, traçaram um projecto museológico de investigação e interpretação arqueológica, que incluía os quatro núcleos de civilizações que habitaram o espaço, o núcleo romano, o núcleo islâmico, o núcleo visigótico e o núcleo paleo-cristão (OLIVEIRA:50;1994,adaptado) de modo a criar um projecto cultural e sustentável que servisse os interesses turísticos previamente delineados. Segundo se constatou, “ (...) A estratégia de musealização utilizada pretendeu contribuir para a animação cultural da vila, dispersando os vários núcleos pela sua estrutura urbana e associando-lhe um outro conjunto de pólos activos (...). (OLIVEIRA: 50;1994), onde fosse possível associar algumas actividades locais complementares, como o artesanato, a tecelagem, a gastronomia, a ourivesaria, entre outros.



Figura 6 – Vista parcial de Mértola

Fonte: <http://www.bejadigital.pt/NoticiaDisplay.aspx?ID=841>, consultado a 28/02/2012

Deste trabalho, investimento, dedicação e esforço local surge o reconhecimento da vila de Mértola enquanto «Vila Museu». A riqueza, diversidade e unicidade do legado histórico estão disponíveis a quem os quiser conhecer, quer seja a título particular, quer seja através de visitas guiadas ao centro histórico, nas quais se propõe “uma aventura no tempo, no canto das vozes, nos ofícios e dizeres, nos aromas e gostos e no rosto das gentes que encontra pelo caminho” (*Mértola, o que fazer?*; C.M.M).

- O Parque Natural do Vale do Guadiana -

Dentro da área do concelho de Mértola localiza-se uma das mais importantes áreas naturais protegidas, o Parque Natural do Vale do Guadiana³⁸. E porque a história não passa só pelos monumentos e edifícios, a área de abrangência do parque permite a prática de diversas actividades de turismo aventura, desde a escalada ao *trekking*, das caminhadas aos *peddy-papers*, todas elas agrupadas na óptica da prática desportiva.

No que diz respeito às actividades desportivas praticadas ao ar livre, podemos enumerar o *BTT*, as cordas, as descidas do Rio Guadiana, o parapente, os passeios *TT* (todo o terreno), o tiro e o *paintball*, pratica realizada na área da Mina de São Domingos. Todas estas acções são organizadas por empresas locais que encontraram neste nicho de mercado uma oportunidade de estabelecer o seu negócio já que, e sendo a natureza um recurso infindável, as opções, escolhas e actividades a realizar são também elas múltiplas e para o aproveitar basta ter vontade e imaginação.

Contudo, e ainda na análise de “aventura” à qual se junta a “natural”, o parque oferece a quem o visita uma rica flora e fauna caracteristicamente alentejana que engloba zonas de montado, áreas de matagal mediterrâneo³⁹, estepe cerealífera e diversos cursos de água que atravessam toda a área protegida, não podendo esquecer o “grande rio do sul”, o Rio Guadiana⁴⁰. Ainda aqui incluímos os passeios pedestres com

³⁸ O Parque Natural do Vale do Guadiana, criado pelo Decreto-Lei n.º 28/95 de 18 de Novembro, está situado no vale médio do Rio Guadiana e ocupa uma superfície total de 69.773hc de território distribuído pelos concelhos de Mértola e Serpa. No concelho de Mértola ocupa as freguesias de Corte Pinto, Espírito Santo, Mértola, Santana de Cambas, S. João dos Caldeireiros e parte da freguesia de Alcaria Ruiva.

³⁹ Nas áreas de montado encontram-se vestígios de Azinho e Sobreiro, nas de matagal mediterrâneo Estevas, Sargaço e Trovisco, e nas estepes cerealíferas existem culturas de sequeiro em rotação com pastagens.

⁴⁰ O Rio Guadiana é um rio internacional que nasce em Espanha e desagua na cidade de Vila Real de Santo António, Portugal, directamente no Oceano Atlântico.

acompanhamento especializado de guia, pelos trilhos e caminhos do Parque Natural do Vale do Guadiana.

As grandes planícies servem também de cenário e enquadramento para uma actividade que tem crescido nestes últimos anos, quer em quantidade, quer em qualidade. A observação de aves, conhecido por *birdwatching*, tem vindo a ganhar seguidores e o seu número cresce de ano para ano. A qualidade deste produto que já se considera ser o segundo produto turístico mais importante da região, palavras de João Rolha⁴¹, tem vindo a melhorar todos os anos na medida que se diversificam os percursos pedestres e se melhora a oferta, complementando com outras actividades ou outros produtos.

Este nicho de mercado é uma forma complementar a outros produtos, como a caça ou o sol e mar, e dada a sua importância a nível ambiental, todos os percursos pedestres são acompanhados por um profissional especializado, em áreas pré-definidas e em períodos de tempo específicos dado que, e devido à vulnerabilidade da oferta, muitos destes passeios são realizados nos períodos de imigração de aves. O *birdwatching* pode ser combinado com uma outra oferta disponível pelas diferentes empresas ligadas à animação turística, nomeadamente a Merturis, empresa municipal de turismo, e a Zen Discovery, empresa privada pertencente à Estalagem de São Domingos, entre outras.

Para os “amantes” da fotografia, a beleza e singularidade paisagística não são indiferentes e são já vários os grupos de pessoas que se reúnem para “imortalizar” paisagens e momentos considerados únicos.

Outra atracção a considerar ainda dentro dos limites do Parque é o Pulo do Lobo. O Pulo do Lobo é um local de grande interesse geológico e paisagístico na medida em que é precisamente neste lugar que as águas do Rio Guadiana caem a pique numa altura de 20 metros, o que faz com que seja a maior queda de água de Portugal Continental, criando assustadoramente uma grande garganta natural entre dois rochedos que possivelmente só poderiam ser ultrapassados através do salto de um animal, e neste caso, o “pulo do lobo”, animal de bosques e florestas.

⁴¹ Nota da autora: eu e o Sr. João Rolha, funcionário da Merturis, tivemos uma conversa informal num dos dias de investigação na vila de Mértola.



Figura 7 – Pulo do Lobo

Fonte: <http://www.portaldoalentejo.net/index.php?progoption=turnews&do=shownew&topic=27&newid=134>, consultado a 28/02/2012

– O Turismo cinegético -

Reconhecida como ponto de encontro de culturas ao longo dos séculos, terra de história e de museus, o concelho de Mértola oferece também belas planícies envoltas na natureza selvagem que servem de abrigo a espécies cinegéticas que constituem uma grande riqueza natural e uma mais valia para a região. Com cerca de 90% do território do concelho afecto à exploração cinegética, a área de caça divide-se entre propriedades públicas, privadas e de associativismo. A extensão da área venatória prende-se com o facto de que os solos são pobres para as explorações agrícolas e pecuárias, ou seja, improdutivos, mas que por outro lado o tornam excelentes e com óptimas condições para a exploração da fauna cinegética. Nos limites geográficos, o concelho tem 56 Zonas de Caça Turística (ZCT), 1 Zona de Caça Municipal (ZCM) e 63 Zonas de Caça Associativa (ZCA)⁴². Com capacidades reconhecidas ao nível da conservação da biodiversidade local pela sua dinâmica de ordenamento e manutenção de *habitats* e espécies cinegéticas e não-cinegéticas, a actividade cinegética tem vindo a conquistar mais seguidores que pela sua “paixão” ou simples *hobby*, ajudam a gerar receitas que por sua vez contribuem para a sustentabilidade do mundo rural e do meio ambiente. As montarias, as esperas e a caça com cães de parar são algumas das actividades possíveis

⁴² Informações disponibilizadas pela Direcção Geral de Florestas e actualizadas a 22 Junho de 2011.

nas zonas de caça mencionadas. No que diz respeito à caça maior destaca-se o javali, o veado, o gamo e ainda o corso. O produto cinegético da região centra-se na perdiz-vermelha, na lebre e no coelho bravo, todos em estado selvagem.

Anualmente e no mês de Outubro tem lugar a Feira da Caça de Mértola, acontecimento que reúne não só seguidores como participantes e curiosos da actividade, na qual se aproveita também para divulgar as capacidades e potencialidades da área cinegética em questão e mostrar para além do produto “caça”, a gastronomia e os “sabores” que daí advêm. Em complementaridade organizam-se também actividades como provas de caça, mostras de cães de caça, demonstrações, passeios TT (Todo o Terreno), entre outros.

O turismo cinegético, e uma vez mais nas palavras de João Rolha, é o produto turístico por excelência do concelho de Mértola. Com capacidades demonstradas, valores existentes e óptima capacidade organizativa, a caça tem vindo a revelar neste últimos anos que a “história” e a riqueza de um lugar não se medem pelos seus monumentos ou bens arquitectónicos. Quase como que em linha directa, do tipo descendência, a actividade venatória conduz a uma variedade e oferta gastronómica ímpares que conjuga os sabores “selvagens” da caça, aos aromas dos vinhos locais terminando com a qualidades dos queijos e doces tradicionais. Em modo de celebração de tal riqueza gastronómica, muitos são os restaurantes locais que se dedicam à confecção de pratos de “caça” nos quais se destacam a açorda de perdiz brava, o coelho bravo frito com tomilho, o estufadinho de javali ou a lebre com feijão branco, iguarias que compõem as ementas da restauração concelhia.

- A gastronomia -

A variedade gastronómica local tem origem nas diversas civilizações, nas culturas e influências dos povos habitantes assim como na generalidade de produtos vindos das terras pobres do solo alentejano. Reconhecendo e explorando uma vez mais o que a “terra oferece”, as especialidades gastronómicas, embora baseadas em produtos básicos como o pão e a água dão origem a pratos tradicionais como as migas e a açorda, acompanhadas por ervas aromáticas como a hortelã e os coentros (OLIVEIRA:48;1994, adaptado). Estes gostos e sabores servem também de atractivo e constituem uma oferta turística a nível local intitulada de «Percursos com Gosto», que proporcionam conhecer

os locais de produção e confecção de produtos como queijo de cabra ou ovelha, mel, pão e enchidos. Interligado à cultura árabe que foi bastante intensa nesta região, é ainda possível ao turista “render-se” a uma tradicional toma de chá e refeição árabe e à dança do ventre complementados com um passeio guiado à “Mirtulah islâmica”.

Devido à proximidade geográfica, o mercado espanhol tem vindo a registar uma ligeira subida a nível de visitas todos os anos, especialmente motivados pelos eventos gastronómicos e de produtos regionais. Desde a abertura da Ponte Internacional do Vale do Guadiana, a 26 de Fevereiro de 2009, que se tem sentido “um aumento de turistas vindos de Espanha, principalmente ao fim-de-semana, na sua larga maioria atraídos pelas gastronomia e produtos tradicionais.” (COSTA:2009; www.publituris.pt/2009/04/22/mertola-atrai-espanhois-pela-gastronomia, consultado em 22/10/2009). A Feira do Mel, Queijo e Pão e o Festival do Peixe no Pomarão são dos eventos que mais turistas atraem ao concelho de Mértola.

Os interessados em iguarias, sabores, delícias e “pecados” do concelho de Mértola têm à sua disposição bem no centro da «Vila-Museu», uma loja apelativa ao sentido gustativo. A “Loja da Terra” é um espaço comercial no qual se pode encontrar o pão, o queijo, os enchidos, a doçaria regional, o mel, os vinhos entre outros aromas e sabores produzidos na região. (www.merturis.pt/pt/tradicao_sabores/detalhe.php?id, consultado a 10/11/2011, adaptado).



Figura 8 – Sabores de Mértola

Fonte: <http://www.feriasemportugal.pt/calendar/?page=4&lng=pt>, consultado a 28/02/2012

- O rio Guadiana -

Sem poder ser esquecido, tanto pela sua história como pela sua importância comercial ao longo dos séculos, o rio Guadiana é ainda hoje, apesar de numa escala mais reduzida, um importante elemento da cultura e da vida do concelho de Mértola.

A este rio os Romanos começaram por chamar de «Anas», que significava “dos patos” e mais tarde os Mouros renomearam-no e chamaram-no de «Uádi», palavra árabe para rio. Sendo assim, passou a denominar-se de “Uádi Ana”; mais tarde, e já em português passou a Ouadiana e depois para Odiana. Influenciada pela língua castelhana, passou a chamar-se de Guadiana por influência de outros nomes árabes atribuídos a rios peninsulares, na sua maioria iniciados por “Gua” (<http://sites.google.com/site/omarquenosrodeia/a-nossa-ligacao-ao-mar/o-rio-guadiana>, consultado em 10/12/2011, adaptado). Até Mértola, o rio é navegável por 68km de extensão e depois continua a sê-lo desde o Pomarão até Vila Real de Santo António, no total de 48km. No seu percurso em território português foi construído o maior lago artificial da Europa, a Barragem do Alqueva.

Desde antes da Era Cristã que o rio Guadiana começou a ser explorado pelos povos que viviam do comércio e da troca de produtos. Fenícios, Cartaginenses, Romanos, Visigodos e Árabes, todos eles aproveitaram o rio enquanto eixo de escoamento e recepção de bens e produtos sobretudo na parte sudoeste da Península Ibérica. O tráfego fluvial trazia “ouro, prata, cobre, trigo, couro, azeite, mel, sal e pescado” (www.cmalcoutim.pt/portal_autarquico/alcoutim/v_ptPT/menu_turista/turismo/patrim%C3%B3nio_natural/rio_guadiana/ consultado a 10/12/2011).

Com o avanço da Reconquista Cristã do território, e sobretudo a consolidação do Algarve enquanto território português no século XIII e da fixação das fronteiras terrestres entre os reinos de Portugal e Espanha no século XV, “(...) o Guadiana consolidou-se como fronteira” entre ambos os países. “As praças fronteiriças de Castro Marim, Alcoutim e Mértola, entregues às Ordens religioso-militares de Cristo e de Santiago, asseguraram o povoamento e a defesa dos territórios raianos e a segurança da circulação fluvial. Em troca dos produtos da Serra, os povoados dispersos do nordeste algarvio recebiam do litoral, através do rio, o peixe, o sal e os frutos.” (www.cmalcoutim.pt/portal_autarquico/alcoutim/v_ptPT/menu_turista/turismo/patrim%C3%B3nio_natural/rio_guadiana/ consultado a 10/12/2011). Para além da reconhecida importância como meio de transporte de mercadorias, o Guadiana foi também durante muito tempo o sustento de muitas famílias sobretudo ao nível da pesca, actividade que nos últimos anos tem vindo a decrescer em virtude da melhoria das condições de vida das populações e do acesso a outro tipo de alimentos.

Nas suas margens, durante muitos anos, e na tentativa de angariar mais dinheiro e outros alimentos para as famílias, muitos foram os homens e mulheres que pela “calada”

da noite se aventuraram a realizar trocas comerciais “clandestinas” para daí obter algo que ajudasse a suprimir as necessidades familiares. Assim nascia o contrabando!

Esta prática foi utilizada sobretudo no período do Estado Novo, em Portugal, e da Guerra Civil Espanhola⁴³, em Espanha. O contrabando foi um modo de subsistência nestas terras de agricultura pobre no qual muitas das vezes se trocavam as actividades do campo, como a agricultura e a pastorícia, para arriscar uma actividade ilegal, perigosa mas mais rentável. Entre aquilo que se trocava, o café português e o açúcar eram os produtos mais procurados do outro lado da fronteira; em troca, os portugueses traziam bombazina, calçado, conhaque, miolo de amêndoa e perfumes. (<http://sites.google.com/site/omarquenosrodeia/a-nossa-ligacao-ao-mar/o-rio-guadiana>, consultado em 10/12/2011, adaptado). Muitas são as histórias que se ouvem contar mas sabe-se que “ (...) o contrabando fazia-se em toda a margem do rio, a passagem ilícita era feita a nado, às “cargas” de trigo, cereais, figos, café, ovos e gado, bens escassos em Espanha durante a Guerra Civil. O conhecimento dos horários das patrulhas, e até a sua constituição, eram explorados pelos contrabandistas. Diz-se que os melhores guarda-fiscais eram os que já haviam sido contrabandistas. Os guarda-fiscais tinham os seus postos de vigia ao longo do rio (...) comunicando entre si através de sinais luminosos.” (www.cmalcoutim.pt/portal_autarquico/alcoutim/v_ptPT/menu_turista/turismo/patrim%C3%B3nio_natural/rio_guadiana/ consultado a 10/12/2011).

Enquanto actividade proibida e ilegal que era, a acção do contrabando deu também origem a um vocabulário específico, como um código, de modo a que em caso de necessidade fosse possível passar informações sem que e especificamente, os guardas-fiscais se apercebessem. Segundo testemunhos, “Os guarda-fiscais eram apelidados de “picachouriços” devido à sonda, uma vareta de ferro, que usavam para introduzir nas sacas de produtos a granel, para verificar se nelas vinham escondidos produtos de contrabando.” (www.rotasdocontrabando.blogspot.com/2011/03/guardafiscal.html?m=1, consultado a 10/11/2011).

Em jeito de homenagem aos bravos homens e mulheres que na esperança de uma vida melhor o realizaram, e através de um projecto municipal, foi constituído um museu dedicado ao contrabando. Localizado em Santana de Cambas e inaugurado a 10 de Junho de 2009, o museu encontra-se no antigo edifício da autarquia e tem como principal objectivo salvaguardar e dar a conhecer a actividade do contrabando, não só

⁴³ A Guerra Civil Espanhola teve lugar entre 1936 e 1939.

aos mais novos mas também aqueles que não tiveram contacto com esta realidade. Resta salientar que muito do espólio documental presente no museu se trata de informação oral, de histórias contadas por quem viveu estas experiências e por quem as ouviu contar. Para além do museu, algumas empresas de animação turística organizam passeios pedestres às rotas do contrabando nas margens do rio Guadiana, tentando levar o turista a experienciar o mais perto possível o que era ser “contrabandista”.



Figura 9 – O rio Guadiana

Fonte: http://www.joraga.net/gruposcorais/pags08_pautas_08_mvBA_JRNazare/0392_MVBA_CTO_JRNazare_085_Guadiana_Mertola02.htm, consultado a 28/02/2012

– Eventos -

No que diz respeito aos eventos organizados a nível municipal, muitos deles com base na cultura, na história, na gastronomia ou até em actividades comerciais e desportivas, o concelho de Mértola apresenta no seu calendário, de Março a Outubro uma grande variedade de acções abertas não só aos locais, como aos turistas. É de ressaltar que estes eventos foram criados no âmbito municipal e desenvolvem-se à parte das festividades religiosas.

No mês de Março realiza-se o Festival do Peixe do Rio, no local de Pomarão, um evento dedicado exclusivamente à gastronomia local. Em Abril, e ainda no âmbito da gastronomia, realiza-se a Feira do Mel, Queijo e Pão, dedicada aos sabores locais e aos ofícios ainda hoje tradicionais. Em Maio, e afecto à cultura árabe, realiza-se o Festival Islâmico que celebra toda a herança histórica da vila e a sua forte influência islâmica.

Em Junho conjugam-se as Festas da Vila à dos Santos populares. Em Agosto, devido ao facto de ser o período de maior afluência de veraneantes, tem lugar o Festival da Juventude em simultâneo com o evento de Mértola Radical, organizado na Mina de São Domingos. São dois eventos complementares que têm como objectivo a diversão, a criatividade, o convívio, a prática de desporto, entre outros. Em Setembro, realiza-se a Feira Agropecuária Transfronteiriça de Vale do Poço, de cariz popular e cujo objectivo é o de dar a conhecer os produtos agro-alimentares que são produzidos na região. E o último grande evento do ano, já citado, é a Feira da Caça, que divulga e dá a conhecer a grande potencialidade cinegética do concelho de Mértola.

– A Tapada Grande e a mina de São Domingos -

Por último, sem que exista uma escala de importância no descrever das potencialidades do concelho de Mértola, não poderíamos terminar este capítulo sem referir a Tapada Grande e a mina de São Domingos, que são o maior atractivo de veraneio na área em questão.

A Tapada Grande como já frisado é a “praia” do Baixo Alentejo. A praia fluvial atrai centenas de locais e turistas que procuram refrescar-se do calor “abrasador” dos verões alentejanos. Para além da praia, também aqui anualmente se realiza o evento de “Mértola Radical”, que permite a prática de diversas actividades desportivas e convida ao lazer, à descontração e ao convívio entre todos.



Figura 10 – Tapada Grande, praia fluvial.

Fonte: http://mina-ess.blogspot.com/2011_02_01_archive.html, consultado a 28/02/2012

Em jeito de alternativa, e para quem tem sobretudo a curiosidade de procurar a diferença no que vê, a mina de São Domingos atrai pela sua singularidade, pela sua paisagem abstracta de ruínas, abandono e silêncio. A antiga área mineira transporta-nos

no tempo para uma época de prosperidade e riqueza mas também muita desigualdade social, ainda hoje notória na divisão de espaços daquilo que era a área dos operários e a dos administradores. A traça arquitectónica do lugar de São Domingos mostra a simplicidade, a humildade e a submissão à classe mandatária. Para além de tudo isto, foi também aqui que pela primeira vez na história portuguesa, surgiu uma localidade com luz eléctrica e onde rodou pela primeira vez o grande símbolo da Revolução Industrial, o comboio.

A primeira linha de caminho-de-ferro foi construída para ligar a Mina de São Domingos ao porto fluvial do Pomarão, de onde e através do rio Guadiana, o minério era posteriormente exportado para a Inglaterra e outros países. As próprias gentes fazem ainda questão de contar as aventuras e desventuras de um tempo “em que tudo era diferente”. As estruturas da Achada do Gamo e da Moitinha, as escórias de minério e as ruínas espalhadas ao longo de toda a área da mina fazem pensar, sonhar e imaginar quem as visita.

Aos mais aventureiros, é possibilitada a prática de actividades desportivas como o *paintball* ou os passeios TT (Todo Terreno).

Segundo dados da Casa do Mineiro, que funciona como museu, centro de documentação e de acolhimento de turistas, em 2009, “numa quinta-feira fria de Fevereiro passaram pela Casa do Mineiro, seis turistas portugueses e dois italianos. A média é de 100 visitantes nos meses de frios e 500 nos meses quentes.” (GARCIA:2009; <http://jornal.publico.pt/noticia/08-03-2009/o-belo-horivel--que-aguarda-remedio-298308.htm>, consultado a 10/01/2010). No ano de 2011, a Casa do Mineiro registou 1661 visitantes nacionais e 300 visitantes estrangeiros. Com um registo de quase 2000 visitantes importa salientar o facto de que a Casa do Mineiro, e por razões desconhecidas, esteve encerrada no período de 16 de Maio a 15 de Julho de 2011.

– Hotelaria e Restauração -

No que diz respeito ao sector hoteleiro no concelho de Mértola, o mesmo é caracterizado sobretudo por uma vasta oferta ao nível do Turismo Rural e do Agroturismo. As albergarias, hospedarias e pensões, neste caso a título particular, surgem ainda como alojamento em maior número sendo que a única unidade de quatro estrelas se localiza na Mina de São Domingos, no antigo Palácio dos Ingleses.

Aquela que era a casa dos “Ingleses”, “um exemplo raro da simbiose entre a tradição arquitectónica do Alentejo e um estilo decorativo e técnica inglesas do período vitoriano tardio” (www.lasabina-sa.com/po/th_3.htm, consultado a 25/10/2009), foi construída por volta do ano de 1875, servindo como residência aos administradores da Mason & Barry Limited. A partir de 1967, data do fecho da mina por falência, o palácio ficou desabitado, ao abandono sofrendo um grande incêndio no ano de 1982.

Ciente da sua importância patrimonial e cultural, a La Sabina, proprietária do edifício, deu o aval para a reestruturação do espaço e da sua transformação num estabelecimento hoteleiro de quatro estrelas (4*), o Hotel de São Domingos. A metamorfose deu origem a um espaço rústico mantendo a traça arquitectónica original, espaço esse que contempla 31 quartos com mobiliário do período vitoriano tardio, um ginásio, um auditório moderno com capacidade para 100 pessoas e um observatório astronómico de última tecnologia que se encontra ao dispor dos clientes do hotel (www.lasabina-sa.com/po/th_3.htm, consultado a 25/10/2009, adaptado).

No sector da restauração, o concelho de Mértola apresenta cerca de 300 restaurantes, segundo palavras de João Rolha. Alguns destes restaurantes são especializados na gastronomia de caça como já citado, mas todos eles servem os pratos tradicionais da cultura gastronómica alentejana, que passa pelo uso de ingredientes como o pão, as ervas aromáticas, o azeite, a carne de porco, os queijos, entre outros.⁴⁴

A variedade, multiplicidade, riqueza patrimonial, natureza, gastronomia e tantos outros que aqui embora já citados, poderiam de novo ser referenciados, são elementos mais que provados e comprovados sobre as potencialidades turísticas do concelho de Mértola. A oferta de actividades ao nível do desporto, do lazer, da curiosidade por espaços desmembrados da sua função original, como a Mina de São Domingos, é de tal forma múltipla que a dificuldade estará na hora da escolha. As gentes do concelho sabem disso, assim como as entidades oficiais e com base nesse conhecimento, existe uma complementaridade e esforço mútuo para que Mértola e a sua área envolvente se destaquem cada vez mais no panorama turístico nacional fora dos grandes centros urbanos.

⁴⁴ Nota da autora: Em anexo, apresentam-se duas listas referentes à oferta hoteleira e de restauração no concelho de Mértola.

2.4. - Mértola e os seus monumentos

Para melhor conhecer a oferta do património construído da vila de Mértola, conhecida como «Vila Museu» devido ao seu vasto acervo histórico sobretudo da cultura e domínio islâmico em Portugal, apresenta-se em seguida um elenco dos monumentos e breves descrições explicativas, assim como a sua localização utilizando um mapa representativo do centro histórico de Mértola.



Figura 11 – Mapa da vila de Mértola

- **Basílica/Museu Paleocristão**
- **Alcáçova e Castelo**
- **Igreja de Santa Maria**
- **Torre do Relógio**
- **Forja do Ferreiro**
- **Museu Romano**
- **Museu Islâmico**
- **Torre do Rio**
- **Museu de Arte Sacra**

Fonte: <http://webcarta.net/carta/mapa.php?id=396&lg=pt>, a 28/02/2012

- Basílica Paleocristã /Museu de Mértola -

Localizada fora da muralha, junto da estrada que unia Mértola a Beja, a Basílica Paleocristã esteve aberta ao culto do século V ao século VIII. Foi edificada sobre uma antiga necrópole romana, no local onde se crê que já haviam sido enterrados vários corpos durante o período da Idade do Ferro (6 séculos antes de Cristo). Com uma estrutura de 3 naves e absides contrapostas, o que resta hoje faz parte integrante do Museu de Mértola. Do vasto espólio do museu, destacam-se as dezenas de sepulturas, um lacrimário de vidro, 6 dezenas de lápides epigrafadas paleocristãs e lápides escritas em grego, que testemunham a sua presença no território português.

- Alcáçova e Castelo -

Situada na vertente norte da vila de Mértola, a Alcáçova era o centro militar e religioso. Todo o complexo urbanístico assentava numa plataforma artificial e numa galeria subterrânea, o criptopórtico, com 30 metros de comprimento e 6m de altura. Os vestígios mais antigos datam da época islâmica, dos finais do século XI, como a Porta Principal e os alicerces de casas de habitação dessa mesma época. Após a conquista cristã no ano de 1238, o bairro habitacional islâmico do século XII foi completamente arrasado para adaptar o espaço a cemitério local.

Imponente do alto da colina surge o Castelo de Mértola, local da primeira sede portuguesa da Ordem de Santiago, foi sede de alcaides e governadores. Erguido sobre as antigas construções romanas, o castelo domina ainda hoje todo o povoado e serve de referência aos momentos áureos da vila de Mértola. Com uma imponente torre de menagem do século XIII, o castelo perdeu a sua função militar e foi dotado ao abandono a partir do século XVIII. Readquiriu novas funções após várias obras ao longo do século XX e actualmente, é um espaço museológico e de memórias no qual podem visitar-se vestígios arquitectónicos recolhidos na região assim como conhecer o espaço destinado à história da própria fortaleza.

Figura 12 – Torre de menagem do
Castelo de Mértola

Fonte: [http://www.infopedia.pt/\\$castelo-de-mertola,2](http://www.infopedia.pt/$castelo-de-mertola,2), consultado a 08/03/2012



- Igreja de Santa Maria –

Erguida no local onde existiu um templo romano, depois paleocristão, e nos finais do século XII, uma mesquita, a Igreja de Santa Maria, hoje, Igreja Matriz de Mértola é um belo exemplar de reaproveitamento de espaços. Das construções anteriores destacavam-se dois capitéis e o nicho de oração muçulmano, o *mihrab*. Na campanha de remodelações do século XVI, a igreja foi profundamente alterada: as 5 naves policromas deram lugar a um belo conjunto de abóbadas, o minarete foi transformado em torre sineira e a porta principal da igreja adaptada aos modelos do Renascimento italiano. Em meados do século XX, vários trabalhos de restauro puseram de novo a descoberto o espaço de influência islâmica.

- Torre do Relógio –

Edificada provavelmente no século XVI, no período de reorganização urbana da cidade, foi construída junto de edifícios representativos do poder político, administrativo, judicial e económico. No início do século XX, o relógio original foi substituído por um mais recente que ainda hoje continua a dar as horas a quem passa.

- Forja do Ferreiro –

Pertencente ao Museu de Mértola, a forja do ferreiro é o local ideal para se aprender a arte do ferro. Local imprescindível para quem queria calçar e aparelhar os animais, era aqui que artífices experientes batiam e moldavam as ferramentas necessárias, inclusive as do amanho da terra. A bigorna, a forga e o fole são as peças mais importantes.



Figura 13 – O fole exemplar da Forja do Ferreiro.

Fonte: <http://www.visitalentejo.pt/pt/catalogo/o-que-fazer/museus-e-locais-a-visitar/museu-de-mertola-forja-do-ferreiro/>, consultado a 08/03/2012

- Museu Romano –

Inaugurado em 1989, o Museu Romano teve as suas origens na Casa Romana, construção encontrada nas obras de remodelação da cave dos Paços do Concelho. Apesar da descoberta ter sido só parcial, é possível reconhecer o núcleo central, o pátio com o seu *impluvium*, e um número considerável de compartimentos. As dimensões da casa e a sua localização levam a crer que terá pertencido a uma família poderosa. Para além da exposição permanente, destacam-se objectos como cerâmicas e metais, epigrafia funerária e elementos arquitectónicos da época.

- Museu Islâmico –

Fazendo juz ao nome, o Museu Islâmico apresenta a mais importante colecção de arte islâmica de Portugal. Localizado nos antigos celeiros da Casa de Bragança, o espólio divide-se por dois pisos nos quais se destacam as peças de cerâmicas, os artefactos e os azulejos tão característicos desta cultura.



Figura 14 – Peças expostas no Museu Islâmico

Fonte: <http://www.bejadigital.pt/NoticiaDisplay.aspx?ID=2652>, consultado a 08/03/2012

- Torre do Rio –

Parte integrante da estrutura defensiva, permitia a defesa da zona portuária e era simultaneamente o local de acostagem das embarcações locais, das que faziam a carreira fluvial e ainda das que faziam viagens de longo curso. São ainda hoje visíveis marcas de amarração de uma estrutura em madeira que tinha como objectivo facilitar a acostagem dos barcos.

- Museu de Arte Sacra -

Tendo tido as suas origens na confraria da Misericórdia de Mértola, esta pequena igreja do século XVI alberga hoje o Museu de Arte Sacra. Desafecta ao culto, a Igreja da Misericórdia é hoje um espaço museológico com um vasto acervo de arte sacra cristã: estatuária, pintura, trajes, panos e alfaías religiosas. Nos anos 80, todo este espólio foi recolhido das igrejas do concelho devido à insegurança sentida e ao abandono a que muitas igrejas estavam votadas. Destacam-se 3 peças de prata cinzelada do século XVI: um hostiário, uma cruz processional e uma custódia.

III - A exploração mineira em Portugal

Portugal é “um verdadeiro «museu de minas e de minerologia»” (<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2022.pdf>, consultado a 10/01/2012, pág.77)

3.1. – Dos Romanos ao séc. XIX

A actividade mineira no actual território português data do período da Pré-História sendo que em 300.000 a.C., já se explorava o siléx e o cherte. É, contudo, durante o domínio romano na península ibérica que a exploração mineira se desenvolve.

Segundo alguns historiadores, “ a Lusitânia seria exportadora de ouro, prata, cobre, chumbo, estanho, obsidiana e calcedónia.” (<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2022.pdf>, consultado a 10/01/2012, pág.77). Apesar da reduzida dimensão do território, a variedade de minérios e de explorações tornou a província Romana uma das mais importantes ao nível de fornecimento de minérios para todo o Império.

A exploração dos minérios fez-se um pouco por todo o território. A norte exploraram-se as minas de Valongo, ricas em ouro, zinco, chumbo e prata, e as Tresminas, em Vila Pouca de Aguiar, com a exploração de ouro, de prata, de bronze e de ferro. (<http://www.slideshare.net/andrealmeidapaiva/a-explorao-mineira-em-portugal-no-tempo-dos-romanos>, consultado a 10/01/12, adaptado). Em ambos os espaços são ainda hoje visíveis vestígios do domínio romano. Formando uma única área administrativa, e em simultâneo, os Romanos exploraram também a área de Campo de Jales.⁴⁵

Em Valongo, na Serra de Santa Justa, pode visitar-se o interior das minas romanas, abertas ao público e com visitas especializadas. Em Tresminas, para além da reconhecida importância ao nível dos recursos mineiros e do seu tempo de exploração (do período do Imperador Augusto século I a. C., até à segunda metade do século II d.C.), é-nos hoje possível reconhecer através dos vestígios romanos, os diferentes métodos de exploração e tratamento do minério utilizados na altura. Depois de alguns

⁴⁵ A área de Campo de Jales insere-se no concelho de Vila Pouca de Aguiar e deixou de laborar em 1992. Detém importantes estruturas mineiras das quais se destaca a “Torre Eiffel de Jales”.

estudos efectuados ao nível da arqueologia, pressupõe-se que existam ainda algumas construções como armazéns, balneários, casas de habitação, casernas, complexos industriais, edifícios administrativos, lojas, mercados, silos, santuários e templos. (<http://algarvivo.com/arqueo/romano/minas-vilapoucaaguiar.html>, consultado a 17/01/12, adaptado).

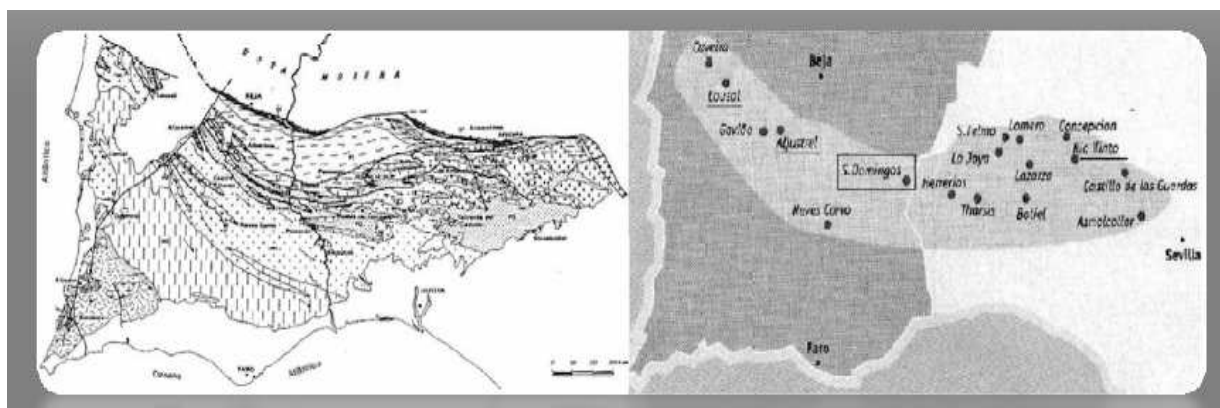


Figura 15 - Galeria das minas romanas de Tresminas, Vila Pouca de Aguiar

Fonte: <http://espacoememoria.blogspot.com/2011/08/vila-pouca-de-aguiar-ii-festival-de.html>, a 28/02/2012

A sul, a exploração centrou-se nas minas de Aljustrel, de São Domingos, em Mértola e da Caveira, em Grândola, todas parte integrante da chamada Faixa Piritosa Ibérica (FPI).⁴⁶

Figura 16 – Mapa da Faixa Piritosa Ibérica



Fonte: Carvalho, Rui, “O Património Industrial e Valorização do Território, A Mina de São Domingos”

⁴⁶ A Faixa Piritosa Ibérica é uma área geográfica do sul da Península Ibérica. Tem cerca de 250km de comprimento e entre 30 a 50km de largura, estendendo-se desde Alcácer do Sal até Sevilha.

Na mina de Aljustrel extraía-se especialmente o cobre e a prata, e em menores quantidades, o ouro, o zinco, o ferro e o chumbo, utilizando as técnicas de exploração em profundidade e a céu aberto.⁴⁷ Nas minas de São Domingos e de Caveira, explorava-se essencialmente o cobre, o ouro e a pirite sobretudo com a exploração em profundidade.

Figura 17 – Exemplo de minério de cobre



Fonte: http://e-geo.ineti.pt/divulgacao/materiais/guioes/folheto_minerais.pdf, a 28/02/2012



Figura 18 – Exemplo de Pirite em estado bruto

Fonte: http://e-geo.ineti.pt/divulgacao/materiais/guioes/folheto_minerais.pdf, a 28/02/2012

Dos períodos posteriores, durante os domínios visigodo e o árabe, os testemunhos são poucos ou nulos. Sabe-se que nenhum destes povos apostou na exploração dos minérios como os Romanos. A exploração dos minérios foi ténue; era realizada na óptica da produção de armas e instrumentos agrícolas essenciais à defesa e produção de alimentos. Contudo, a cultura árabe trouxe uma outra função à exploração mineira e simultaneamente, linguística. Segundo Jorge Custódio, “a permanência de certas tradições metalúrgicas ainda hoje visíveis em algumas cidades peninsulares como Córdova e Toledo, é prova de que o Islão teria contribuído, sobretudo através da técnica do aço de Damasco para a implementação de uma indústria de raiz e organização

⁴⁷ São duas técnicas distintas de obter o minério. A primeira ocorre em espaço subterrâneo (em profundidade) e a segunda, no solo e em espaço aberto.

corporativa.” (<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2022.pdf>, consultado a 10/01/2012, pág.81). Ao nível linguístico, e pela força da utilização de novos instrumentos de trabalho cuja matéria-prima era o ferro, surgiram vocábulos como *algaraviz* (tubo de ferro que se coloca na boca do fole junto da forja) e *alfeça* (a safradeira do ferreiro de machados). (<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2022.pdf>, consultado a 10/01/2012, pág.81).

No que se refere ao período da Idade Média, também aqui as informações são escassas. Não que não existissem registos ou documentos referentes a tal actividade mas porque e simplesmente o que chegou aos nossos dias é muito reduzido ao nível do conteúdo. Porém, a falta de informação e documentação não significa a sua inexistência ou desaparecimento, antes pelo contrário: há a hipótese de muitos dos espaços explorados terem sido simplesmente escondidos ou ocultados por quem deles usufruía. (<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2022.pdf>, consultado a 10/01/12, adaptado).

A extracção dos minérios de ouro e de ferro foram dos mais importantes, o primeiro como valiosa “moeda” de troca, e o segundo como matéria-prima essencial à produção de espadas, facas, utensílios agrícolas, objectos imprescindíveis à sociedade civil. A mina de ouro de Adiça foi considerada como a maior exploração nacional durante a Idade Média. Localizava-se entre a cidade de Almada e o Cabo Espichel. (<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2022.pdf>, consultado a 10/01/12, adaptado). Com exploração referenciada e documentada, referimos ainda a mina de Suímo, Belas, com a extracção de pedras preciosas como as granadas, os jacintos e as esmeraldas, e a exploração de prata de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar).

Da pouca informação que possuímos sobre esta actividade e neste período específico, a melhor fonte de conteúdos são as chamadas *Cartas de Concessão*, nas quais os monarcas cediam a seus nobres, burgueses ou personalidades de relevo, algumas explorações mineiras para daí retirarem eventuais rendimentos. Algumas vezes, essas explorações eram concedidas sem que se tivesse a certeza de seu valor económico. A título de exemplo, registamos algumas dessas concessões: “ 1. Em 9 de Agosto de 1441, o Infante D. João, tio de Afonso V, recebe uma autorização de 5 anos para extrair, na comarca Entre Tejo e Odiana, ouro, prata, pedras preciosas e outros minerais que encontrar; 2. Em 9 de Fevereiro de 1475, o rei (D. Afonso V), outorga ao Duque de Guimarães uma concessão de 20 anos para abrir minas em Trás-os-Montes e no Entre-Douro-e-Minho, porque alguém informou o Duque da existência de metais; 3. No dia 30 de Novembro de 1490, D. João II recompensa o seu escudeiro Lopo Afonso, capitão da

Ilha Brava, doando-lhe em duas vidas, todas as minas de ouro, prata, cobre, esmeril, enxofre e qualquer metal que ele descobrir no reino no prazo de dois anos, Adição excluída, naturalmente.” (<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2022.pdf>, consultado a 10/01/12, páginas 96 e 97).

Continuando ainda pelos séculos XV e XVI, duas outras informações merecem a nossa atenção: a exploração da mina de Rio Maior pelos monges de Alcobaça e a ferraria de Barcarena, tão importante para o período das descobertas marítimas portuguesas. Os monges dos coutos do Mosteiro de Alcobaça não se dedicavam somente à agricultura; existem documentos que comprovam os seus trabalhos na extracção e exploração nos seus domínios de Rio Maior sendo que a grande parte do minério era destinado para consumo interno do Mosteiro de Alcobaça. No que se refere à fundição de ferro e fábrica de armas de Barcarena, uma das ferrarias importantes do final do século XV, foi um dos espaços onde para além do trabalho de ferro e de ferreiros, se construíram inclusivamente algumas das naus utilizadas no período das Descobertas⁴⁸.

A partir praticamente deste momento existe um vazio documental que não nos permite avaliar a existência e a importância da extracção mineira. Do apogeu Romano ao subaproveitamento na Idade Média, damos um salto temporal e qualitativo: o 2º momento de aproveitamento, desenvolvimento e riqueza da exploração mineira em Portugal deu-se no século XIX repercutindo-se ainda ao longo do século XX.

3.2. – O século XIX

O final do século XVIII foi o despoletar de uma era jamais atingida até então: a Revolução Industrial foi o grande “acordar” da Humanidade. Com a Revolução Industrial as sociedades modernizaram-se: novas máquinas, novas técnicas, novos transportes e vias de comunicação, especialização do trabalho e necessidade de outros bens e produtos deram lugar a uma sociedade consumidora e mais exigente. O grande marco desta época foi a invenção da máquina a vapor que conduziu à necessidade de outras matérias-primas como o carvão, o cobre e o ferro. Com a crescente indústria a precisar de recursos naturais e humanos, intensificou-se a exploração mineira a nível

⁴⁸ Nota da autora: a Fundição de Ferro e Fábrica de Armas de Barcarena referida no texto data de 1490 e Fábrica de Pólvora de Barcarena do ano de 1540. A Fundição de Ferro e Fábrica de Armas de Barcarena deu mais tarde lugar às Ferrarias d’El-Rei e posteriormente foi transformada na Fábrica de Pólvora.

mundial, a agricultura passou de um meio de subsistência para algo mais produtivo e mecanizado, e as condições de vida e higiene repercutiram-se nas sociedades civis.

Portugal não foi excepção à regra e na 2ª metade do século XIX, a descoberta de novos jazigos, a exploração de espaços já referenciados e a criação de autênticas comunidades mineiras, trouxeram ao país competitividade e uma organização territorial desconhecida até então. Para além do nosso objecto de estudo, a mina de São Domingos, referenciam-se as minas de Aljustrel, do Lousal e as da Panasqueira, que surgiram simultaneamente na época.

No enquadramento actual, a exploração mineira continua a ser um factor importante para a economia nacional e exemplo disso foi a reabertura das minas da Panasqueira especialmente à extracção do volfrâmio. A actividade mineira não pode ser medida em prol dos índices económicos; é geradora de emprego e contribui para as exportações nacionais. Fornece outras indústrias como a indústria transformadora e a da construção civil e, sendo um sector com explorações dispersas um pouco por todo o país, e em locais menos desenvolvidas, é fonte de equilíbrio no emprego e no desenvolvimento local. (<http://www.edm.pt/html/noticia20051109.htm>, consultado a 12/01/12, adaptado).

Segundo Delfim de Carvalho, “Portugal possui a principal mina produtora de cobre da Europa, com vida assegurada para muitos anos, e detém também a mais famosa mina de volframite do mundo, a Panasqueira, onde continuam a ser produzidos os melhores concentrados de tungsténio à escala mundial.” (<http://www.edm.pt/html/noticia20051109.htm>, consultado a 12/01/12), o que nos coloca no panorama mundial ao nível das explorações mineiras⁴⁹.



Figura 19 – Vista parcial das Minas da Panasqueira

Fonte: <http://www.radiomonsanto.pt/detalhe-noticia.php?id=654>, consultado a 01/03/2012

⁴⁹ Nota da Autora: Para mais informações sobre estas e outras minas em Portugal, consultar o *website* <http://www.descubraportugal.com.pt/edicoes/tdp/registo.asp?idcat=21&id=1109&tipo=a&o=t>

A exploração mineira em solo português foi no passado e continua a sê-lo no presente, uma actividade com feitos demonstrados sobretudo ao nível da qualidade do minério. A nossa riqueza geológico-mineira caracteriza o território e a boa gestão destes recursos só a nós nos compete, seguindo uma óptica de exploração e optimização dos respectivos metais pois não sabemos quando os mercados económicos e as cotações dos minérios podem vir a “jogar” a nosso favor, e necessitar de qualidade em prol da quantidade.

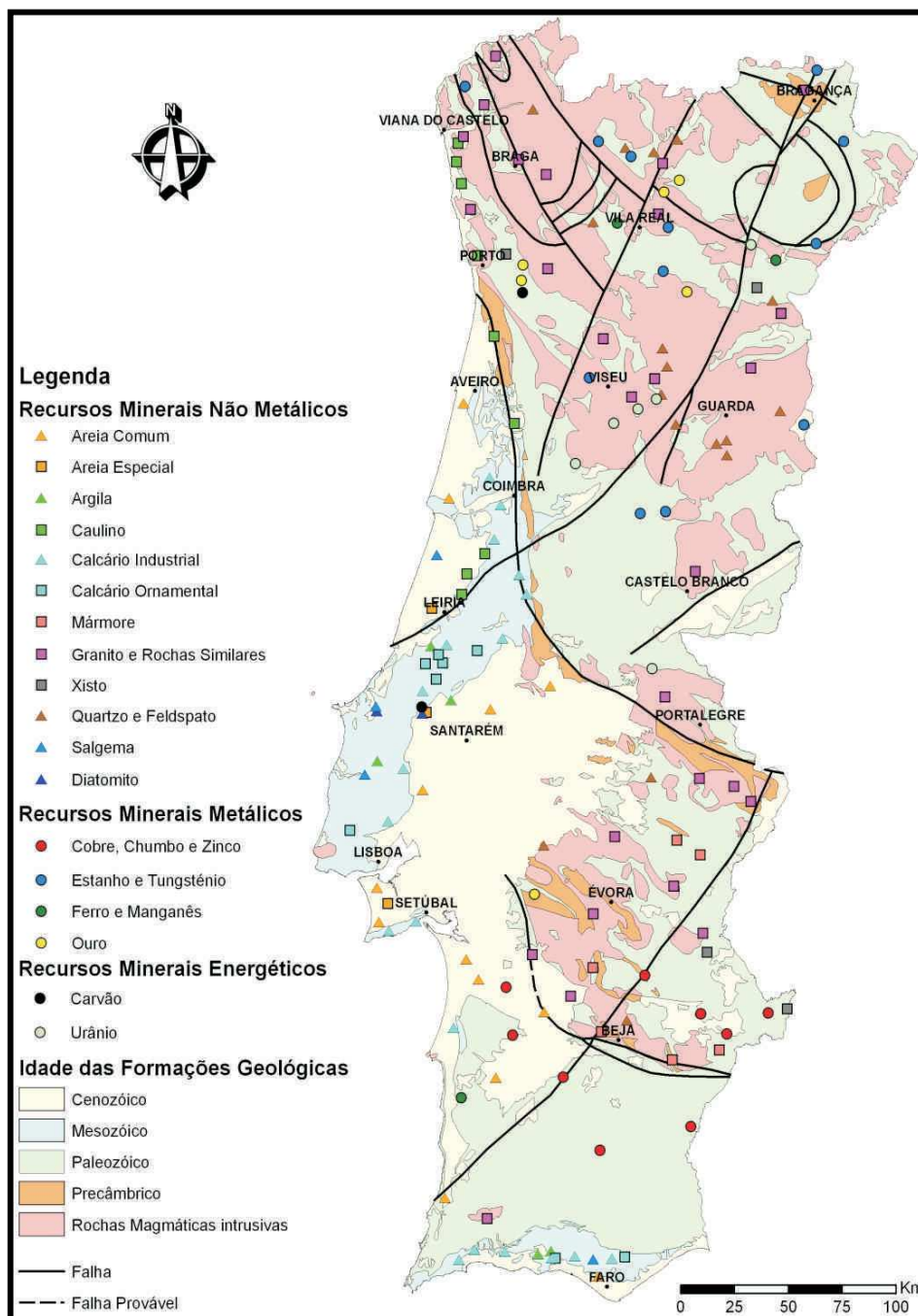


Figura 20 –
Recursos
minerais em
Portugal

Fonte: http://e-geo.ineti.pt/divulgacao/materiais/guioes/folheto_minerais.pdf, a 28/02/2012

IV. A mina de São Domingos

“O mineiro não sabia se voltava a casa...”⁵⁰

O século XIX foi um período próspero em novidades em todas as áreas do conhecimento. Na área da indústria, as evoluções técnicas, as descobertas tecnológicas, o uso de novas matérias-primas e a grande necessidade de novas fontes de minérios para alimentar as imensas máquinas e a sua produção em série, levaram a estudos geológicos que permitiram encontrar novos locais de exploração e extracção de recursos minerais para poder responder à demanda dos mercados.

Sabendo de antemão da riqueza do subsolo da chamada Faixa Piritosa Ibérica⁵¹ (FPI), já explorada pelos Romanos muitos séculos antes, vários foram os especialistas e exploradores que começaram a prospecção dos terrenos para apurar as áreas já existentes e possíveis novos jazigos.

A imprensa espanhola despoletou o entusiasmo dos empresários. A “Revista Mineira” noticiou a existência de escórias e minérios na província de Huelva, Andaluzia, Espanha, e em território do sul de Portugal, zonas integrante da FPI, o que avivou ainda mais o interesse pela mineração e consequente exploração.

Um dos empresários informado desta possibilidade de exploração foi Ernest Deligny que prontamente enviou “homens de sua confiança, entre os quais se constava Nicolau Biava, em 1854, com o objectivo de confirmar a veracidade da notícia sobre os escoriais antigos em São Domingos, Aljustrel e Caveira” (MARINO:2006;20). Sensivelmente nesta altura, em 1852, foi editado um decreto governamental que dava fim ao controlo régio e consagrava a liberdade mineira no que se referia aos investidores; ou seja, os estrangeiros que quisessem investir nesta área em território nacional já o podiam fazer sem qualquer entrave.

Após a pesquisa *in loco* na área pré-definida, o piemontês Nicolau Biava descobriu na Serra de São Domingos alguns vestígios da ocupação romana do território, encontrando cinco galerias subterrâneas, escórias, túneis e poços. Aquando da sua chegada ao couto mineiro, Nicolau Biava encontrou somente um curral e uma ermida, cujo nome deu origem ao da localidade.

⁵⁰ Da autoria do Sr. Manuel Francisco Barão, antigo trabalhador da mina de São Domingos.

⁵¹ Nota da tradutora: A Faixa Piritosa Ibérica é mundialmente reconhecida pela sua riqueza em sulfuretos maciços vulcanogénicos, vulgarmente conhecidos por pirites.

Na sequência destas descobertas, a 16 de Junho de 1854 iniciaram-se os procedimentos oficiais para declarar o reconhecimento do explorador legal e o seu registro como espaço mineiro. Nesta altura procedeu-se à abertura do poço nº.1.

Em 1855, Ernest Deligny, Louis Armanieu, Duque de Glucksbierg e Eugène Duclerc⁵² constituíram, em Sevilha, a companhia *La Sabina Mining Company*, que viria no futuro a deter os direitos de exploração da mina de São Domingos. Entre os directores desta nova companhia surge o nome de James Mason, engenheiro de Minas, formado em Paris.

Outros dois poços foram abertos e denominados poço nº 2 e poço nº. 3.

Em 1857, o registro oficial da Mina de São Domingos foi publicado em Diário do Governo, na edição nº36, de 7 de Julho. Simultaneamente, abriram-se os poços nº 4 e poço nº5.

A 22 de Maio de 1858, a concessão da exploração da Mina de São Domingos passou de Nicolau Biava para os três investidores. A notícia ficaria registrada em Diário de Governo como: “Tendo sido presente a Sua Majestade de El-Rei o requerimento em que Ernesto Deligny; Luiz Descazes, Duque de Glucksbierg; e Eugénio Duclerc; na qualidade de concessionários de Nicoláo Biava, pedem que se lhes faça a concessão provisória da mina de cobre, sita na Serra de S. Domingos, concelho de Mértola, districto administrativo de Beja, nos termos do Decreto com força de Lei de 31 Dezembro de 1852”. (MARINO:2006;20)

Oficialmente, esta é considerada a data do início da exploração da mina. Segundo documentos da época, neste ano de 1858, terão sido extraídas cerca de 236 toneladas de pirites sulfurosas.

A confirmação da concessão definitiva para a empresa *La Sabina* é conseguida no início de 1859 (Diário do Governo, nº 26, de 12 de Janeiro) e neste mesmo ano, inaugurou-se o Porto do Pomarão que seria a porta de “saída” do minério de São Domingos.

Um novo espaço de exploração mineira ficava assim oficialmente entregue a empresários estrangeiros, que através da nova lei já acima citada, permitiu a abertura do mercado ao exterior, o que levou ao aumento da exploração de diversas áreas mineiras

⁵² Os três empresários que constituíram a empresa *La Sabina* eram ambos franceses: Ernest Deligny era dono da Companhia das Minas em Huelva e foi o mandatário da procura de novos espaços mineiros no Baixo Alentejo, Eugène Declerc, antigo Ministro da Fazenda em França, era banqueiro e Louis Armanieu, Duque Descazes, Ministro dos Negócios Estrangeiros em França.

por todo o país assim como às exportações, sobretudo para Inglaterra, a “terra” da Revolução Industrial.

4.1. & a *Mason and Barry*

Localizada no Baixo Alentejo, no concelho de Mértola, a mina de São Domingos⁵³, com cerca de 60km², e sua envolvente habitacional estendem-se pelas freguesias de Corte Pinto e Santana de Cambas.

A História deste espaço passou obrigatoriamente pela empresa à qual foi entregue a sua concessão, *La Sabina* mas ainda mais pela empresa à qual foi entregue a sua exploração, à empresa inglesa *Mason & Barry*.

Entre o ano de 1854, o da descoberta da mina, e Janeiro de 1859, ano oficial da concessão de exploração à *La Sabina*, a mina de São Domingos foi explorada de uma forma muito ténue. Primeiro, a mina não pôde ser explorada logo de início. Foi preciso desentupir as galerias que estavam inundadas, abrir novos espaços, colocar máquinas e fazer um mapa detalhado da exploração, aquele que mais tarde foi considerado a primeira planta da mina de São Domingos.

Para além das infra-estruturas necessárias ao trabalho de exploração e extracção, houve necessidade de se criar uma aldeia para os seus trabalhadores de modo a que as suas deslocações entre casa e trabalho não tomassem tempo útil aos seus serviços. Posteriormente, e já com os ingleses a controlar os destinos da mina, a aldeia foi destruída pois encontrava-se por cima do chamado “chapéu de ferro”⁵⁴, local de onde se viria a extrair a grande maioria dos metais (cobre, enxofre, ferro, zinco).

Após um longo e complicado processo burocrático na legalização do couto mineiro, e seguindo a condição implícita na concessão de espaços mineiros a estrangeiros, a *La Sabina* nomeou um engenheiro que seria responsável por todo e qualquer trabalho realizado na mina de São Domingos. A escolha incidiu sobre o inglês Diogo Mason, que já tinha trabalhado em algumas empresas mineiras no norte de Espanha, cujas cartas de recomendação o descrevem como: “muito satisfatoriamente, a

⁵³ Nota da autora: A mina de São Domingos dista cerca de 240km de Lisboa, capital portuguesa, a cerca de 65km de Beja, capital de distrito, e a cerca de 17km da fronteira com Espanha.

⁵⁴ Nota da Autora: Trata-se de uma formação geológica rica em óxidos onde se encontra o minério com teores mais elevados.

nosso contento e das ditas sociedades, mostrando-se competente nos seu trabalho e conhecimentos científicos”. (ALVES:1997;42).

Com estas nomeações e entrega de responsabilidades começou a nascer aquela que viria a ser a empresa exploradora dos minérios de São Domingos. Assim, “enquanto Diogo Mason é nomeado Engenheiro Chefe, James Mason celebra em Paris, com *La Sabina* (a cuja direcção pertence, como já foi referido) um contrato de arrendamento e cessão de direitos de exploração da referida mina, por cinquenta anos, datado de 9 de Outubro de 1858 (cedência ratificada a 18 de Maio de 1876).” (ALVES:1997;42). Com este acordo, James Mason juntou-se a Francis Barry e ambos constituíram a Companhia *Mason & Barry*, fundada a 1 de Janeiro de 1873⁵⁵, com sede em Londres.

Contando com a experiência pessoal e conhecimentos dos engenheiros Mason, aos quais se juntou o capital financeiro de Barry, a *Mason & Barry* traçou um plano de acção inovador, sólido e organizado com vista a criar em São Domingos, um projecto único e economicamente viável a nível europeu.

Uma das primeiras acções dos ingleses foi estudar o modo de escoar o minério. Devido à localização geográfica, no interior do país, e às más condições rodoviárias, a solução foi aproveitar o rio Guadiana e por aí, exportar o minério. Para tal, foi necessário criar um porto fluvial e a partir daí, tornar possível a navegação fluvial de vapores e grandes barcos que chegariam a Vila Real de Santo António, a cerca de 40km. Foi inclusivamente criado um modelo de barco especial, chamado de “Pomarão”, para fazer o transporte do minério pelo rio (MARINO:2006;23, adaptado). De modo a entendermos a importância estratégica deste projecto por parte dos ingleses, sabe-se de fonte documental que, no ano de 1864, atracaram no porto do Pomarão cerca de 563 a 564 navios para receber a carga proveniente de São Domingos⁵⁶.

Em 1860, foi solicitada e cedida por “carta de lei de 9 de Maio, (...) a autorização para montar um «tramway» até ao Pomarão (Alves:1997;42), porto fluvial localizado na margem direita do rio Guadiana. O “tramway” era uma linha ferroviária de sentido único, e durante algum tempo foi através dela que se fazia o transporte do minério: o material era colocado dentro de “wagons” sobre carris que por sua vez eram puxados por animais⁵⁷. A “braços” com um projecto inovador de substituir os animais no transporte do minério, Diogo Mason solicitou à Mina de Tharsis, propriedade de

⁵⁵ Nota da Autora: A empresa *Mason and Barry* é formalmente reconhecida em Londres no ano de 1873 mas desde 1858 que os ingleses investiram e exploraram a mina de São Domingos.

⁵⁶ A *Mason & Barry* foi responsável pelo desassoreamento do rio Guadiana desde o Pomarão até à foz.

⁵⁷ O número de animais utilizados chegou a ser entre 1500 a 2000.

Deligny, uma locomotiva a vapor para atestar a viabilidade de transporte (MARINO:1997;42, adaptado). Neste mesmo ano, o rei D. Pedro V visitou a mina de São Domingos.

Em 1862, foi inaugurada a linha do caminho-de-ferro, de via estreita, na mina São Domingos, uma linha isolada de todo o sistema ferroviário nacional. A linha ferroviária unia em 17km a mina de São Domingos ao Pomarão tendo três estações intermédias: a Achada do Gamo, o Telheiro (Santana de Cambas) e os Salgueiros, locais que referiremos mais adiante. Um ano mais tarde, chega a São Domingos a primeira locomotiva a vapor que se pensa ter sido desenhada por James Mason; foi chamada de *Estiphania*. Esta foi a primeira das 36 outras locomotivas que se lhe seguiram⁵⁸.

No seguimento da inauguração do caminho-de-ferro e a consequente utilização das locomotivas, o desemprego aumentou na região e vários foram os atentados à estrutura ferroviária sobretudo com a colocação de materiais como pedras e madeiras de modo a impedir a circulação. A insatisfação das populações levou a um grande número de acidentes, alguns deles mortais. Um dos acidentes que foi notícia de jornal aconteceu a 27 de Julho de 1863, quando, segundo “O Bejense”, *Francisco Ignacio, natural do Monte dos Alves, empregado no caminho-de-ferro Mina de S. Domingos ao Pomarão, caiu de um dos vagon que iam carregados de minério, ficando com o ante-braço esquerdo esmagado. O ferido foi a pé para a Mina de S. Domingos e, no dia seguinte, o facultativo de S. Domingos, José Maria Valente, fez-lhe a amputação, sem que o ferido fosse “cloroformizado”*. A notícia terminava com a lacónica expressão: “A operação correu bem”.⁵⁹

No entanto, os consecutivos projectos de desenvolvimento da mina conseguiram absorver essa mão-de-obra excedente sobretudo quando se iniciou a construção da fábrica de tratamento do minério e a extracção a céu aberto. A alteração dos planos de lavra para a exploração a céu aberto conduziu à destruição da aldeia mineira que se encontrava construída em cima do chapéu de ferro, facto que conduziu à necessidade de mais trabalhadores.

⁵⁸ Seguem-se-lhe pelo menos mais 36 outras locomotivas, 2 das quais construídas na Mina da S. Domingos: a Mina, em 1902, e o Mosquito, em 1922. As restantes locomotivas foram baptizadas com os nomes de Bragança (1865); Dom João (1866); D. Pedro, D. Augusta e D. Antónia (1867); D. Carlos Fernando e D. Afonso (1870); Vasco da Gama e Camões (1872), Pombal e Magalhães (1873); Beja, Serpa, Évora, Lisboa, Coimbra, Almodôvar e Mértola (1874); Castro Marim e Vila Real (1876); Moura e Setúbal (1883); D. Jaime (1898); Alentejo e Mosca (1913); Algarve (1914); José Danino (1932); Évora e Faro, Pombal e D. Diniz (1938); Douro, Tejo e Guadiana (1952).

⁵⁹ Informação retirada dos painéis da exposição “Mina de São Domingos, 150 anos de História, «Do Rosto que Olha para a Terra »”.

O objectivo deste segundo grande projecto da parte dos ingleses não foi só o de escoar a matéria-prima o mais rápido possível. O plano englobava também o favorecer a mobilidade interna no couto mineiro e obter a máxima rentabilidade de esforços e trabalhos.

A linha do caminho-de-ferro foi a “espinha dorsal” do funcionamento da mina de São Domingos; foi em função da estrutura ferroviária que se construíram todas as outras estruturas.

Figura 21 – Quadro exemplificativo da linha de São Domingos ao Pomarão



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_S%C3%A3o_Domingos_-_Pomar%C3%A3o

Como o quadro indica, todas as infra-estruturas se encontravam construídas ao longo da linha de caminho-de-ferro. À boca da mina, o minério era despejado em *wagons* que depois seguiam para a trituração ou para a transformação na fábrica de enxofre, e daí para a exportação no porto fluvial. “Ao longo do seu percurso são criadas as oficinas e as áreas de abastecimento, de água, carvão e gasóleo; as estações da Mina de S. Domingos, da Moitinha, da Achada do Gamo, do Telheiro, de Santana de Cambas, dos Bens, dos Salgueiros e do Pomarão. São construídos cerca de quatro quilómetros de túneis, taludes de assentamento, várias dezenas de pequenos pontões e aquedutos.” (http://www.geocaching.com/seek/cache_details.aspx?guid=c9cfda31-98d2-4ca7-9cc1-a342dc6825ec, consultado em 28/01/12).

Com o encerramento da *Mason & Barry* em 1968, e consecutivo abandono das instalações por parte dos ingleses, toda a estrutura ferroviária foi vandalizada, destruída e roubada, restando hoje apenas a marca dos carris e as memórias de outrora.

Obviamente que não nos é possível descrever todos os projectos que a *Mason & Barry* desenvolveu na mina de São Domingos, nem é esse o objectivo do nosso trabalho mas, e para que possamos perceber a importância da actuação desta empresa, sem dúvida que o advento da linha de caminho-de-ferro e o desenvolvimento do porto fluvial foram das mais importantes e estruturantes acções desenvolvidas pelos ingleses.

4.2. O espaço urbano

“Eu nasci além naquela casa ao lado nasceram outras pessoas, e a gente desde pequenino que nos conhecíamos e havia sinceridade, havia amizade”⁶⁰

O povoado de São Domingos nasce com a descoberta e o desenvolvimento do espaço mineiro. O nome advém da pequena ermida que Nicolau Biava encontrou aquando da descoberta da mina no ano de 1854. Paralelamente à construção da linha do caminho-de-ferro, das oficinas, dos armazéns e dos espaços urbanos demarcados e exclusivos da administração, surgiu no topo da colina aquela que foi considerada a primeira aldeia da mina de São Domingos.



Figura 19 - Cartão postal que ilustra aquela que foi a primeira aldeia de São Domingos. Informação gentilmente cedida pelo Sr. Barão.

Começava desde modo a estruturação dos espaços urbanos e sociais nos quais se distinguiam perfeitamente todas e quaisquer áreas de construção e trabalho.

A primeira aldeia foi construída nas duas vertentes do morro da Serra (São Domingos). No ponto oposto, construiu-se o “Palácio” do Barão do Pomarão⁶¹, o Sr.

⁶⁰ Da autoria do Sr. Manuel Francisco Barão, antigo trabalhador da mina de São Domingos.

Mason e a igreja católica. Na parte baixa, correspondente ao vale, desenvolviam-se os trabalhos mineiros e as casas dos operários. (Marino:2006;24, adaptado).

Contudo, e no seguimento das alterações feitas ao plano de lavra já citado, foi necessário proceder a profundas alterações no espaço urbano do couto mineiro sobretudo nas áreas habitacionais, quer dos trabalhadores quer da parte dos ingleses.

A partir de 1867, com o início da exploração a céu aberto, o primeiro núcleo habitacional foi destruído devido ao facto de se encontrar construído em cima do chapéu de ferro. Restaram apenas o hospital, a farmácia e o cemitério dos Ingleses. Posteriormente, na colina sul da Serra de São Domingos, foi construído o *Lazarete*, um hospital permanente para doentes que padeciam de doenças infecto-contagiosas.

A nova organização espacial planeada pela *Mason & Barry* tinha implícita, facto que é evidente ainda hoje, uma organização hierárquica sócio-profissional. A nova divisão territorial passou pela construção de dois bairros, o dos ingleses e o dos operários.

A área reservada aos quadros superiores, como os administradores, os engenheiros e os técnicos e suas respectivas famílias, encontrava-se na elevação mais frondosa e protegida por um vasto eucaliptal. (ALVES:1997;73,adaptado). Todas as construções se desenvolviam em torno de um largo ajardinado, com coreto e bancos de jardim sendo que a construção principal, no topo do largo, era o edifício da administração, o chamado “palácio”. O estilo arquitectónico destas casas era o típico inglês vitoriano.

Por sua vez, os bairros dos operários, foram concebidos de uma forma homogénea, arquitectonicamente, mas sem um ponto central e estruturante. O espaço fora concebido com a construção de casas em banda, alinhadas caiadas de branco porém feitas com materiais pobres⁶². O espaço no interior era exíguo; maioritariamente, o espaço não ultrapassava os 15/16m², onde habitavam famílias de 6 a 8 pessoas. O que hoje se pensa ser impossível, no pequeno espaço tudo era possível: “o quarto servia de cozinha, de sala e de dormitório, e à noite, nessa promiscuidade absoluta de corpos (...), os pais se eram respeitadores, apagavam a luz ou voltavam as costas, quando as filhas já crescidas se despiam” (GUIMARÃES citado por MARINO:2006;36).

⁶¹ Em Janeiro de 1866, James Mason recebeu, durante o reinado de D. Luís I, o título de I Barão do Pomarão pelos trabalhos desenvolvidos na mina de São Domingos. Posteriormente, em 1897, o rei D. Carlos concedeu-lhe o título de Conde do Pomarão.

⁶² O bairro dos operários foi inteiramente construído em taipa. A taipa é barro misturado com grãos de areia e brita, batida a malho, por vezes apertada entre enxameis atravessados de fasquias. O uso deste material contrastava com o das casas administrativas que tinham sido construídas com tijolos.

Devido à topografia do terreno, as ruas ora eram sinuosas ora rectas sendo que normalmente terminavam em estruturas de uso comum, como o forno ou as latrinas públicas. Segundo Helena Alves, no “céu” do bairro operário destacavam-se “o número de chaminés: tantas quanto as portas existentes em cada rua. A rígida igualdade de cada porta, a cadência contínua com que se sucedem, atesta a construção programada por bloco.” (ALVES:1997;74).

Os 3 núcleos que compunham o bairro dos operários instituíam também uma hierarquia desta feita, entre os trabalhadores. Os bairros “Alto” e o “Violeta”, na periferia da aldeia, eram designados para os trabalhadores subterrâneos, e o bairro “Romano” era ocupado pelos trabalhadores à superfície e capatazes. Aos capatazes, pela sua responsabilidade na instituição da ordem e bem-estar, eram entregues casas em ruas mais largas, com serventia de quintal e cozinha em frente. (ALVES:1997;76, adaptado).

Figura 23 – Casas em banda no lugar de São Domingos



Fonte: Foto da Autora

Em jeito de síntese da desigualdade social que os mineiros viviam, sobretudo ao nível do espaço físico, citamos Guimarães: “ (...) Um inglês, uma só pessoa, tinha uma casa com sete divisões espaçosas. Os cabos eléctricos passavam por cima dos bairros mineiros para iluminar as vivendas dos Engenheiros e o “Palácio” do Director; as casas dos mineiros eram iluminadas a petróleo e, para se alimentarem e aquecerem, os mineiros iam buscar lenha a Espanha.” (GUIMARÃES citado por MARINO:1997;37).

As casas não eram propriedade dos trabalhadores, e por elas pagavam uma renda. A excepção fazia-se aos capatazes, aos encarregados e aos empregados superiores. (MARINO:1997;37, adaptado).



Figura 24 - Cartão postal que ilustra aquela que foi a segunda aldeia de São Domingos. Informação gentilmente cedida pelo Sr. Barão.

Contudo, e para quem chegava à mina, a aldeia “aparecia como um corpo estranho, envolta nos fumos negros das chaminés, na poeira vermelha que se levantava do chão, nos ruídos das máquinas em constante laboração, no movimento contínuo do trabalho e, à noite, a luz que iluminava a zona industrial; para quem se aproximava desta área, era o calor que aumentava.” (MARINO:1997;51).

Em 1907, um repórter do jornal *O Século*, deslocou-se à mina para relatar a ocorrência de uma greve e da sua notícia fazia parte a seguinte descrição: “A povoação, à parte das casas, que estão cuidadosamente caiadas, não prima pela sua limpeza, formando um contraste bem flagrante no que diz respeito à hygiene a parte portuguesa com a que é habitada exclusivamente pelos ingleses.” (MARINO:1997;51). O mesmo jornalista que se surpreendeu com as discrepâncias na mina, escreveu com estupefacção a sua viagem até ao local no qual, partindo de Lisboa tomou o comboio até Vila Real de Santo António, daí o barco até Mértola e ainda, a “carripana” até São Domingos chegando “noite alta, dois dias depois de ter saído de Lisboa.” (MARINO:1997;67, adaptado).

4.3. O espaço social

Durante os primeiros 15 anos da exploração inglesa em São Domingos, a população operária era na sua maioria de origem estrangeira. Segundo os registos paroquiais ao nível dos nascimentos, a origem dos pais constituía uma vasta lista de 97 localidades diferentes. O grande grupo de trabalhadores vinha de Espanha, sobretudo da província de Huelva, depois da Galiza, Astúrias, Leão e da cidade de Saragoça, todas estas conhecidas áreas mineiras. De seguida, a população da região alentejana, a grande maioria da margem esquerda do rio Guadiana, e por último, gentes vindas do Algarve. (MARINO:2006;24/25, adaptado).

E ainda durante o período de tempo acima referido, o complexo mineiro de São Domingos atingiu dimensões nunca antes vistas em território nacional, não só pelo número de trabalhadores e seus dependentes, assim como pelo número de infra-estruturas sociais e fabris. Segundo Rui Mateus citando Pinho Leal, “a povoação mineira era composta por mais de 300 fogos, se bem que exíguos, uma vez que, na grande maioria deles, a área disponível para cada família era de 15m²! (...) Com uma bela igreja, casa para escola, hospital, palácio da empresa, laboratórios, sala de desenho,

teatro, casa da philarmónica, casa de recreio com bilhar e gabinete de leitura, cavalaria e oficinas apropriadas para todos os serviços.” (MATEUS:1995;16).

A *Mason & Barry* deteve os direitos de exploração da mina de São Domingos por cerca de 100 anos. Para além do que já foi referenciado ao nível da sua intervenção para a exploração, desenvolvimento e modernização do couto mineiro, a empresa soube e ao longo de vários anos, fixar a população, independentemente das condições vividas; a mina de São Domingos era o ponto nevrálgico do trabalho no Baixo Alentejo. Nas palavras de quem lá viveu, “Mas isto é uma grande história aqui (...), isto passou por aqui, passou por aqui muita gente, aqui havia muita fome, muita miséria.”⁶³

Foram gerações e gerações que por aqui passaram; homens e mulheres que viveram e deram a vida pela localidade. À grande maioria dos homens estava destinado o trabalho na mina: “ (...) Ui, avôs e bisavôs, aqui é o seguinte: é que aqui na nossa zona, não havia mais nada, a única indústria que existia era a mina. Os meus bisavôs trabalharam aqui, os meus avós trabalharam aqui, o meu pai trabalhou e eu trabalhei, fui o último porque a mina abriu falência.”⁶⁴ Segundo o Sr. Barão, 99% dos homens que viviam na aldeia mineira trabalhavam na mina. Os restantes dedicavam-se ao comércio, às colectividades, às cooperativas ou serviam as vivendas do pessoal administrador ou o “Palácio”⁶⁵.

A alguns trabalhadores mediante o pagamento de uma quantia, era cedido por parte da empresa, um pedaço de terra no qual a família cultivava alguns legumes/vegetais para compensar o parco salário que mal dava para alimentar a família. Para além do horário laboral, o operário “ (...) trabalhava, vinha do trabalho, tinha uma hortinha, ainda ia a trabalhar para a horta, para colher umas couves, umas alfaces, algumas ervilhas, umas favas, fosse o que fosse.”⁶⁶

Às mulheres estava entregue a lida da casa, o cuidar dos filhos, a venda no mercado, o chamado “Pago” ou a serventia para a classe administrativa. Era costume na altura e como único modo de garantir uma melhor vida às meninas de 13/15 anos, mandá-las para Lisboa e outras cidades para que pudessem “servir” as grandes famílias como criadas de serviço. Nas festas regressavam à aldeia, e algumas acabavam por ficar em virtude de um namoro ou casamento.

⁶³ Vide entrevista em anexo.

⁶⁴ Vide entrevista em anexo.

⁶⁵ Nota da Autora: O avô do Sr. Barão serviu o “Palácio” como mordomo dos 8 aos 72 anos de idade.

⁶⁶ Vide entrevista em anexo.

A empresa não deixava de acolher fosse quem fosse, havia sempre algo para fazer, alguma função a realizar. Seguindo novamente as palavras do Sr. Barão, o mesmo descreve que a “empresa inglesa que ao fim e ao cabo dava trabalho a toda a gente. Havia um inválido, (...) um indivíduo que era coxo, que tinha outro problema qualquer de mobilidade, eles arranjavam um emprego para ele, ou para guarda, ou para guarda de uma bomba, ou para subir uma bandeira quando passava o caminho-de-ferro, fosse o que fosse, arranjavam emprego para ele, para esses inválidos.”⁶⁷

As famílias eram numerosas. Como já supra citado, o núcleo familiar era formado por 6 a 8 pessoas. Ao pouco saber transmitido pelos pais, as crianças iam à escola para aprender o básico. Quem daqui quisesse progredir nos estudos, e se a família tinha possibilidades, teria que ir para Mértola ou Beja. A escola básica estava aberta para as crianças do 6 aos 10 anos. Muitos, e principalmente os rapazes, foram aqueles que desde “moços” enveredaram pelo trabalho mineiro: “Aqui era o seguinte: isto começava-se a trabalhar de pequenino, trabalhando de pequenino ia-se adquirindo uma certa experiência.”⁶⁸. A par da escola, e muitas das vezes quando a concluíam, as raparigas mais velhas ajudavam a cuidar dos irmãos mais novos e das lides domésticas; os rapazes, quando não seguiam para o trabalho mineiro como já referido, ficavam encarregues da apanha da lenha, de trazer a água ou de outras tarefas eventuais. (ALVES, 1997;150, adaptado).

Com a constante insatisfação e crescente revolta dos operários pelas suas precárias condições de vida, a *Mason & Barry* viu-se forçada a criar um corpo policial, uma força de segurança interna para controlar as greves e os motins que se tornavam crescentes⁶⁹. Os mineiros pediam melhores salários, menos horas de trabalho e o início da semana de trabalho à segunda-feira em vez do domingo à tarde.

Os mineiros ganhavam mal, as famílias viviam com bastante dificuldades e a entajada social foi por várias vezes a “salvação” de muitas pessoas. O companheirismo e a solidariedade marcavam a personalidade de cada um: “a gente desde pequenino que nos conhecíamos e havia sinceridade, havia amizade. (...) Por exemplo, (...): eu tinha dificuldade um dia qualquer, ou se acabava o pão, ou se acabava o açúcar, ou se acabava o café. – Ó vizinha, empreste-me lá aí um bocadinho de café, ó

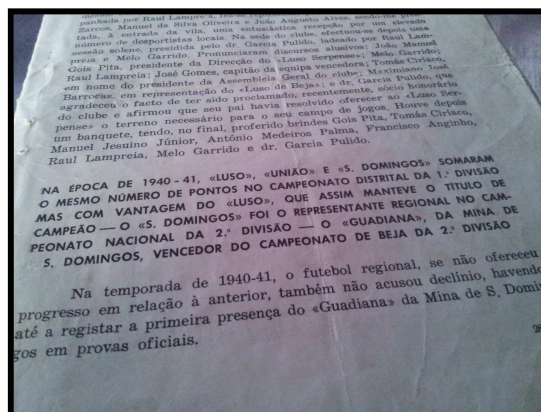
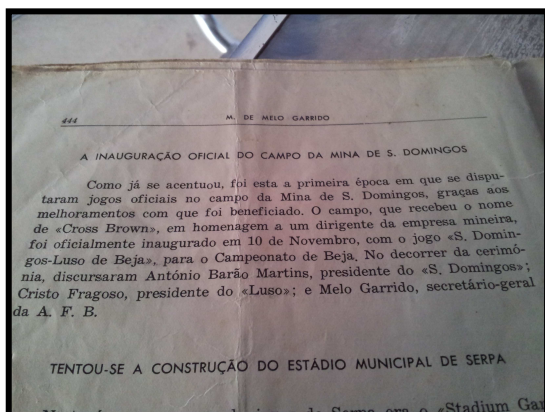
⁶⁷ Vide entrevista em anexo.

⁶⁸ Vide entrevista em anexo.

⁶⁹ O corpo de polícia privada foi criada em 1875.

vizinha, empreste-me aí uma metade de um pão, e era assim. O nosso código era esse: sinceridade e a amizade.”⁷⁰

O que levava à distração e ocupava os poucos tempos livres eram as associações e colectividades e até a filarmónica. Havia até um campo de futebol, e várias foram as equipas da mina de São Domingos que participaram em competições amadoras a nível nacional.



Figuras 25 e 26 - Documentos escritos sobre a inauguração do campo de futebol *Cross Brown* na mina de São Domingos e a classificação das equipas no ano de 1940-41.

Informação gentilmente cedida pelo Sr. Barão

Era nas colectividades como o *Clube Operário*, o *Clube Recreativo*, o *Musical*, o *Centro Republicano 5 de Outubro* e o *Estrela*, que os trabalhadores e as suas famílias gozavam alguns dos momentos lúdicos. O associativismo estava fortemente implementado nas tradições locais. Para além das tradicionais festas religiosas como a Páscoa e o Natal, também se celebravam os Santos como S. João, feriado camarário, a festa de Santa Bárbara (4/8), padroeira dos mineiros e a de S. Domingos (4/12), padroeiro dos operários. À população local juntavam-se gentes vindas de outras povoações, eram festas ímpares, distinguidas de todas as outras do concelho.

À parte estas festividades, ainda existiam os bailes e os chás dançantes, os preferidos dos mais jovens. Segundo o Sr. Barão, que pertenceu à direcção de alguns dos clubes, todos tinham que ser sócios e pagar as respectivas cotas. As raparigas muitas das vezes não o podiam pagar então, eram convidadas na mesma mas tinham que

⁷⁰ Vide entrevista em anexo.

trazer um “bolinho” ou umas “bolachinhas” para serem distribuídos posteriormente no intervalo das festas.⁷¹

A empresa participava destas festas embora de um modo indirecto. Não que os membros da administração participassem *in loco* mas emprestava materiais, cedia espaços e estruturas, enviava electricistas para montar as iluminações, pagava transportes e alguns alimentos. Esta era também uma maneira discreta de manter a ordem e o controlo sobre a população, porque o “consumo de álcool era elevado. (...) A preocupação das autoridades era manter a ordem pública.” (GUIMARÃES citado por MARINO:2006;42).

4.4. O espaço industrial

Agregado ao investimento social para os trabalhadores, a *Mason & Barry* construiu de raiz tudo o que era necessário à extracção, ao transporte da matéria-prima, e as estruturas de apoio como as carpintarias, as fundições, as serralharias e as diversas oficinas. O complexo industrial era tão moderno, que a primeira central eléctrica de todo o Alentejo estava precisamente na mina, na mina de São Domingos (MATEUS:1995;16, adaptado). De referir ainda o projecto de arborização, neste caso um eucaliptal destinado ao fornecimento de energia, e a criação de duas grandes represas, a Tapada Grande e a Tapada Pequena, para represar a água para abastecer o complexo mineiro.

Nas palavras do Sr. Barão, antigo electricista das oficinas da mina, “Isso é que era uma coisa digna de se ver (...) a oficina a trabalhar, (...) os tornos mecânicos a trabalhar, isto era coisa (...), a fundição, por exemplo, a carpintaria...; é que aqui era o seguinte: aqui não se dava nada a fazer a lado nenhum, havia operários especializados que resolviam as situações todas, todas, todas, todas...da empresa que havia aqui, todos problemas eram resolvidos aqui na mina, não era preciso mandar a lado nenhum, nem a Lisboa nem a grandes empresas...aqui fazia-se tudo. Havia fundição, havia tornos, e resolvia-se a situação toda e tudo trabalhava sob orientação aqui da mina...tudo, tudo.”⁷²

O desenvolvimento e crescimento da mina de São Domingos enquanto estrutura e complexo mineiro foram surpreendentes, sobretudo pela localização e pela qualidade dos seus equipamentos. Todas as evoluções tecnológicas para o período e função em

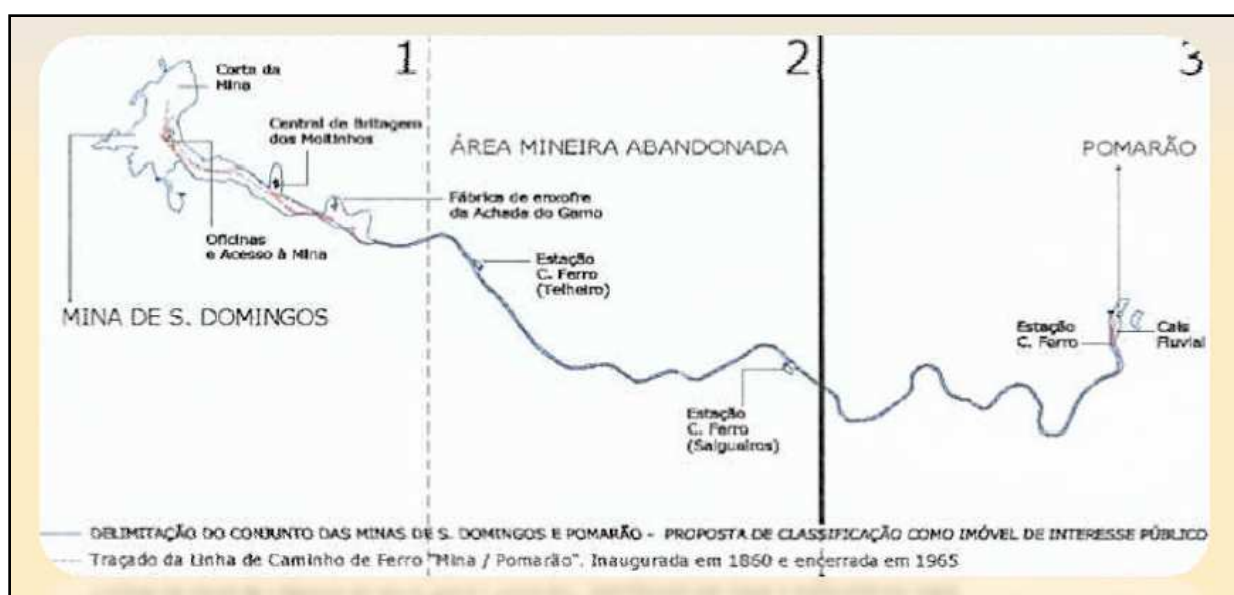
⁷¹ Vide entrevista em anexo.

⁷² Vide entrevista em anexo.

questão estavam implementadas em São Domingos; o que aqui existia era o melhor do melhor, com algumas criações originais registradas e patenteadas, como as locomotivas do engenheiro Mason.

Para um maior entendimento sobre cada uma das estruturas do complexo mineiro, e recorrendo à informação do “Percurso Geo-Ambiental, Circuito do Ciclo Mineiro” disponível na mina de São Domingos, passamos a transcrever algumas das descrições técnicas.

Figura 27 - Conjunto Industrial da Mina de São Domingos até ao Pomarão



Fonte: Carvalho, Rui “O Património Industrial e Valorização do Território, A Mina de São Domingos”

- Exploração da Mina de São Domingos –

“Durante o Império Romano, a parte superficial da massa de São Domingos (gossan ou chapéu de ferro) foi intensamente explorada para cobre e prata, através de poços e galerias. A exploração moderna da mina decorreu ao longo de mais de um século, entre 1857 e 1966, tendo sido extraídos pela empresa Mason & Barry cerca de 25 milhões de toneladas de minério. Esta actividade extractiva envolveu a exploração a céu aberto de uma única corta, iniciada em 1867, com cerca de 120m de profundidade, e uma rede de galerias e poços que se desenvolveu até cerca de 420m abaixo da superfície. Os trabalhos mineiros distribuem-se entre o poço n.º6 (malacate de extracção das águas

de mina situado próximo das oficinas ferroviárias), e o poço n.º 7, localizado a ocidente da corta. Esta estrutura destinava-se à sucção do ar viciado do interior da mina.

Os métodos de exploração subterrânea utilizados foram os de câmaras e pilares, e de corte e enchimento (cut and fill). Nos bancos da corta (socalcos) observam-se algumas galerias de exploração romana, caracterizadas por uma secção muito reduzida. No seu sector ocidental localizam-se os túneis de acesso aos trabalhos subterrâneos construídos em 1859 e 1861 e o descarregador de minério, localizado próximo da central eléctrica da mina.

Com o encerramento da actividade extractiva, a corta de São Domingos foi progressivamente inundada por águas ácidas com Ph inferior a 2,5-3. Em torno da cavidade é possível observar vários tipos de escombrelas constituídas por materiais diversos como escórias modernas de cor negra, escórias romanas acastanhadas, fragmentos de gossan de cor avermelhada e rochas encaixantes da mineralização como vulcanitos e xistos. Alguns destes corpos de encombros apresentam teores significativos de ouro admitindo-se a presença de iMt de escombrelas com 1g/t de ouro.”

Figura 28 – Esquema da actividade mineira na Mina de São Domingos

Fonte: Foto da Autora



1) Corta da mina

Com a forma geométrica de uma elipse, a corta da mina, explorada a céu aberto e em profundidade, era o local de onde se extraíam os minérios: as pirites, enxofre, cobre, ferro, zinco, ouro e prata. A lavra a céu aberto decorreu até aos 120m de profundidade.

Actualmente, e desde o encerramento da mina no ano de 1965, a corta está inundada. Em 1967, a *Mason & Barry* mandou romper as represas de água de modo a

impedir o acesso à zona de extracção. Apesar de atractivo, a palheta de cores das águas da corta deve-se ao facto das mesmas deterem um teor de acidez muito alto, com um pH2.

A nível técnico, a “Mina de São Domingos localiza-se na Faixa Piritosa Ibérica (FPI), mundialmente reconhecida pela sua riqueza em sulfuretos maciços vulcanogénicos, vulgarmente conhecidos por pirites. Os jazigos de sulfuretos da FPI encontram-se associados a uma formação geológica constituída por rochas vulcânicas e sedimentares (Complexo Vulcano-Sedimentar), formada na Era Paleozóica há cerca de 352 a 330 milhões de anos. A génese de jazigos de pirite da FPI, como a de São Domingos, está relacionada com a circulação de fluidos hidrotermais (água do mar modificada e fluidos magnáticos) entre as rochas vulcânicas e sedimentares, as quais sofreram por isso intensos processos físico-químicos de lixiviação e troca iónica. Nos locais de descarga destes fluidos formaram-se em ambiente marinho massas de sulfuretos ricas em ferro, cobre, zinco, chumbo, prata e ouro.”



Figura 29 – Corta da mina de São Domingos.

Fonte: Foto da autora

2) Oficinas e acesso à mina

“A norte das oficinas encontra-se a central eléctrica da mina, a primeira construída no Alentejo. Esta unidade laborou inicialmente a carvão e posteriormente, a gás pobre e fuel.

A sul das oficinas, próximo do Lazarete, localiza-se o paiol antigo dotado de um muro de protecção e construído com paredes de alvenaria e blocos de rocha vulcânica muito competente.

No sector SE das oficinas, encontra-se uma pedreira talhada em rochas ácidas coerentes do complexo vulcânico sedimentar, o qual fornecia rocha para diversos trabalhos minérios.

Entre o jardim com coreto e as oficinas, localiza-se o posto da polícia da empresa de onde se destaca a torre de relógio.

Nas proximidades das oficinas ferroviárias, sobressai a paisagem do poço Malacate n.º 6, construído em madeira e ferro. A finalidade deste poço principal, era a drenagem das águas da mina do piso 150, o que possibilitava a laboração a seco na corta. Durante o período romano da exploração mineira, a drenagem dos trabalhos subterrâneos era assegurada por várias rodas de madeira com diâmetro máximo com 5,28m, colocadas em série e por sistemas de parafusos de Arquimedes.”



Figura 30 – Poço Malacate nº 6

Fonte: Foto da autora

3) A estação da britagem na Moitinha

“O minério trazido por comboio da área de exploração a montante, era descarregado em Moitinha onde se localizavam os moinhos britadores. Na margem esquerda da ribeira de São Domingos, identificam-se as ruínas da base da chaminé das caldeiras e do edifício principal, o qual era servido por duas linhas-férreas, a superior para comboios com minério bruto e a inferior para composições com minério britado.

No topo da colina, surgem as ruínas e o extenso planalto ocupado por tanques de lixiviação de cobre. Na margem oposta à estação de britagem, observam-se

escombreiras de escórias modernas de cor negra. A montante deste local, encontra-se o paredão de uma barragem mineira, actualmente com as comportas de fundo abertas, em cuja albufeira se constata a intensa erosão de sedimentos finos.”



Figura 31 – Estação de Britagem da Moitinha

Fonte: Foto da autora

4) Área Industrial da Achada do Gamo

“Neste local era efectuado o processamento do minério com vista à obtenção do cobre e do enxofre. A actividade aqui desenvolvida desde 1860 é hoje testemunhada pela presença das ruínas das duas fábricas de enxofre e por escombreiras de escórias, de minério e de rochas alteradas. Inicialmente procedeu-se à queima da pirite ao ar livre (ustulação). Este processo conduzia à libertação de vapores de enxofre comum impacte ambiental muito negativo, tendo sido abandonado pouco depois. Durante o último quartel de 1800 utilizaram-se então técnicas hidrometalúrgicas, onde o minério era tratado pela lixiviação e cementação, num processo patente por James Mason. Na sequência das condicionantes económicas associadas à guerra civil de Espanha e à II Guerra Mundial foram construídas unidades fabris para extracção do enxofre a partir das pirites pelo processo de OKLA, em 1935 e 1943. Até finais da década de 50, o enxofre constituía a principal fonte de receita da mina pela sua larga aplicação na indústria química, nomeadamente no fabrico do ácido sulfúrico e de pesticidas agrícolas.

Junto das ruínas desta unidade de produção observam-se escombreiras de escórias de cor negra e pequenos montes de escombros de cinzas e de blocos de minério de pirite. Na paisagem deserta da Achada sobressaem várias chaminés construídas em pedra e em tijolo, um açude de lamas industriais e uma unidade de tanques de cementação, com canais com estruturas em tijolo e madeira, dispostos em desníveis, de forma a permitir o

fluxo controlado das águas saturadas. A mais recente das chaminés encontra-se ligada à primeira fábrica através de um túnel parcialmente colapsado.”



Figura 32 – Área industrial da Achada do Gamo

Fonte: Foto da autora

5) Pomarão

“Considerado fundamental para a viabilização do estabelecimento mineiro de São Domingos e para a exportação do minério através do rio Guadiana, o porto fluvial do Pomarão começou a ser construído em 1859, em simultâneo com a via-férrea, uma das primeiras do país, destinada ao transporte das pirites da mina até aos embarcadouros deste porto.

No sítio onde até então nada existia nasceu uma pequena povoação. O movimento dos comboios e dos navios estrangeiros passa assim a dominar o dia-a-dia deste local, com cerca de 500 navios por ano a aportarem no Pomarão, logo após a sua construção.

A localização estratégica, na confluência da ribeira do Chança com o rio Guadiana, confere-lhe a importância de entreposto logístico e comercial onde se processa a expedição do minério e se recebe o abastecimento de materiais, alimentos e géneros provenientes de Inglaterra, destinados ao desenvolvimento do grande complexo mineiro industrial. O rápido incremento das actividades portuárias levou a Mason and Barry a construir um bairro para os trabalhadores e um palacete para a direcção dos trabalhos e residência da administração inglesa. Repetindo a mesma tipologia utilizada em São Domingos, a habitação operária implantou-se em bandas escalonadas na

íngreme encosta, paralelamente à margem do rio e em n.º aproximado de uma centena de fogos, enquanto que o palacete foi construído próximo do cais.

Em 1876, o Pomarão foi fatidicamente atingido pela cheia diluvial que quase provocou a sua total destruição. O dilúvio inundou as casas dos operários arrasando o ancoradouro, a zona do cais, o caminho-de-ferro e a casa da administração. Na reconstrução do porto, o palacete actualmente existente foi então implantado em local mais elevado. Após um século de intensa actividade, quebra-se a ligação funcional à mina, devido ao encerramento do estabelecimento mineiro. A pequena comunidade sofre com o conseqüente despovoamento e os que permaneceram passam a subsistir essencialmente da actividade piscatória. Mais recentemente, o potencial turístico que constituem a envolvente natural, o património construído e o cais fluvial do Pomarão, é considerado um factor fundamental para a sua revitalização e para o desenvolvimento da região.”



Figura 33 – Pomarão e a sua aldeia

Figura 34 – Antigas estruturas do porto de embarque

Fonte: Fotos da Autora



4.5. O encerramento

“Se a Mina de S. Domingos continua a ser uma aldeia operária, apesar de desactivada (...), é porque os seus habitantes investem, de facto, o seu imaginário no passado.” (ALVES:1997;175)

Por mais de 100 anos, a empresa *Mason & Barry*, explorou a mina de São Domingos dando lugar simultaneamente ao crescimento de um grande complexo industrial que envolvia também um mundo muito próprio, exclusivo e distinto de todo e qualquer outro complexo mineiro em Portugal.

A vida da mina ia muito para além da extracção e exploração mineira. Envolvia centenas de milhares de pessoas que directa ou indirectamente se viam envolvidas no dia-a-dia do espaço mineiro e urbano, nascido da persistência de técnicos e engenheiros ingleses. Os lugares de São Domingos e Pomarão, ainda hoje pertencentes ao espaço legal da empresa detentora da exploração mineira, chegaram a ter cerca de 3000 trabalhadores e perto de 6000 habitantes.

A importância do espaço mineiro foi reconhecida a nível europeu, chegando a ser a mina de cobre mais importante da Europa. Em 1870, a mina exportara 182.000 toneladas de minério; em 1912, o número subiu para 440.000 toneladas.

A entrega de títulos nobiliárquicos ao administrador da *Mason & Barry*, e a visita oficial, em 1897, dos reis portugueses D. Carlos e D. Amélia ao espaço mineiro atestam essa valorização nacional.

Apesar de todo o esplendor vivido e de ter sido um exemplo em muitas vertentes, a mina de São Domingos passou por muitas crises de exploração até ao seu encerramento total. A conjuntura político-social do país no início do século XX, os conflitos bélicos em dois momentos cruciais da História Mundial e escassez do minério foram alguns dos factores que levaram ao fim do complexo mineiro.

As tentativas por parte da empresa para viabilizar a sua continuidade da exploração foram várias, tais como a diversificação da produção e o aprofundamento das áreas de extracção. (MATEUS:1995;17,adaptado). Em 1930, na Achada do Gamo, foram construídas novas instalações que laboravam em exclusivo para a CUF⁷³; ali

⁷³ A Companhia União Fabril, conhecida CUF, fundada em 1865, foi uma empresa de produção de sabões, velas estearinas, óleos vegetais e adubos. Mais tarde expandiu a sua influência na banca, saúde, seguros, tabacos, hotelaria, sector têxtil, entre outras.

preparava-se o enxofre com elevado nível de pureza, que era enviado directamente para as indústrias desse complexo. A partir de 1943, recorreram-se a outras áreas do espaço mineiro para exploração de matéria-prima, chegando a zonas de extracção até 390 metros de profundidade.

Agregado as todas as dificuldades já explicitadas, a população mineira reagiu a tal instabilidade. Nos finais dos anos 50, a população começou a partir de São Domingos, principalmente os mais novos, que procuravam outras explorações mineiras, como as minas da Panasqueira, as grandes cidades, como Lisboa ou mesmo o estrangeiro, e muitos foram os que emigraram para a Bélgica, França e até mesmo para os Estados Unidos. A própria empresa deu início a um processo de despedimento e de reforma a alguns trabalhadores. Mesmo assim, e sobretudo os mais velhos, preferiram ficar pois “a profissão de mineiro não conferia a quem exercia habilitações para outro tipo de actividades” e em muitos casos, “a agricultura surgia como única alternativa possível para todos aqueles que, independentemente da razão, preferiam ficar em Mina de São Domingos.” (EREIO citado por MARINO:2006;25).

Tentando ainda inverter o desemprego e a perda dos seus trabalhadores, a *Mason & Barry* fez investimentos noutras áreas como “dois estabelecimentos fabris de construção de barcos e artigos de plástico e uma oficina de serração e polimento de mármore” (EREIO citado por MARINO:2006;25), no Algarve. O resultado foi também desastroso.

A curva do tempo tornou-se cruel para os trabalhadores: nos anos 20 contavam-se cerca de 3000, nos finais dos anos 40 o número desceu drasticamente para os 1700, em 1958 passou para os 1500. Em 1963, trabalhavam na mina um total de 1283 homens e, no ano de 1968 e segundo o Sr. Barão, “ (...) na altura, quando a empresa abriu falência éramos 160 operários.”⁷⁴

Os anos 60 trouxeram a concretização do que há muito se anunciava. Em 1960, a empresa mandou encerrar o Forno nº2 da Achada do Gamo. Em 1961, e com o piso nº 210 já encerrado, constatou-se a inviabilidade da exploração do piso nº.405. A grande fábrica de enxofre que produzia em exclusivo para a CUF encerrou em Setembro de 1962.

Oficialmente, e no ano de 1965, é anunciado o fim da exploração mineira na mina de São Domingos. As razões declaradas pela empresa foram o esgotamento dos

⁷⁴ Vide entrevista em anexo.

filões mais produtivos e a falta de rentabilidade económica do minério nos mercados comerciais (MATEUS:1995;17, adaptado). Em Junho de 1966, e como tentativa de salvação económica da empresa e dos seus trabalhadores, a *Mason & Barry* inaugurou uma fábrica de mármore e uma outra de materiais de fibra de vidro. Mais um fracasso. Em 1967 e para impedir posteriores acessos à zona de extracção, a empresa mandou romper as represas com o objectivo de inundar a corta, inutilizando e impossibilitando a sua utilização.

Durante 2 anos, a empresa consentiu a desmontagem e venda de muitos equipamentos, estruturas, máquinas e materiais, “ (...) tudo cortado a maçarico, e (...) tudo vendido como sucata.”⁷⁵. Para além da perda simbólica do património construído, o que não se vendeu deixou-se ao abandono, a empresa acumulava dívidas aos trabalhadores. E uma vez mais tomando o Sr. Barão como fonte fidedigna da realidade descrita, “Tive” até ao fim da mina... (...) nós estávamos a trabalhar, a partir os motores, a partir tudo, a arranjar sucata, e esta semana davam 100 escudos, daqui a 3 semanas davam outros 100 escudos, então foi-se acumulando, acumulando, (...), ficaram lá, quando fui despedido, a dívida da empresa “p’ra” comigo eram 27 contos e 500, ou seja, 27 mil e 500 escudos, que era dinheiro. Ah, não recebi nada, não me deram nada, o subsídio de férias, indemnização e...salários que ficaram em atraso. Foi-se ao tribunal de falências, (...) ...como o dinheiro não chegava para pagar a todos os credores...ainda me deram 3 contos e 500 ao fim de 7 ou 8 anos, deram-me 3 contos e 500, e ficaram lá 24 contos.”⁷⁶

Em 1968, “no dia 25 de Junho, pegávamos ao trabalho às 8 horas da manhã, íamos para pegar ao trabalho, às oficinas, estava lá um papel, «a Mason & Barry Limitada abriu falência». Cada um arrancou com a saca às costas, para casa, sem um tostão, sem nada.”⁷⁷ O encerramento da mina não passou somente pelo fim da extracção e laboração da empresa inglesa; foi todo um complexo habitacional, uma estrutura social e familiar, uma “empresa-mãe” que dominava o dia-a-dia dos seus trabalhadores e familiares. Perdia-se também a referência de gerações de famílias, o berço de muitos homens e mulheres que toda a sua vida só conheceram aquele local. Economicamente, o encerramento da mina de São Domingos conduziu a um forte desemprego e êxodo rural.

⁷⁵ Vide entrevista em anexo.

⁷⁶ Vide entrevista em anexo.

⁷⁷ Vide entrevista em anexo.

A falência foi oficialmente decretada em 1968, e nesse mesmo ano, e por razões contratuais, a *La Sabina* recuperou a titularidade da exploração e dos terrenos da mina de São Domingos. No contrato firmado entre as duas empresas no final do século XIX, estipulou-se que os bens de uma pertenceriam à outra se houvesse falência de uma das partes.

Durante os 107 anos de exploração (1859-1966), foram extraídas cerca de 20 milhões de toneladas de pirite cúprica.

4.6. A actualidade

Actualmente, a mina de São Domingos é um espaço de memórias fechado no seu próprio silêncio.

A ordem social existente até 1968, promovida pela *Mason & Barry*, deixou de existir a partir do momento em que a empresa abriu falência. A rigidez implícita no cuidado com as casas, na manutenção dos espaços sociais de cada grupo que habitava na área urbana da mina, e nas relações humanas e sociais terminou com o seu encerramento.

O abandono por parte da empresa proprietária levou à degradação praticamente total de várias estruturas quer tenham sido as da área mineira quer as dos equipamentos urbanos e sociais. Os roubos e alienações de materiais das antigas oficinas, das antigas fábricas, da linha do caminho-de-ferro e das casas pertencentes à administração inglesa moldaram a paisagem tornando-a silenciosa em contraponto ao seu passado. O seu património humano também foi colocado em causa, afinal, foram os muitos que lá laboraram que contribuíram para a sua História. A negligência da empresa *La Sabina* e do poder local e nacional, ou um simples desinteresse levou a que muitos anos de História passassem despercebidos.

Ao longo destes últimos anos a mina enquanto espaço habitacional tem sido alvo de um processo de reestruturação urbana que passa pela melhoria de saneamento básico, de equipamentos sociais e sobretudo, pela manutenção do seu típico estilo arquitectónico, com as tradicionais casas em banda. Em parceria têm trabalhado a empresa proprietária, a *La Sabina* e a Câmara Municipal de Mértola.

A manutenção da traça arquitectónica é um dos projectos mais ambiciosos da parte das entidades referidas. Com a ausência do poder central, os seus habitantes foram

alterando e adaptando as pequenas habitações às suas necessidades, o que durante anos colocou em causa a típica arquitectura local. De modo a “devolver” a memória e o espaço aos mineiros, nas últimas décadas, a *La Sabina* tem vindo a vender as pequenas casas aos mineiros e seus familiares. Outro dos grandes investimentos foi a transformação da antiga residência da administração inglesa num hotel, a chamada Estalagem de São Domingos. A recuperação do Centro Republicano 5 de Outubro, a pavimentação das ruas e a transformação da Tapada Grande, antiga represa, numa grande praia fluvial foram outros dos projectos de grande valor ao longo dos anos. A praia fluvial da Tapada Grande já ganhou prémios nacionais que a classificaram como “melhor praia fluvial do país”.

Com cerca de 600 habitantes, a população do lugar de São Domingos é na sua maioria constituída por idosos, com poucas habilitações literárias e com poucos recursos económicos. Muitos dos que emigraram no passado acabaram de certa maneira por voltar, senão permanentemente pelo menos no período do verão e algumas festividades locais e nacionais. Todos os anos, no período do verão, são às centenas os que chegam à mina à procura de praia, descanso e boa comida. De Inverno, os caravanistas descobrem aqui o prazer do descanso e bom acolhimento. São estes indivíduos que trazem vida à mina de São Domingos.

Em 2006, para perpetuar e dar a conhecer as histórias e vivências dos trabalhadores, a Fundação Serrão Martins⁷⁸ e a *La Sabina*, em colaboração directa com habitantes locais, inauguraram a *Casa do Mineiro*, centro de documentação da mina de São Domingos. Este espaço funciona como museu, centro de documentação e posto de turismo. As visitas turísticas podem ser requisitadas neste local. Ainda no seguimento de dar a conhecer a mina e suas “histórias”, e na comemoração dos 150 anos do complexo mineiro, foi organizada no Cine-Teatro local uma exposição dedicada à mina, com uma vasta colecção de fotografias, documentos, testemunhos locais, filmes e muitos objectos pessoais doados para a ocasião.

⁷⁸ A Fundação Serrão Martins é uma instituição de direito privado e utilidade pública com sede na Mina de S. Domingos, concelho de Mértola. Tem como membros fundadores a Câmara Municipal de Mértola e La Sabina – Sociedade Mineira e Turística, SA. A Fundação prossegue fins sociais, culturais, artísticos, educativos, científicos e económicos com vista à elevação do nível sócio cultural e técnico do concelho, em harmonia com os princípios tradicionais da região.

Existem vários projectos, propostas, estratégias pré-definidas para recuperar o espaço industrial, quer ao nível ambiental, sócio-económico. Muitas das vezes, a burocracia, os factores partidários e a ambiguidade nos direitos da propriedade funcionam como entrave à aplicabilidade de tudo o que possa estar planeado.

Um dos projectos a decorrer no momento é o projecto *REHMINE*, um projecto de investigação intitulado «Contribuição da Responsabilidade Social das Empresas para o Desenvolvimento Sustentável». De raiz académica, “o projecto está em curso no SOCIUS (Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações), do ISEG (Instituto Superior de Economia e Gestão), UTL (Universidade Técnica de Lisboa). O projecto é financiado pela FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia), com a referência PTDC/AAC-AMB/103907/2008, e teve o seu início em Abril de 2010. O objectivo maior deste projecto é contribuir para a maximização do valor gerado pela reabilitação de brownfields ou áreas industriais degradadas/poluídas, através da elaboração de um modelo conceptual de apoio à decisão, que integre os interesses das partes interessadas (stakeholders), tendo como base os princípios da responsabilidade social das organizações e do desenvolvimento sustentável. O projecto toma por estudo de caso a Mina de São Domingos e a reabilitação ambiental e socioeconómica a executar pela EDM, Empresa de Desenvolvimento Mineiro, SA e outras (potenciais) entidades.” (<http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/rehmine/?In%EDcio>, consultado a 25/01/2012). Para além deste projecto apoiado por instituições académicas de prestígio e entidades privadas, muitos outros surgiram como teses de licenciatura ou dissertações de mestrado.

Apesar das profundas marcas do tempo, a mina de São Domingos continua a ser um espaço atractivo. As suas gentes demonstram a quem quer que passe que vale a pena conhecer as agora ruínas de um grande e imponente complexo mineiro. Contadas pela boca de quem lá viveu, as “histórias” fazem-nos sentir participantes de uma História passada; é esse património que também tem que ser conservado.

Segundo os seus habitantes, “a mina precisa de vida!”.

“Mina de S. Domingos quando nova/nunca te chamaram feia/ do concelho és a maior/ sem seres vila nem aldea.” “ Sem seres vila nem aldea / Do passado és ilusão/ Estás velha, foste nova/ hoje estás na solidão.” (ALVES:1997;60).

V. Análise da viabilidade turística na mina de São Domingos

“Quando uma construção já não responde ao fim para o qual foi construída, a sua conservação deixa de ser uma necessidade prática para se tornar uma tarefa puramente cultural.” (COSTA:2002;19).

A mina de São Domingos é um lugar enigmático, singular e especial. Estes são alguns dos adjectivos utilizados por quem já lá morou, por quem já lá passou e por quem ainda lá vive. É a “menina dos olhos” dos seus habitantes.

O desejo dos seus habitantes é o de lhe dar alguma utilidade. Queixam-se do que o “tempo” tem feito e daquilo que não tem sido feito. São gentes com vontade de mudar, com esperança de ver renascer do abandono ao qual a mina foi votada nestes últimos 45 anos, algo de novo e que simultaneamente revitalize o espaço que outrora foi o maior complexo industrial do Alentejo.

O “amor à terra” é demonstrado na primeira abordagem. Todos referem o passado glorioso da mina de São Domingos: do barulho das máquinas ao constante laborar dos operários, das festividades ao companheirismo e amizade, dos ingleses elitistas aos operários humildes, do caminho-de-ferro ao porto do Pomarão. O estado avançado de degradação dos edifícios outrora importantes e o desaparecimento da linha do caminho-de-ferro são os aspectos mais marcantes para as gentes locais; a sua recuperação seria um alento, uma “lufada” de ar fresco, uma nova vida para um espaço pleno de potencialidades.

A questão central da realização desta dissertação passa por isto mesmo, pelas potencialidades e pela possibilidade da reabilitação do espaço baseado no património e cultura locais. Serão o património e a cultura da mina de São Domingos motivos de atracção turística? Será o turismo Industrial o futuro da mina de São Domingos? À primeira vista tudo indica para tal mais que não seja pelo facto de ali se localizar a melhor praia fluvial do país. Se a esta premissa juntarmos a análise aos estudo-caso e caso estudo previamente apresentados, e as compararmos então, a resposta tende cada vez mais a ser positiva. Aliás, e de modo empírico, as gentes da mina de São Domingos a isso apelam; a vinda de visitantes, a divulgação da sua cultura, a partilha do seu

património e a mostra da sua gastronomia são factores apelativos à viabilidade da actividade turística *in loco*.

O património da mina de São Domingos engloba duas componentes. A componente construtiva que engloba desde os edifícios industriais passando pelas construções habitacionais, pela estrutura da linha do caminho-de-ferro às oficinas não esquecendo a área da corta e das suas tapadas. A esta acrescenta-se a componente humana pois os seus habitantes são o património vivo do local; é a sua identidade que dá razão de ser ao espaço mineiro. No que se refere à cultura, ela reúne a memória da reutilização dos espaços, a manutenção da traça arquitectónica e a genuinidade do passado transposto para o presente e consequentemente para o futuro.

Enquadrando as componentes na classificação de tipologia turística, a mina de São Domingos através da actividade turística seria um destino turístico englobado no turismo Industrial, que como já referido, é uma tipologia que congrega actividade turística em lugares que outrora foram espaços de trabalho e que são portadores de *know-how* ao nível dos materiais, das técnicas e das infra-estruturas.

Mas as potencialidades não se limitam ao enquadramento no turismo Industrial. A mina de São Domingos tem uma oferta muito diversificada e é nessa capacidade/versatilidade que tem que se apostar.

5.1. – As potencialidades turísticas

O turismo de sol e praia é bastante apreciado sobretudo com a Tapada Grande, espaço galardoado, e que atrai tanto visitantes nacionais como estrangeiros, desde os meses de Maio até Setembro. O turismo de natureza também é visível, ou não estivesse a mina inclusa no espaço do Parque Natural do Vale do Guadiana. A sua paisagem “lunar”, cénica, ímpar e fascinante é distinta de tudo quanto podemos encontrar em Portugal. Esta característica pode servir de mais-valia à realização de filmes com cenários específicos como este. A flora e a fauna são também específicas do ambiente hostil de antigos lugares mineiros, como é o caso da urze, que serve para reflorestar espaços, fixar terras e evitar que as águas escorram e poluam outras áreas que não as delimitadas. Neste específico segmento turístico podemos incluir a prática de desportos ao ar livre. O caravanismo é outro dos potenciais valores do espaço mineiro. De Inverno

são muitos os que se instalam por alguns dias quer seja na Tapada Grande, quer seja no porto do Pomarão.

No que se refere ao turismo cultural, a mina apresenta um atractivo efectivo baseado nas suas estruturas como a Achada do Gamo, a estação de britagem da Moitinha, as oficinas, apesar do seu avançado estado de degradação, a corta, ponto central da extracção mineira, o porto do Pomarão, ponto de escoamento da matéria-prima, a composição urbanística das casas dos mineiros, a actual Casa do Mineiro, centro de documentação e museu mineiro, assim como as suas gentes e as suas histórias. O património “humano” é sem dúvida o mais realista; é através dele que o legado histórico se perpetua no tempo. O envolvimento das populações para a divulgação do seu património, das suas tradições e costumes é imprescindível.

Ao nível do turismo rural e agro-turismo, a mina de São Domingos também congrega uma oferta considerável.

Para podermos aproveitar todas estas diversas potencialidades e características intrínsecas de grande valor, é necessária organização ao nível das partes intervenientes, complementaridade e entreaajuda entre destinos, uma recuperação e requalificação realizadas em simultâneo e sobretudo, o envolvimento das populações.

Existe muito para recuperar, reestruturar e requalificar mas para tal, é preciso acreditar num projecto e investir no mesmo. Os três “R’s”⁷⁹ não podem ser barreiras ao desenvolvimento e ao objectivo delineado. O homem tudo faz e destrói.

Se elaborássemos um “top três” ao nível das acções estratégicas a realização na mina de São Domingos, a primeira actuação recairia na vertente ambiental, a segunda na vertente histórico-cultural e a terceira na vertente sócio-económica. Não podemos ignorar as vertentes estratégica e científica mas estas surgem no seguimento da realização das três anteriormente citadas.

A vertente ambiental é sem dúvida a mais pertinente. Devido ao abandono, ao desleixo e à incúria das respectivas entidades, a mina de São Domingos apresenta hoje graves problemas ambientais sobretudo ao nível das águas ácidas. A corta e toda a estrutura interna da mina, os poços e as galerias, estão completamente inundados. Um vazamento de qualquer um destes lugares colocaria em risco as linhas de água mais próximas, como as Tapadas, a Grande e a Pequena, assim como o rio Chança. Este é o

⁷⁹ Expressão da Autora: os três “R’s” referem-se ao recuperar, reestruturar e requalificar.

pior passivo que a História deixou às gentes de São Domingos.⁸⁰ Para além da resolução ao nível das águas ácidas, é também necessária proceder à limpeza de algumas escórias abandonadas que poderão, em altura de chuvas, continuar a contribuir para a infiltração de águas ácidas nos subsolos. Com este “passo de gigante”, os seguintes tornam-se mais reais.

“ (...) A protecção, conservação e utilização do património construído, com objectivos sociais, científicos e didácticos, constitui um elemento estabilizador no desenvolvimento das culturas e desempenhará um papel activo na vida da sociedade.” (COSTA:2002;19)

Todo o trabalho a ser realizado neste local mineiro passa uma vez mais, por recuperar, reestruturar e requalificar. A recuperação da linha de caminho-de-ferro seria o ponto alto de qualquer trabalho a efectuar na mina. Este advento foi sem dúvida o mais marcante da história e da cultura local. A linha-férrea trouxe desenvolvimento, modernidade, estupefacção e sucesso sendo simultaneamente o ponto de partida e chegada de muitos produtos; a re-introdução do mesmo seria inédita em Portugal.

Esta acção, inclusa na vertente histórico-cultural, implicaria a recuperação do traçado ferroviário no que se refere ao trajecto outrora efectuado, a compra de algumas carruagens e até de uma antiga locomotiva a vapor. Mesmo que não fosse viável recuperar toda a linha-férrea na sua extensão (17km), seria um projecto de valor pois é único no nosso país. Se a parte a recuperar interligasse a área das oficinas e da corta à Achada do Gamo, passando pela Moitinha, o visitante conseguiria ter a noção do que tinha sido toda a dinâmica imposta e realizada tendo como ponto de referência o transporte ferroviário.

A Achada do Gamo, centro metalúrgico, a Moitinha, estação de britagem, e as oficinas, onde estavam as máquinas e os tornos mecânicos são imprescindíveis neste elenco patrimonial. Tanto a Achada como a Moitinha se encontram em avançado estado de degradação. A sua reestruturação e recuperação total podem não ser exequíveis mas a limpeza, a delimitação e a segurança têm que ser asseguradas. No caso das oficinas, as mesmas podiam ser recuperadas e transformadas por exemplo num museu; um espaço

⁸⁰ A entidade responsável por controlar e melhorar o passivo ambiental é a EDM, Empresa de Desenvolvimento Mineiro, de capitais públicos, que trabalha na elaboração e condução de projectos de recuperação ambiental de zonas degradadas por antigas explorações mineiras abandonadas.

moderno e inter-activo, que relate não só a história da mina de São Domingos mas que seja ao mesmo tempo um espaço científico com áreas dedicadas às ciências, à geologia e ao meio-ambiente. O reaproveitamento das casas dos ingleses ainda hoje existentes é um outro projecto interessante. O “palácio” é hoje uma Estalagem, obra realizada pela *La Sabina*, mas o aproveitamento das casas do pessoal administrativo pode constituir uma boa mostra de como era a vida desta classe operária, desde os seus costumes aos hábitos passando pelas tradições, o seu dia-a-dia e ainda manter o traçado arquitectónico, tão típico do estilo vitoriano do final do século XIX. Nesta recuperação de espaços, e tendo como exemplo o Centro Republicano 5 de Outubro, já recuperado, referimos ainda o Campo de Jogos *Cross Brown* e o Cine Teatro, ambos espaços emblemáticos.

O Cine Teatro era o lugar lúdico e cultural da mina de São Domingos. Era aqui que se vinha ao cinema ou se assistia a alguma peça de teatro itinerante. O campo de jogos *Cross Brown*, em honra de um dos administradores da *Mason & Barry*, era onde as equipas de futebol, pratica desportiva trazida de Inglaterra, se defrontavam aos domingos tendo ganho títulos a nível nacional. Ao dar-lhes uma nova função, como área de exposição, de mostras ou até mesmo de cinema no caso do Cine Teatro, e a recuperação do campo de futebol ou criação de uma área multiusos ao nível do desporto, seria uma mais valia não só para os locais mas também para os visitantes.

Ainda do ponto de vista da vertente histórico-cultural, e como já fora referido, é indispensável a colaboração da população e das entidades oficiais, neste caso, a proprietária, a empresa *La Sabina*, e a Câmara Municipal de Mértola. Uma das características distintas da mina de São Domingos é o seu aglomerado populacional, as suas construções habitacionais em esquema de banda, o uso de materiais e a sua unidade no espaço. É importante que tudo isto se mantenha e para tal é necessário partilhar com a população a necessidade de parar com certas alterações de forma a manter o traçado original. Muitas casas sofreram alterações posteriores que desvirtuaram o original, muito por causa do conforto e do espaço. Ainda do ponto de vista estrutural do espaço habitacional, seguindo a tradição local, e com o apoio das entidades competentes, podiam recuperar-se as hortas que durante tantos anos foram o segundo trabalho dos mineiros, o que serviria também de base de sustento e organização do espaço social, comum a todos.

Do ponto de vista estratégico, e para potenciar a atractividade da mina de São Domingos, é necessária uma maior e melhor promoção do lugar. A complementaridade entre destinos e neste caso, com Mértola, seria uma mais valia ao nível concelhio. Ao já

bem conseguido reconhecimento turístico da cidade de Mértola, juntar-se-ia a história mineira, o património industrial e as lembranças de uma das mais importantes minas portuguesas dos finais do século XIX. Para esta acção estratégica e cooperante seria imprescindível o trabalho de parcerias, com promoção ao nível nacional e internacional, publicidade nas feiras e mostras turísticas e também junto de escolas de modo a potenciar o valor científico e geológico de São Domingos. A parceria com empresas locais, com outros complexos mineiros e com um maior envolvimento das entidades públicas e privadas, produziria certamente mais proveitos para toda a região envolvente. A criação de um canal de promoção, divulgação e informação sobre o espaço seria uma das acções imprescindíveis a ser realizada. A criação de um *website* específico da mina de São Domingos seria um motor de divulgação e informação disponível a um sem fim de interessados; seria esta a alternativa de mais baixo custo, mais abrangente ao nível da difusão e publicidade, e que mais rapidamente atingiria os objectivos,

As próprias empresas hoteleiras poderiam participar nesta acção, desenvolvendo promoções em épocas e datas específicas, incentivando o alojamento complementando com ofertas ao nível de visitas guiadas, fins-de-semana temáticos e participação em eventos festivos, gastronómicos ou históricos da região.

A possibilidade de trabalhar em rede com outros complexos mineiros serve também de incentivo à divulgação dos grandes empreendimentos mineiros da região alentejana dos finais do século XIX. A localização geográfica de São Domingos permite-lhe estar relativamente a poucos quilómetros destes legados históricos como a mina de Rio Tinto, a 117km, a mina do Lousal, a 142km e a mina de Aljustrel, a 83km. A cooperação entre os espaços museológicos existentes, a participação da hoteleira e da restauração destes 4 espaços poderiam produzir sinergias entre si e potenciar a vinda de mais visitantes oferecendo-lhe distintas actividades e acções em espaços até outrora pouco visitados.

A vertente científica da actuação turística na mina de São Domingos é fundamental para atrair o público mais ávido de conhecimento, cuja curiosidade não conhece limites. É importante a divulgação nas escolas, desde o ensino básico passando pelo secundário até ao superior. A aposta na área das ciências, da geologia e do meio ambiente é uma mais valia, pois aqui incluem-se a paisagem, o Parque Natural do Vale do Guadiana, o rio Guadiana, a flora e fauna característica do complexo mineiro e a rica e diversificada geologia local, que é sem dúvida um dos maiores atractivos de São Domingos. A criação de um museu inter-activo, dedicado não só à mina mas também às

suas gentes, à paisagem e ao seu valor natural e patrimonial, seria possivelmente o *ex-libris* de todo o trabalho a realizar.

Para além de visitas guiadas aos espaços construídos, poder-se-ia criar também visitas específicas ao nível da geologia. Para tudo isto seria necessário melhorar as condições de segurança ao nível de caminhos, de sinalização e sinalética e de delimitação de espaços, assim como da informação em painéis e brochuras a nível local.

5.2. Público-Alvo

Como já foi citado, o objectivo deste trabalho de dissertação não passa por um estudo de viabilidade económica nem pela estruturação de um plano de actuação financeiro mas sim pela avaliação do potencial turístico da mina de São Domingos. Como tal, não podemos esquecer aqueles que lhe dão vida e importância para além dos habitantes locais.

O público-alvo que se pretende atingir para este eventual destino turístico, é algo muito específico. Não se pretendem enchentes ao nível do turismo de massas, muito pelo contrário, desejasse um público-alvo baseado em visitantes de fim-de-semana, com viagens de 3 a 4 dias ou estadas mais prolongadas no período do verão. O que se ambiciona é um equilíbrio do número de visitantes ao longo de todo o ano: veraneantes no verão, caravanistas no Inverno, estudantes durante todo o ano. Às características ímpares da mina de São Domingos, pretende-se também que o público-alvo conheça não só a sua história, a sua cultura e as suas tradições mas que complemente a sua viagem com as festas e festivais concelhios, e desfrute da natureza e das actividades passíveis de ser realizadas quer seja a nível de lazer, como fotografia, como ao nível dos desportos.

Pretende-se sem dúvida que quem visite a mina de São Domingos tenha não só o interesse pelo passado mineiro mas que desfrute de todas as outras potencialidades intrinsecamente ligadas aos complexo mineiro, directa ou indirectamente.

5.3. Ferramentas de trabalho

De modo a avaliar *in loco* a potencialidade turística que pretendemos defender neste trabalho de dissertação, recorreremos a diversas ferramentas de trabalho tais como

inquéritos e entrevistas. Com estas ferramentas pretendemos apurar perante habitantes, visitantes e antigos mineiros da mina de São Domingos as suas opiniões sobre o futuro da mina de São Domingos.

O nosso estudo foi realizado na mina de São Domingos, e foram elaborados 4 tipos de entrevista, cada uma específica para o público-alvo, a saber: o 1º guião de entrevista foi destinado aos visitantes da mina de São Domingos, no qual o objectivo era apurar o porquê da viagem, os motivos da mesma e como tinha tomado conhecimento do lugar visitável. O 2º guião foi elaborado para inquirir os habitantes locais sobretudo para apurar a sua relação com o complexo mineiro, as relações sociais existentes entre locais e a sua opinião sobre o futuro da mina. O 3º guião, foi criado com o objectivo principal de entrevistar os antigos trabalhadores da mina de São Domingos, com o propósito de conhecer a vida na mina ainda durante a laboração, as condições laborais e questioná-los sobre um futuro turístico para São Domingos. Por último, o 4º guião foi elaborado para uma entidade oficial, neste caso, a Câmara Municipal de Mértola. De realçar que de modo a uniformizar as entrevistas existem 4 questões em comum em todos os guiões. Para além da análise já descrita, foi também feita uma abordagem ao nível da idade, sexo, nacionalidade e habilitações literárias a toda a amostra entrevistada, com excepção feita à entrevista ao representante da Câmara Municipal de Mértola..

As entrevistas foram realizadas na mina de São Domingos e em Mértola, entre os dias 29 de Novembro e 1 de Dezembro de 2011. A amostra de entrevistas perfaz um total de 29 inquiridos (16 visitantes, 10 locais, 2 mineiros, 1 entidade oficial).⁸¹

5.4. Caracterização dos Entrevistados

5.4.1. - Os visitantes –

Neste ponto pretendemos caracterizar toda a nossa amostra de trabalho. O 1º grupo de trabalho a ser analisado será o dos visitantes seguido dos habitantes e por fim, o dos antigos trabalhadores da mina. Todos os gráficos apresentados são da autora.

⁸¹ Nota da autora: quando as respostas dos nossos entrevistados são iguais na mesma pergunta optámos por não realizar gráfico, fazendo a descrição das mesmas no gráfico precedente à pergunta em questão.

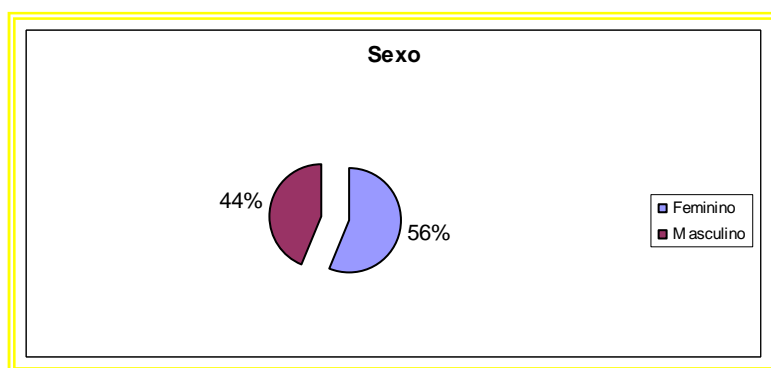


Gráfico I

No que se refere à análise sobre o **sexo** dos nossos entrevistados, destaca-se um equilíbrio entre ambos: 44% dos inquiridos são do sexo masculino e 56% do sexo feminino.

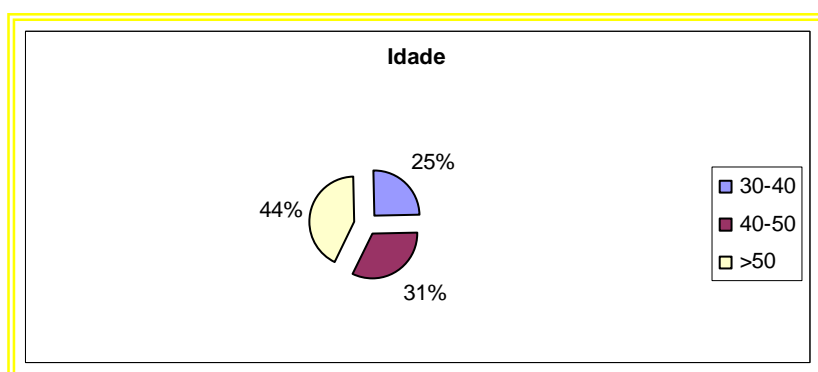
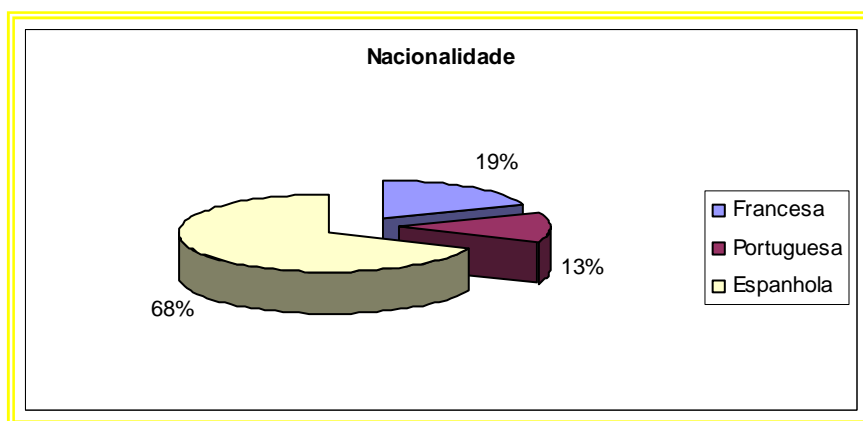


Gráfico II

Na análise de dados referente à **idade**, destaca-se uma homogeneidade na sua distribuição. Contudo, a classe etária dos > 50 foi a que mais se destacou na visita a São Domingos com 44%, seguido da classe etária 40-50 com 31% e a de 30-40 com 25%.

Gráfico III

No que diz respeito à **nacionalidade** dos nossos entrevistados, a grande maioria (68%) são portugueses,



seguido de franceses (19%) e espanhóis (13%).

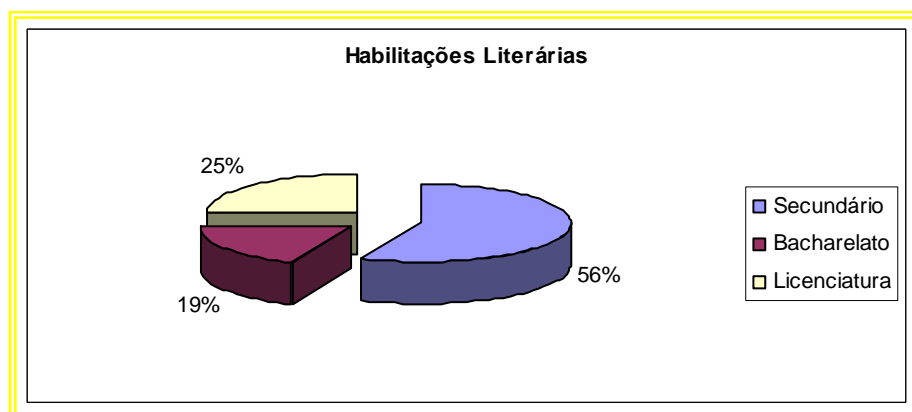


Gráfico IV

Quanto às **habilitações literárias** dos nossos entrevistados, 56% dos mesmos apresentam um grau de escolaridade de ensino secundário, seguido de 25% com grau de licenciatura e 19% com grau de bacharelato.

Devido ao facto de a grande maioria dos nossos entrevistados viajarem em casais, os valores ao nível do **local de residência** mostram-se muito idênticos: destaca-se que a maioria (30%) são da cidade de Lisboa.

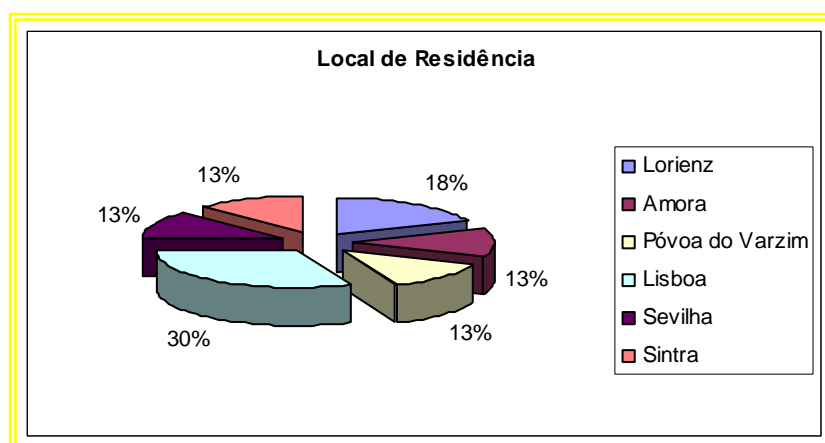


Gráfico V

Na questão referente às **estradas utilizadas** no percurso, 87% dos inquiridos utilizaram as estradas municipais para chegar até à mina de São Domingos. Quanto ao meio de transporte, todos utilizaram carro próprio.

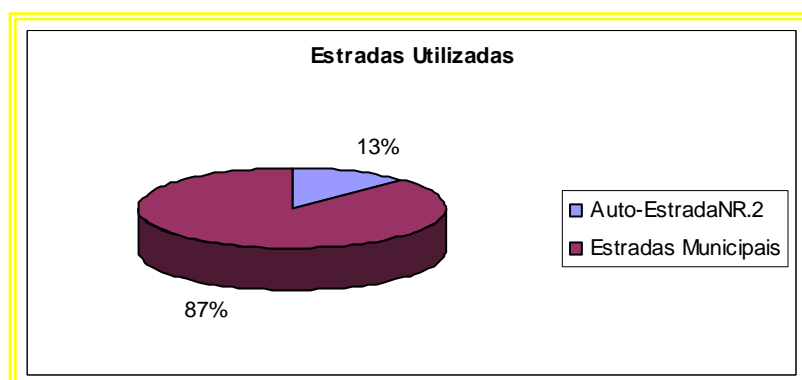


Gráfico VI

Quando questionados sobre o modo como tinham tomado **conhecimento sobre a mina de São Domingos**, 44% dos inquiridos afirmaram ter sido através de amigos, 31% através de familiares e 25% através de revistas.

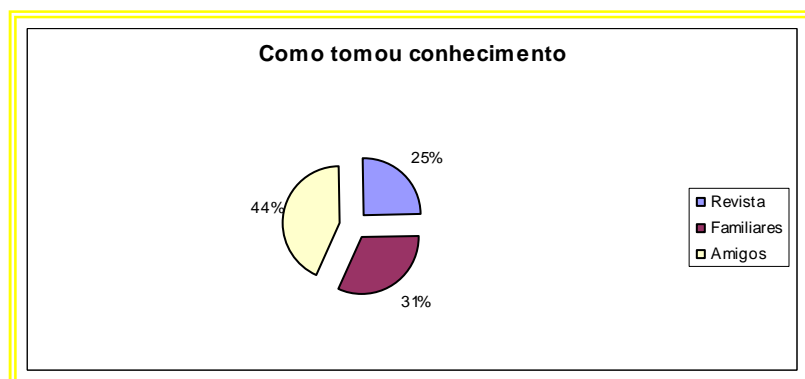


Gráfico VII

Analisando os **motivos da viagem**, a história (37%) e as ruínas (31%) foram as principais escolhas dos nossos inquiridos. De seguida, a paisagem e os familiares (13%), assim como a gastronomia (6%).

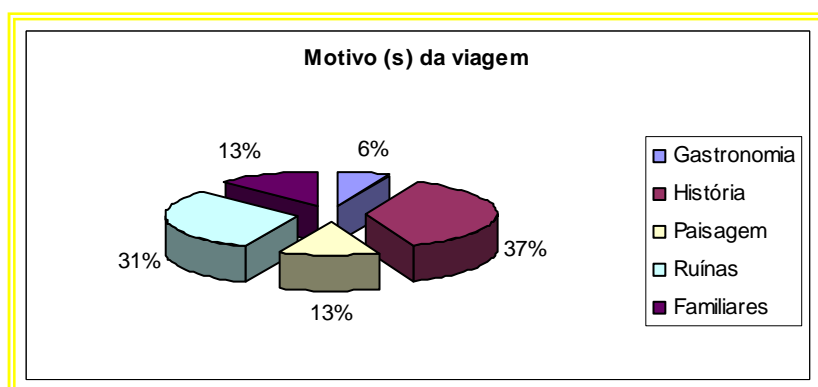


Gráfico VIII

No que se refere à questão se tinham **visitado algum outro lugar** antes de chegar à mina de São Domingos, a maioria tinha visitado Beja e Mértola (37%, cada). Os restantes tinham visitado Serpa (13%) e os outros (13%) viajaram directos até São Domingos. Todos os nossos entrevistados afirmaram que iriam pernoitar na mina de São Domingos.

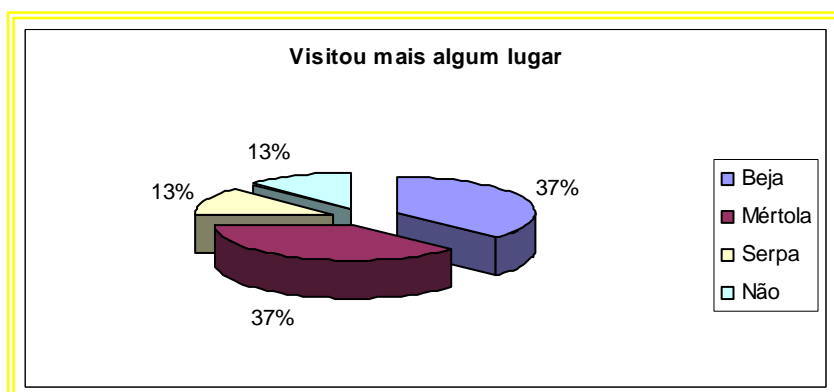


Gráfico IX

A partir destas questões, surgem as 4 questões comuns a todos os entrevistados. Em jeito de síntese, analisaremos as respostas depois da caracterização de todos os inquiridos.

5.4.2. - Os habitantes –

Na análise de dados referente ao **sexo** dos habitantes entrevistados, 80% eram do sexo masculino e 20% do sexo feminino.

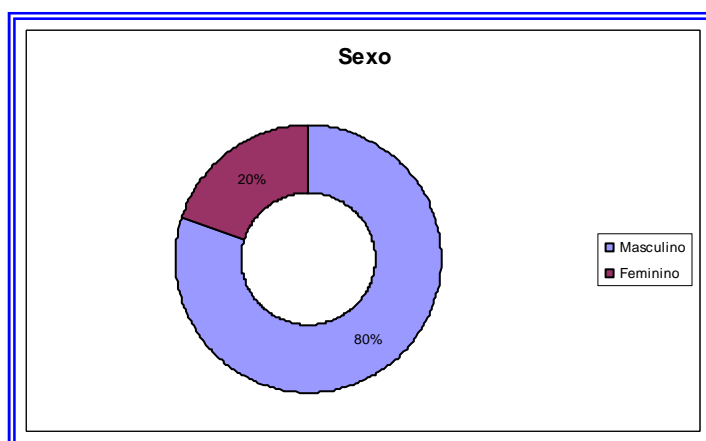
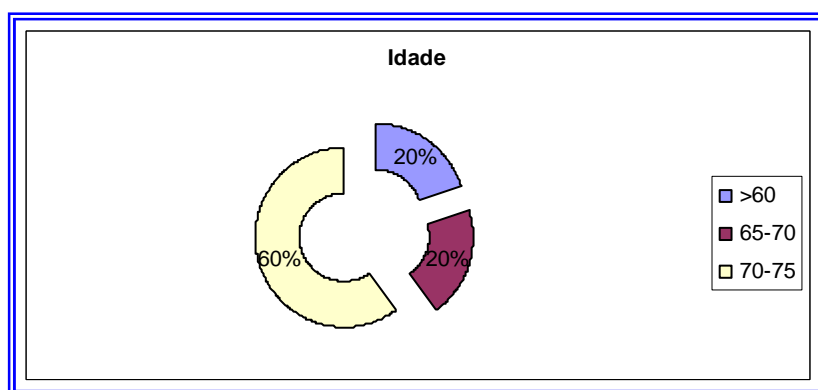


Gráfico X

Gráfico XI



No que se refere à **idade**, a maioria da nossa amostra pertence à faixa etária de 70-75 anos (60%).

Todos afirmaram ser naturais do concelho de Mértola, da freguesia de Corte Pinto. Quanto às habilitações literárias, todos atestaram ter o grau de escola básica.

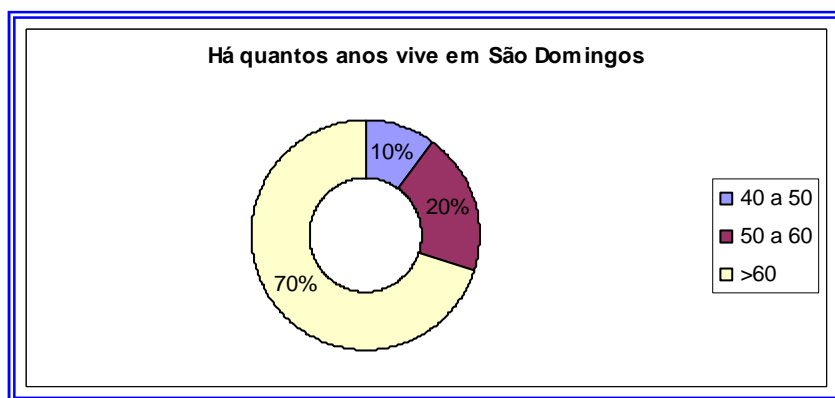


Gráfico XII

Quando questionados sobre **há quantos anos vivem na mina de São Domingos**, 70% dos inquiridos referem à mais de 60 anos.

No que diz respeito ao **número de familiares que trabalharam na mina**, mais de 50% afirmam que tiveram entre 3 a 5 familiares, 30% entre 1 a 3 familiares e 20% afirmaram ter tido mais de 5 familiares.

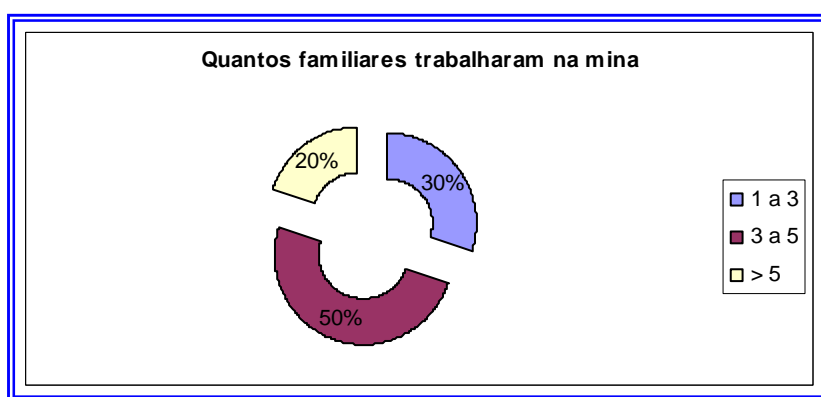


Gráfico XIII

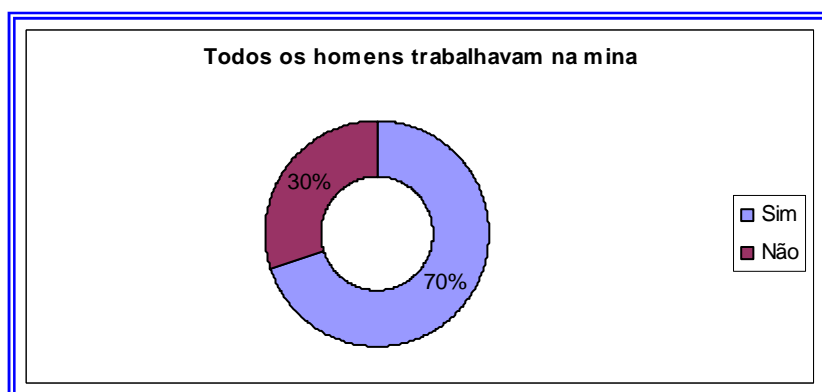


Gráfico XIV

Para a questão sobre se **todos os homens eram trabalhadores na mina de São Domingos**, 70% das respostas foram afirmativas.

As restantes questões do guião de entrevista aos habitantes, com excepção feita às 4 já referidas, serão descritas através de análise de texto.

As relações sociais na vida pautavam-se nas palavras dos nossos inquiridos, na base da amizade e da entreaajuda a todos. Interagiam como se fossem uma grande família. Aqueles que não eram trabalhadores directos na mina, trabalhavam na agricultura ou na pastorícia, o que servia para criar um mercado de consumo interno dentro do complexo urbano de São Domingos. Quanto à existência de um vocabulário específico entre as gentes de São Domingos, os nossos inquiridos defenderam não existir mas concordam com utilização de algumas palavras e expressões características da região envolvente; negaram a possibilidade de um código entre eles para passar alguma mensagem mas afirmaram existir algumas palavras-chave para chamar a atenção ou alertar para alguma situação inesperada, como por exemplo, a chegada de capatazes ou a aproximação de alguém da administração, ou ainda, de um “traidor” entre os demais. Quando lhes pedimos para descrever a vivência na mina, as respostas foram muito semelhantes: era trabalhar, viver rodeado de imensa gente, pobreza e vida, muita vida.

5.4.3. - Os mineiros –

No que se refere aos mineiros, conseguimos entrevistar dois antigos trabalhadores da mina, cuja função profissional era a de electricista. À partida, consideramos que tivemos “sorte” ao conseguir estas duas entrevistas dado que a laboração da mina terminou há já 45 anos; se lhe acrescentarmos no mínimo 15 anos de idade, em média a idade com a qual se começava a trabalhar, os mineiros teriam neste momento 60 anos. Muitos partiram após o fecho da mina, alguns voltaram mas também já faleceram.

Os nossos entrevistados, o simpático Sr. Barão tem 72 anos, e o Sr. Ricardo, mais sério, tem 76 anos. Ambos naturais da freguesia de Corte Pinto, e com habilitações literárias ao nível do ensino básico, foram trabalhadores na mina de São Domingos durante 13 e 12 anos respectivamente. Ambos exerciam a função de electricistas, e tiveram familiares directos a trabalhar na mina. Conjuntamente, e com um sorriso na cara quando questionados sobre a sua melhor lembrança a nível dos costumes de São Domingos, afirmaram que a altura das festas, dos bailes, o convívio nas tabernas e o ambiente das várias associações recreativas, era o que de melhor se lembravam. Nenhum dos dois vive actualmente na mina de São Domingos contudo, têm aqui

residência comprada *à posteriori*, mas fizeram questão de reforçar a ideia que é na mina de São Domingos que passam grande parte do seu tempo. Quando questionados se aceitariam o convite para fazer parte de um futuro grupo de guias para realizar visitas ao espaço mineiro, ambos concordaram dizendo que não era a primeira nem a última vez que o fariam.

As 4 questões que foram colocadas a todos os nossos entrevistados, independentemente do grupo a que pertenciam, foram questões fulcrais, criadas com o objectivo de dar resposta às nossas perguntas de partida para este trabalho, se Serão o património e a cultura da mina de São Domingos motivos de atracção turística, e se será o turismo industrial o futuro da mina de São Domingos?

A 1ª pergunta comum a todos, “Acha que a mina de São Domingos tem potencial turístico? Porquê?” teve uma resposta unânime de todos. Todos concordam com o potencial turístico do local, e cada um na sua própria percepção foi enumerando os motivos que passamos a apresentar em gráfico:

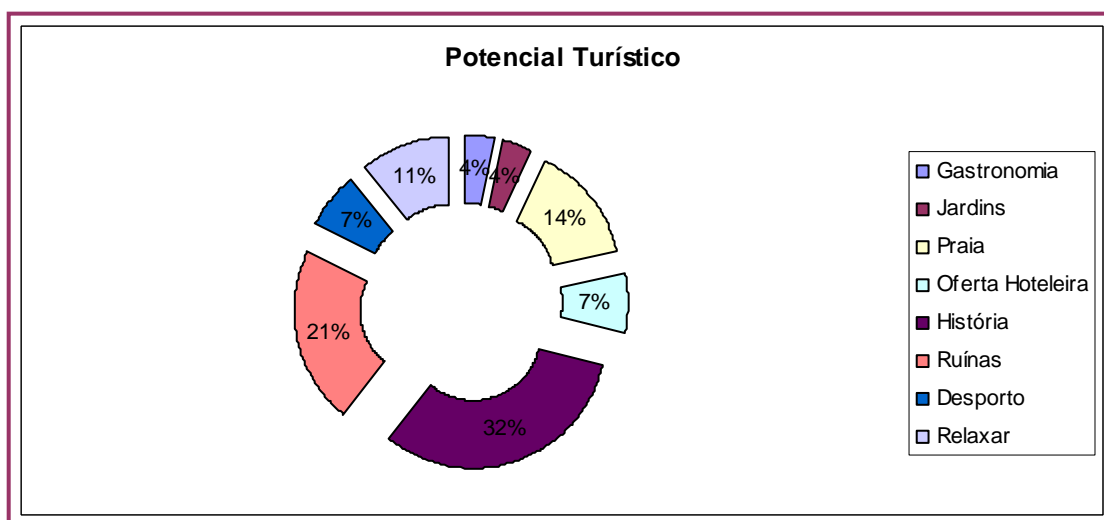


Gráfico XV

Os três principais pontos potenciais apontados pelos nossos inquiridos foram a história (32%), as ruínas (21%) e área da praia fluvial (14%) da Tapada Grande.

A 2ª questão, “Acha que a actividade turística ajudaria a recuperar e manter a cultura e o património mineiro ainda existente? Em que medida?”, foi uma vez mais respondida como que em consonância. Todos sem excepção acreditam que o turismo é

uma actividade económica que trará dinamismo e mais valias, desenvolvimento ao nível social e económico assim como a conservação do património com a entrada de divisas geradas pelos visitantes.

A 3ª questão, “A seu ver, se fosse possível recuperar um espaço/lugar da Mina de São Domingos, qual escolheria? Porquê?” teve algumas discrepâncias ao nível da escolha do que se poderia recuperar. Apesar de todos terem afirmado que gostariam de recuperar um espaço/lugar, a maioria referiu que gostaria de poder abrir uma parte da mina para descer e explorar o subsolo e as galerias de outrora, assim como a recuperação da linha do comboio, senão na totalidade, pelo menos na área industrial da mina de São Domingos. Outros referiram ainda a recuperação dos edifícios da mina e do espaço social.

No que diz respeito à recuperação da linha de caminho-de-ferro, a mesma é passível de ser efectivada e seria sem dúvida um projecto interessante de ser realizado, acção única no nosso país. Para além da reconstituição histórica, seria um elemento diferenciador e marcante na “vida futura” da mina de São Domingos.

Em contraponto e apesar de ter sido uma das escolhas principais dos nossos inquiridos, a abertura da mina para o subsolo é um projecto inviável e até perigoso do ponto de vista estrutural. O facto de os ingleses terem deixado inundar a área da corta e por sua vez, todo o espaço das galerias há cerca de 45 anos, fez com que toda a área até então explorada ficasse cheia de água, inundada portanto, o que ao longo de tanto tempo foi danificando as estruturas internas à base de madeira, enfraquecendo-as e, neste momento, é essa mesma água que com a pressão exercida, suporta e sustenta toda a construção realizada no interior da terra. Logo, ao retirar-se a água para poder abrir o espaço em profundidade de modo a ser visitado, colocamos em perigo toda a estrutura e corremos o risco de originar uma derrocada total e irreversível. A acrescentar a estas razões, juntamos ainda o facto de as águas estarem estagnadas há muito anos e o seu alto teor de acidez, responsável pela corrosão de toda a maquinaria que existia dentro dos poços e galerias, puderem vir a criar um desastre ambiental.

Por último, na 4ª questão, “Defina a Mina de São Domingos em três adjectivos.”, foi dada “liberdade” aos nossos inquiridos para se expressar sem limites, e as respostas foram múltiplas. Como não era uma questão padronizada com resposta enquadrada, decidimos deixar transcrito em texto os adjectivos que toda a nossa amostra de trabalho nos transmitiu:

"Agradável, Antiga, Atraente, Bonita, Camaradagem, Convívio, Curiosidade, Delicada, Descoberta, Desconcertante, Diferente, Encantadora, Enigmática, Enriquecedora, Eterna, Fascinante, Imponente, Interessante, Lunar, Maravilhosa, Pacata, Praia, Relaxante, Silenciosa, Simples, Surpreendente, Única, Viva."

Fonte: os nossos inquiridos

Depois de toda a análise feita, quer ao nível das diversas vertentes de acção quer ao nível da opinião da amostra utilizada, o objectivo final deste trabalho está praticamente atingido, ao qual, e para melhor comprovar a resposta afirmativa às nossas perguntas de partida, juntamos a análise SWOT⁸² (http://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A1lise_SWOT, consultado a 24/02/12), obtendo assim a perspectiva ao nível dos pontos fortes, dos pontos fracos, das oportunidades e da ameaças inerentes a este destino turístico enquadrado no Turismo Industrial.

5.5. Análise SWOT

Um dos principais **pontos fortes** da mina de São Domingos é a sua história e apesar da degradação dos seus edifícios industriais, e as suas ruínas que a tornam um lugar diferente e curioso. A sua diversidade paisagística, envolvendo a natureza, as escórias e as ruínas, assim como a sua específica fauna e flora, são atractivos elementares para os amantes da natureza e da fotografia. O sentimento de partilha e de bem acolher, a simpatia das suas gentes e a sua vontade de ver renascer a “Fénix das cinzas”, concedem à mina um ambiente familiar. O clima de características mediterrâneas, com longas horas de exposição solar e pouca pluviosidade, permite o desfrutar da sua praia fluvial assim como uma mais extensa calendarização na organização de eventos e actividades turísticas ao longo do ano.

⁸² A Análise SWOT é uma ferramenta utilizada para fazer análise de cenário (ou análise de ambiente), sendo usado como base para gestão e planeamento estratégico de uma corporação ou empresa. O termo SWOT é uma sigla oriunda do idioma inglês, e é um acrónimo de Forças (Strengths), Fraquezas (Weaknesses), Oportunidades (Opportunities) e Ameaças (Threats).

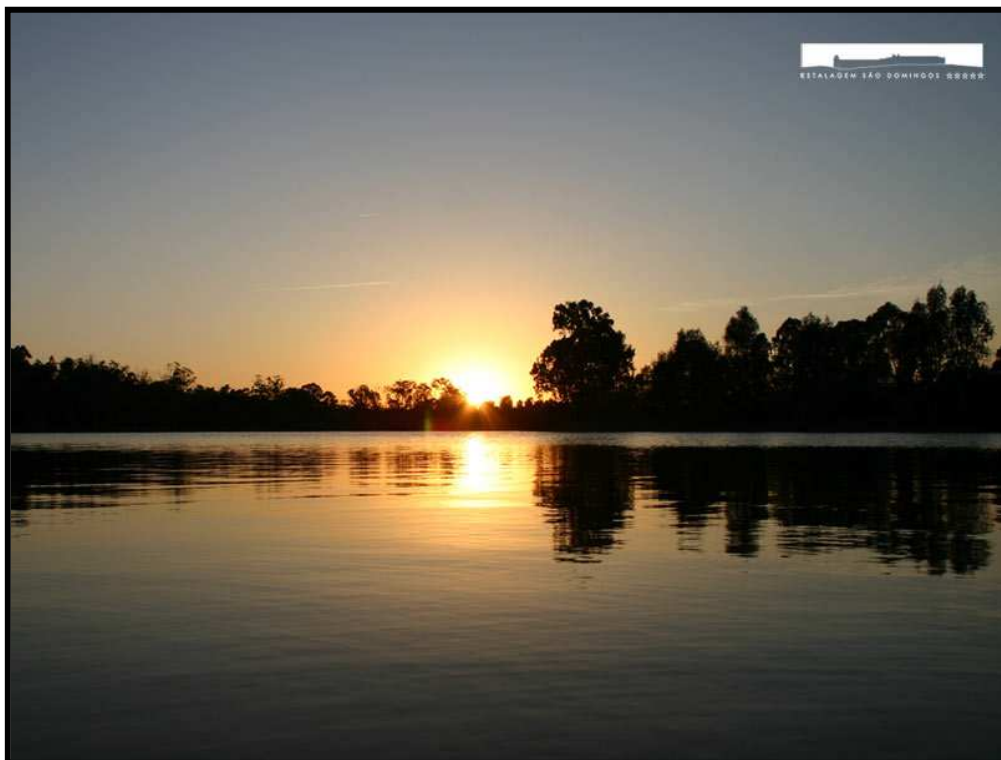
No que se refere aos chamados **pontos fracos**, podemos considerar a falta de mão-de-obra e massa crítica, sobretudo devido ao abandono do passado e ao desinteresse das entidades envolvidas, o que levou a que a faixa etária dos habitantes se fixe actualmente acima dos 70 anos. A este juntamos o isolamento geográfico quando avaliadas as ligações rodoviárias, somente ao nível municipal e as ligações ferroviárias, praticamente inexistentes; porém, a ligação rodoviária a Espanha é de melhor qualidade que à rede nacional portuguesa. A incapacidade da atracção de investimentos, que produziria riqueza, gerando dinheiro e desenvolvimento, e a inexistência de infra-estruturas sociais como melhores acessibilidades, maior flexibilidade ao nível dos transportes públicos, serviço de saúde 24horas, são factores que merecem uma abordagem mais atenta.

Ao nível das **ameaças**, salientamos a vulnerabilidade para a criação de projectos megalómanos que à partida podem gerar postos de trabalho mas no futuro tendem a tornar-se insustentáveis e geradores de desigualdades. O risco da massificação turística sobretudo durante o período do verão coloca em causa a qualidade de vida local e a saturação de certas infra-estruturas sociais. A falta de entendimento ao nível da actuação social e económica entre a empresa proprietária da mina, a *La Sabina*, e a Câmara Municipal de Mértola, pode conduzir a entraves na modernização e desenvolvimento local.

Se bem trabalhados, os pontos fracos e as ameaças podem transformar-se em **oportunidades** e novas soluções de negócio. A diversidade da oferta turística patente na mina de São Domingos e toda a sua envolvente são um potencial para diversos segmentos turísticos, desde o cultural ao de natureza, de desporto ao sol e mar, de turismo rural ao ecoturismo e outros que podem complementar-se com os destinos turísticos mais pertos como Mértola, Beja e até o Algarve. A aposta nas estadas de short-break assim como a divulgação para a organização de incentivos ao nível do desporto, conduzem a um maior aproveitamento quer da paisagem, quer da Tapada Grande, assim como do Parque Natural do Vale do Guadiana. A proximidade ao aeroporto de Beja (50km) pode trazer mais visitantes a nível internacional, e quem sabe, pela pacatez do lugar e das suas gentes, tornar-se um destino alternativo ao nível do sol e mar no interior do país.

O Plano de Acção Estratégica (PAE) da mina de São Domingos já contempla algumas das estratégias e acções de actuação mencionadas contudo, deixamos também

algumas sugestões como uma maior aposta nos meios de comunicação sobretudo a *Internet*, com a criação de um *website* apelativo e ilustrativo, a melhoria da sinalética e da informação disponível aos visitantes, assim como a criação em complementaridade com Mértola de circuitos temáticos e multi-temáticos (exemplo: história vs desporto, paisagem vs gastronomia), nunca esquecendo as gentes locais.



Fonte: <http://www.alentejotours.pt/ProductDetail.aspx?ProductID=120>, consultado a 08/03/2012

Figura 35 – O entardecer na Tapada Grande, mina de São Domingos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia da realização deste projecto surgiu numa conversa entre duas amigas: “E já pensaste no Turismo Industrial? Conheces a Mina de São Domingos?”. E foi assim que se iniciou este projecto que teve como objecto de estudo a Mina de São Domingos e o seu potencial turístico.

Tendo como ponto de partida o conceito de turismo, e mais especificamente o Turismo Industrial, área abrangente ao nível da classificação e dimensão, a presente dissertação tinha como objectivo principal apurar se a cultura, a história e o património mineiro seriam mais valias capazes de criar potencial turístico. Agregado a esta questão, pretendeu-se também de certa maneira, apurar um futuro turístico para a mina de São Domingos, ou seja, sugerir, indicar, aconselhar algumas acções que, para além de recuperar e manter o que ainda resta a nível de edifícios e estruturas, possam vir a ser utilizadas para um futuro destino turístico.

Para tal, recorreu-se a instrumentos metodológicos que incluíram a entrevista e a observação directa. O público-alvo das nossas entrevistas foram os visitantes, os habitantes da mina de São Domingos, e antigos mineiros assim como um representante da Câmara Municipal de Mértola, que acumula simultaneamente a coordenação da Fundação Serrão Martins. No que se refere à entidade privada responsável pela mina de São Domingos, a *La Sabina*, e após várias tentativas de contacto para uma possível entrevista, não houve nenhuma receptividade da parte dos mesmos o que impossibilitou o nosso trabalho de campo.

Procurou-se saber junto dos entrevistados a sua opinião sobre o potencial turístico da mina de São Domingos, se veriam com bons olhos a transformação da mina num pólo de atracção turística, e se possível, qual o espaço/lugar que deveria ser recuperado para melhor se enquadrar com o possível futuro turístico. Aos visitantes questionou-se também sobre os motivos da viagem assim como se tinham visitado algum outro lugar antes de chegar a São Domingos, na lógica da complementaridade de destinos.

No que se refere às conclusões finais, e de modo a responder à nossa pergunta de partida, se seriam a cultura, a história e o património da Mina de São Domingos motivos de atracção turística, e se o futuro da mina passaria por um enquadramento turístico, nomeadamente pelo Turismo Industrial, a resposta é claramente afirmativa.

O potencial da mina de São Domingos existe mas por quanto mais tempo? É urgente recuperar as estruturas, os edifícios, manter as pessoas e divulgar a sua história., Afinal, este foi o primeiro lugar em Portugal a ter luz eléctrica assim como a primeira linha-férrea nacional. São valores únicos e marcos de identidade histórica. O investimento, a manutenção, a divulgação e a promoção são quatro acções intrínsecas para a “nova vida” de São Domingos.

De salientar que ao longo da pesquisa e da redacção da dissertação de mestrado, algumas fontes como livros, revistas, páginas da Internet e folhetos de promoção turística, apesar de consultados e de fazerem parte da bibliografia não foram transcritos ou adaptados para corpo de texto, não pelo seu maior ou menor contributo mas pelo facto que serviram como melhor entendimento do assunto em questão ou para contextualizar exemplos ou diferentes pontos de abordagem.

Bibliografia

- ALVES, Helena (1997), Mértola, *Mina de São Domingos: génese, formação social e identidade mineira*, Campo Arqueológico de Mértola.
- ALVES, Helena, (1997), Beja, *Um caso de tipologia mineira*, Revista Arquivo de Beja, volume IV, Série III.
- A.A.V.V. (1988), Lisboa, *Arquitectura Popular em Portugal*, 3º volume, Associação dos Arquitectos Portugueses.
- A.A.V.V. (2001), *Introdução ao Turismo*, Edição da Organização Mundial de Turismo.
- A.A.V.V. (2001), *Preservacion de La Arquitectura Industrial en Iberoamerica y España*, Instituto Andaluz del Patrimonio Historico, Comores Editorial.
- BRAVO, José Marques; VIEGAS, Glória dos Reis, (1998), Mértola, *Quando começo a sonhar contigo... Mina de S. Domingos*.
- CARVALHO, Rui Emanuel, (2009), Caparica, *Património Industrial e Valorização do Território, Mina de São Domingos*, Universidade de Lisboa, dissertação de mestrado em Ordenamento do Território e Planeamento Ambiental, (policopiado).
- Correio Alentejo (2008), “Nova praia fluvial na mina de S. domingos”, in <http://www.correioalentejo.com/index.php?diaria=2186>, consultado a 29/10/2009.
- COSTA, Aníbal; COSTA, Augusto; COSTA, Jorge, (2002), Porto, *A Intervenção no Património, Práticas de Conservação e Reabilitação*, Edição da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.
- COSTA, Sónia Gomes, (2009), “Mértola atrai Espanhóis pela gastronomia”, in <http://www.publituris.pt/2009/04/22/mertola-atrai-espanhois-pela-gastronomia/>, consultado a 22/10/2009.

- COSTA, Sónia Costa, (2009), “Projecto «Âncoras do Guadiana» foi aprovado”, in <http://www.publituris.pt/2009/08/04/projecto-%e2%80%9cancoras-do-guadiana%e2%80%9d-foi-aprovado/>, consultado a 22/10/2009.

- COSTA, Sónia Gomes, (2009), “Mértola apresenta amanhã estratégia para turismo”, in <http://www.publituris.pt/2009/04/02/mertola-apresenta-amanha-estrategia-para-turismo/>, consultado a 22/10/2009.

CUSTÓDIO, Jorge (coord.), (1998), Santarém, *Portugal nas Exposições Universais e Internacionais (1851-1998)*, *Catálogo Exposição Icono-Bibliografia*, Câmara Municipal de Santarém.

- CUSTÓDIO, Jorge; SANTOS, Luísa; RIBEIRO, Isabel, (1991), Lisboa, *Museologia e Arqueologia Industrial*, APAI.

- DEL RÍO, José Maria Valcuende (1998), Huelva, *Zalamea la real : la tierra y la mina : cambios socioeconomicos, relaciones de poder y representaciones colectivas*. Huelva, Disputación Provincial.

- DOMINGUES, Celestino de Matos (1990), Lisboa, *Dicionário Técnico de Turismo*, Publicações Dom Quixote.

- FOLGADO, Deolinda, Jorge Custódio, (1999), Lisboa, *Caminho do Oriente*, Guia do Património Industrial, Livros Horizonte.

-GARCIA, “O belo horrível que aguarda remédio”, in <http://jornal.publico.pt/noticia/08-03-2009/o-belohorrivel--que-aguarda-remedio-298308.htm>, consultado a 10/01/2010.

- GUIMARÃES, Paulo, (1989), Lisboa, *Indústria, Mineiros e Sindicatos*, Coleção Estudos e Documentos ICS 19, Instituto de Ciências Sociais.

- GUIMARÃES, Paulo Eduardo, (2001), Lisboa, *Indústria e conflito no meio rural: os mineiros alentejanos (1858-1938)*, Edição Colibri.

- LEAL, Jorge Lami, “Minas de São Domingos”, in http://vialgarve.vd2.biz/old/lami/2006_08_16lami.html, consultado a 22/02/2010.

- *Lugares a visitar em Portugal*, (2001), Lisboa, Selecções do Reader’s Digest.

- MACHADO, Mafalda César, CARDOSO, Rui, (2008), *Pelas Linhas da Nostalgia, Passeios a pé nas vias férreas abandonadas*, Edições Afrontamento.

- MADEIRA, João, (2004), “Património e Desenvolvimento em torno das minas do Lousal”, in <http://www.setubalnarede.pt/content/index.php?action=articlesDetailFo&rec=8886>, consultado a 25/10/2009.

- MAIA, Nuno, (2001), “As minas de São Domingos e o resto”, in <http://www.lifecooler.com/edicoes/lifecooler/desenvRegArtigo.asp?art=751&rev=2&cat=386>, consultado a 22/02/2010.

- MASON, James, (1865), Lisboa, *Catálogo dos objectos pertencentes Mina de S. Domingos exibidos na Exposição Internacional do Porto*, Lallemand Frères.

- MATEUS, Rui, (1995), Évora, *Recuperação e Conservação em zonas históricas – Mértola, um caso de estudo*, volume nº 1, Universidade de Évora.

- MARINO, Cristela; GUERRA, Igor; COELHO, Tânia; NUNES, Ana Lúcia; FRANCISCO, Ana Margarida; (2006), Beja, *Mina de São Domingos, Terra de Ninguém*, Instituto Superior de Serviço Social de Beja, Julho 2006 (Policopiado).

- *Mértola, o que fazer?*, Merturis, Câmara Municipal de Mértola

- MOUTINHO, Mário, (1995), Lisboa, *A Arquitectura Popular Portuguesa, Tratado da Arte 14*, Editorial Estampa.

- MUDURO, Manuel Medeiros, (1996), Évora, *O desenvolvimento sustentável no Concelho de Mértola: estudo exploratório no âmbito da Ecologia Humana*, Universidade de Évora.

- NEVES, Patrícia, (2008), “Mértola vai acolher investimento de 180 M€”, in <http://www.publituris.pt/2008/08/12/mertola-vai-acolher-investimento-de-180-me/>, consultado a 21/10/2009

- NORTHEY, Martin, “Mina de São Domingos”, in <http://www.theiberianseaschool.com/component/content/article/18-articles/127-mina-de-sao-domingos>, consultado a 22/02/2010.

- OLIVEIRA, Maria do Rosário, (1994), Évora, *Ecomuseu do Guadiana em Mértola: Sua implementação numa perspectiva de desenvolvimento integrado*, Universidade de Évora, Trabalho fim de curso, (Policopiado).

- OLSEN, Michael (2007), “A emergência de novos produtos”, *Revista Turismo 2007*, 24 Janeiro 2007, pág. 30.

- *Portugal de A a Z*, (2001), Lisboa, Guias Dom Quixote, Publicações Dom Quixote, 3ª edição.

- *Portugal, Madeira e Açores*, (2008), São Paulo, Publifolha, 6ª edição.

- RAFAEL, Lúcia Isabel da Silva, (2010), Évora, *Os trinta anos do projecto Mértola Vila Museu: Balanço e Perspectivas*, Universidade de Évora, dissertação de mestrado em Museologia (Policopiado).

- REGO, Miguel (coord.), (2004), Mértola, *Mina de S. Domingos- 150 anos de História: Fotogramas da Memória*, Câmara Municipal de Mértola;

- RODRIGUES, Paula (2005), Oeiras, *Vidas na mina: memórias, percursos e identidades*, Celta Editora.

- *Roteiro para o Património*, (2004), Mértola, Câmara Municipal de Mértola.

- SILVA, Catarina Perdigão Clemente da, (2007), Lisboa, *Reabilitação do Património Industrial, seu valor e critérios de análise para propostas de intervenção*, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, dissertação de mestrado em Arquitectura Contemporânea, (policopiado).

- SILVA, José Luís de Almeida, (2008), Guimarães, *Seminário Empreendedorismo e inovação em cultura: as indústrias criativas e as empresas culturais*, Centro Cultural Vila Flor.

- SILVA, José Sancho, (2001), *Potencialidades do Turismo Industrial*, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado Turismo, Direcção Geral do Turismo, 14 Dezembro, Caldas da Rainha.

- SILVA, Sara Raquel, (2006) “Memórias do Guadiana”, in <http://www.rotas.xl.pt/0406/200.shtml>, consultado a 21/10/2009

- TORRES, Cláudio; GÓMES Susana; PALMA, Maria de Fátima; LOPES, Virgílio, *Mértola nas rotas comerciais do Mediterrâneo: de cidade portuária a Vila Museu, Itinerário Cultural*, (2010), Mértola, Câmara Municipal de Mértola.

- VALENTE, Fátima, (2009) “Hotel de São Domingos com nova assessoria de comunicação”, disponível em: <http://www.publituris.pt/2009/10/13/hotel-de-sao-domingos-com-nova-assessoria-de-comunicacao/> consultado a 29 Outubro 2009.

- VALENTE, Sandra, (2008), *Sol nunca houve, nem há-de haver, As minas da Panasqueira e seus impactos nas comunidades locais*, Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia, dissertação de mestrado em Sociologia, Políticas locais e Descentralização, (Policopiado).

Publicações Periódicas

- Jornal *Ecos do Guadiana*, de 1 Agosto de 1933 a 18 Março 1935, ano I e II.
- Jornal *A Voz do Mineiro*, São Domingos, de 22 Fevereiro de 1930, ano I, nº. 1.
- Jornal *O Despertar*, de 10 Março 1924 a 1 Maio de 1924, ano I, nº.1 a nº.5 .
- Jornal *O Futuro de Mértola*, 7 Fevereiro de 1915 a 30 Setembro 1915, ano II, nº. 100 a nº. 185.
- Jornal *A Voz do Guadiana*, de 20 Maio 1927, ano 4, n.º 86.

Publicações Oficiais

Plano de Acção Estratégico para a mina de São Domingos, 2005
Estatutos da Fundação Serrão Martins

Webgrafia

<http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>, consultado a 23/05/2009

<http://www.visiteznosentreprises.com/>, consultado a 25/06/2009

http://www.psa-peugeot-citroen.com/en/magazine/ow_breve_c2.php?id=471,
consultado a 25/06/2009

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo>, consultado a 20/06/2009

http://pt.wikipedia.org/wiki/Patrim%C3%B3nio_cultural, consultado a 20/06/2009

<http://www.museudaindustriatextil.org/>, consultado a 19/10/2009

<http://www.euricur.nl/default.asp?id=794&page=&keuze=projects&projects=25>,
consultado a 20/10/2009

http://es.wikipedia.org/wiki/Minas_de_Riotinto, consultado a 21/10/2009

<http://pramaistarderecordar.blogspot.com/2009/02/minas-rio-tinto.html>, consultado a
21/10/2009

<http://www.tecnet.pt/portugal/ref/66789.html>, consultado a 21/10/2009 e a 22/02/2010

http://www.canoagem-turismoautico.com.pt/a_rota_das_minas.htm, consultado a
22/02/2010

<http://www.mapadeportugal.net/localidade.asp?n=minadesaodomingos&c=0209&t=gr>,
consultado a 22/02/2010

<http://www.descubraportugal.com.pt/edicoes/tdp/registo.asp?idcat=1057&id=385119&tipo=r>, consultado a 22/10/2010

<http://minasaodomingos.comyr.com/>, consultado a 21/10/2009

http://pt.wikipedia.org/wiki/Mina_de_S%C3%A3o_Domingos, consultado a 22/02/2010.

<http://www.hotelsaodomingos.com/>, consultado a 21/10/2009

<http://www.adpm.pt/adpm.html>, consultado a 25/10/2009

<http://www.edm.pt/html/noticia20050703.htm>, consultado a 25/10/2009

<http://bibliotecacandidatura.blogspot.com/2009/10/programa-estrategico-para-o-concelho-de.html>, consultado a 25/10/2009

<http://www.lasabina-sa.com/po/default.htm>, consultado a 25/10/2009

<http://novafloresta.blogspot.com/2007/04/minas-de-so-domingos.html>, consultado a 27/10/2009

http://cabramontez.com/web/index.php?option=com_content&view=article&id=123:roti-eiros-do-alentejo&catid=3:destaques-cabra-monte, consultado a 27/10/2009

<http://www.presidencia.pt/archive/doc/Mertola.pdf>, consultado a 27/10/2009

<http://mertola-concelho.blogspot.com/2006/06/casa-do-mineiro-inaugurao-26-de-junho.html>, consultado a 30/10/2009

http://www.merturis.pt/pt/visitas_actividades/percursos.php, consultado a 30/10/2009

http://www.ocaos.org/index.php?option=com_content&task=view&id=239&Itemid=2, consultado a 31/10/2009

<http://alentejomagazine.com/2006/03/camara-de-mertola-quer-potenciar-mina-de-sao-domingos/>, consultado a 01/11/2009

<http://www.youtube.com/watch?v=BKqT2rSo4Zg&NR=1&feature=fvwp>, consultado a 09/11/2009

http://www.ocomboio.net/PDF/livros/livro_nostalgia.pdf, consultado a 22/02/2010

http://www.ugr.es/~adeh/comunicaciones/Guimaraes_P.pdf, consultado a 22/02/2010

www.merturis.pt/pt/tradicao_sabores/detalhe.php?id, consultado a 10/11/2010

<http://www.tvalentejo.tv/index.php?view=2009072720075417&t=5>, consultado a 14/11/2010

http://www.bejadigital.pt/conteudo/territorial/marketing+territorial/Regional/Marketing_Territorial_no_Baixo_Alentejo.htm, consultado a 23/11/10

<http://www.cm-mertola.pt/cm-mertola/default.asp?Sqlpage-GuiaVisitanteMertola&CpContentId0218&Style=amarelo.css>, consultado a 23/11/2010

http://www.edm.pt/images/minas_reconvertidas.pdf, consultado a 25/11/2010

<http://www.ambienteonline.pt/noticias/detalhes.php?id=722>, consultado a 01/12/2010

<http://myrtilis.no.sapo.pt/MinaSaoDomingos.htm>, consultado a 01/12/2010

http://www.edm.pt/html/proj_saodomingos.htm, consultado a 24/11/2010

<http://www.wiziq.com/tutorial/43668-Plano-de-Desenvolvimento-Tur-237-stico-para-M-233-rtola>, consultado a 24/11/2010

<http://www.erih.net/welcome.html>, consultado a 24/11/2010

<http://www.youtube.com/watch?v=9e7dJcQ7fmY>, parte I

<http://www.youtube.com/watch?v=I3PwmwzPtQs&feature=related>, parte II

<http://www.youtube.com/watch?v=kHkfyf1IglQ>, parte III, reportagem consultada a 29/11/2010

www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG105_11.pdf, consultado a 01/11/2010

http://territoriosustentavel.dcea.fct.unl.pt/files/1280166096_Apresenta_o_Tese_Rui_Emanuel_Carvalho.pdf, consultado a 20/02/2011

<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/12792/1/Jos%C3%A9%20M.Amado%20Mendes26.pdf>, consultado a 22/02/2011

<http://www.fundacionlasmedulas.org/fundacion/index.jsp>, consultado a 22/02/2011

<http://www.huelvainformacion.es/article/provincia/320745/parque/minero/riotinto/recibo/pasado/ano/casi/visitas.html>, consultado a 03/03/2011

<http://www.scottishminingmuseum.com/museum/content.asp%3FID%3D7&rurl=translate.google.com&twu=1&usg=ALkJrhiGauIooP4qWfocpxYQxQGm54x5oA>, consultado a 03/03/2011

<http://www.parquemineroderiotinto.com/index.html>, consultado a 23/02/2011 e 03/03/2011

<http://arqueologiamisteriosa.blogspot.com/2011/05/lugares-curiosos-do-mundo-espanha-minas.html>, consultado a 03/03/2011

<http://www.youtube.com/watch?v=IDR0gzQrhXM>, consultado a 03/03/2011

www.rotasdocontrabando.blogspot.com/2011/03/guardafiscal.html?m=1, consultado a 10/11/2011

http://www.usc.es/estaticos/congresos/histec05/b21_perez_lopez.pdf, consultado a 01/11/11

www.cm-alcoutim.pt/portal_autarquico/alcoutim/v_pt-PT/menu_turista/turismo/patrim%C3%B3nio_natural/rio_guadiana, consultado a 10/12/2011

<http://sites.google.com/site/omarquenosrodeia/a-nossa-ligacao-ao-mar/o-rio-guadiana>,
consultado a 10/12/2011

<http://viajardespacio.com/el-legado-arqueologico-de-minas-de-riotinto>, consultado a
01/01/2012

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2022.pdf>, consultado a 10/01/2012

[http://www.infopedia.pt/\\$portugal-romano-actividade-economica](http://www.infopedia.pt/$portugal-romano-actividade-economica), consultado a
10/01/2012

<http://www.slideshare.net/andrealmeidapaiva/a-explorao-mineira-em-portugal-no-tempo-dos-romanos>, consultado a 10/01/2012

<http://www.slideshare.net/FernandoMarques/a-sociedade-portuguesa-na-2-metade-do-seculo-xix>, consultado a 10/01/2012

<http://www.slideshare.net/fmfs/explorao-de-minerais>, consultado a 10/01/2012

<http://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12808/1/Jo%C3%A3o%20Paulo%20Avel%C3%A3s%20Nunes35.pdf>, consultado a 10/01/2012

http://www.museugeologia.utad.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=62&Itemid=145, consultado a 10/01/2012

http://boasnoticias.clix.pt/noticia.php?noticia=_7047, consultado a 10/01/2012

<http://www.edm.pt/html/noticia20051109.htm>, consultado a 10/01/12

<http://www.descubraportugal.com.pt/edicoes/tdp/registo.asp?idcat=21&id=1109&tipo=a&o=t>, consultado a 12/01/2012

<http://geologia.fc.ul.pt/Aulas/Recursos%20Minerais/RecMinPort-SituPerspectivas-Total2001.pdf>, consultado a 12/01/2012

<http://algarvivo.com/arqueo/romano/minas-vilapoucaaguiar.html>, consultado a
12/01/2012

http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/rehmine/?Mina_de_S%E3o_Domingos, consultado a
15/01/2012

http://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_S%C3%A3o_Domingos_-_Pomar%C3%A3o,
consultado a 28/01/2012

http://www.geocaching.com/seek/cache_details.aspx?guid=c9cfda31-98d2-4ca7-9cc1-a342dc6825ec, consultado a 28/01/2012

http://postaisportugal.canalblog.com/albums/region_beja/photos/59636505-minas09.html, consultado a 30/01/2012

<http://museus.cm-mertola.pt/pdf/Regulamento-Casa-do-Mineiro.pdf> 07-02-2012,
consultado a 30/01/2012

http://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A1lise_SWOT, consultado a 24/02/2012

<http://olhares.uol.com.br/interior-da-mesquita-mertola-foto1488445.html>, consultado a 28/02/2012.

<http://www.bejadigital.pt/NoticiaDisplay.aspx?ID=841>, consultado a 28/02/2012~

<http://www.portaldoalentejo.net/index.php?progooption=turnews&do=shownew&topic=27&newid=134>, consultado a 28/02/2012

<http://www.feriasemportugal.pt/calendar/?page=4&lng=pt>, consultado a 28/02/2012

http://www.joraga.net/gruposcorais/pags08_pautas_08_mvBA_JRNazare/0392_MVBA_CTO_JRNazare_085_Guadiana_Mertola02.htm, consultado a 28/02/2012

http://mina-ess.blogspot.com/2011_02_01_archive.html, consultado a 28/02/2012

<http://webcarta.net/carta/mapa.php?id=396&lg=pt>, a 28/02/2012

<http://viajardespacio.com/el-legado-arqueologico-de-minas-de-riotinto>, consultado a 01/01/2012

<http://www.infopedia.pt/>, consultado a 01/03/2012

<http://www.portoeditora.pt>, consultado a 01/03/2012

<http://trilhoseolhares.blogspot.com/2010/09/o-ouro-branco-de-wielizcka.html>, consultado a 01/03/2012

<http://www.radiomonsanto.pt/detalhe-noticia.php?id=654>, consultado a 01/03/2012

<http://www.bejadigital.pt/NoticiaDisplay.aspx?ID=2652>, consultado a 08/03/2012

<http://www.visitalentejo.pt/pt/catalogo/o-que-fazer/museus-e-locais-a-visitar/museu-de-mertola-forja-do-ferreiro/>, consultado a 08/03/2012

[http://www.infopedia.pt/\\$castelo-de-mertola,2](http://www.infopedia.pt/$castelo-de-mertola,2), consultado a 08/03/2012

<http://www.alentejotours.pt/ProductDetail.aspx?ProductID=120>, consultado a 08/03/2012

Anexo I

Mapa da região do Alentejo

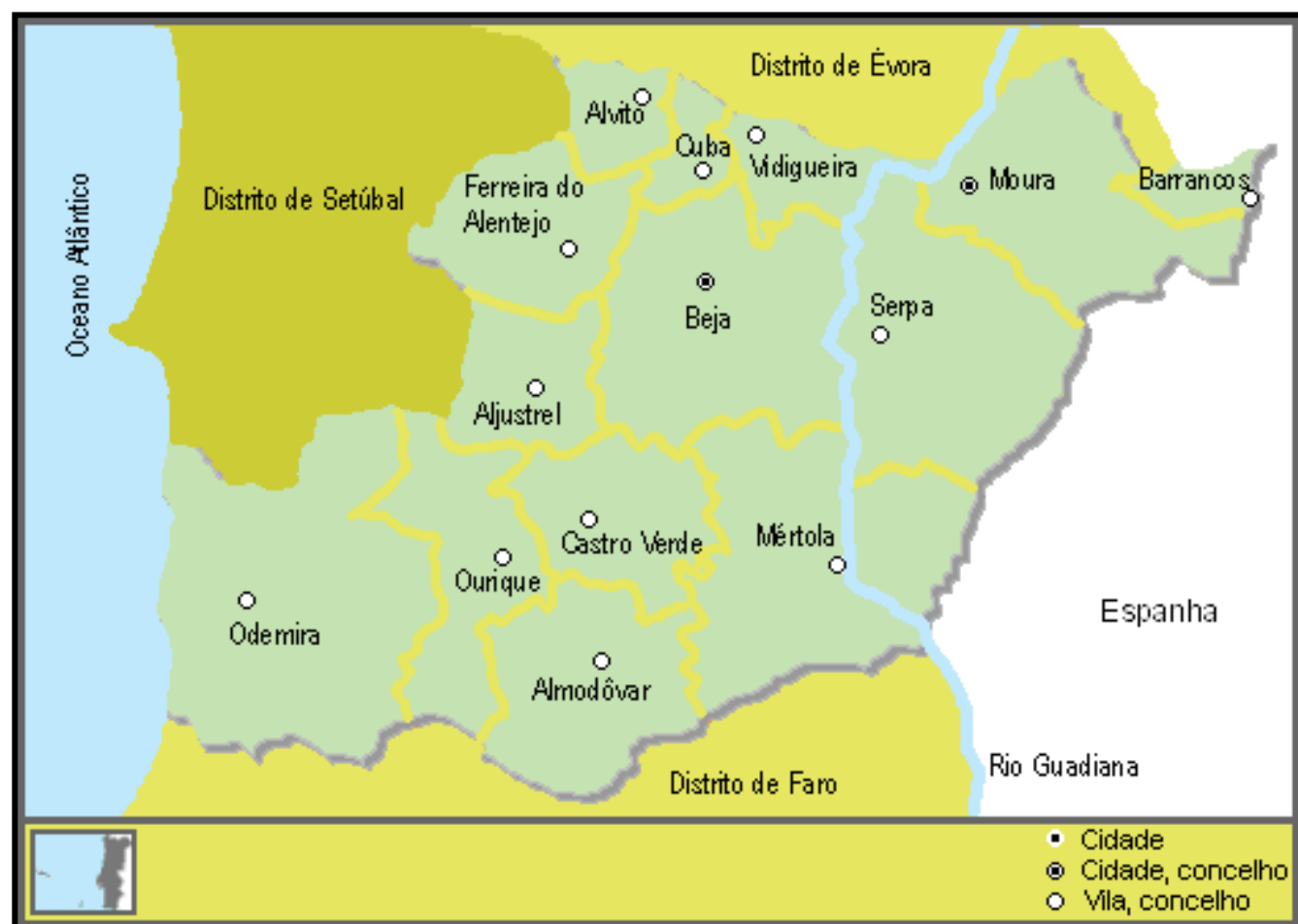
(Fonte: <http://www.google.pt/imgres?imgurl=http://europa.eu/abc/maps/images/regions/portugal/alentejo.gif&imgrefurl=http://webcarta.net/carta/mapa.php%3Fid%3D170%26lg%3Dpt&h=667&w=600&sz=49&tbnid=uUqgrlaQg5XN4M:&tbnh=90&tbnw=81&prev=/search%3Fq%3Dmapa%2Bdo%2Balentejo%26tbn%3Disch%26tbo%3Du&zoom=1&q=mapa+do+alentejo&docid=sGVxOMO7fyN8xM&hl=ptPT&sa=X&ei=OJxLT6DrIcfL0QXO382HDg&sqi=2&ved=0CEkQ9QEwAQ&dur=452>)



Anexo II

Mapa do distrito de Beja

(Fonte: <http://www.google.pt/imgres?imgurl=http://www.mapadeportugal.net/MapaDistrito/02.gif&imgrefurl=http://www.mapadeportugal.net/distrito.asp%3Fn%3Dbeja&h=360&w=506&sz=12&tbnid=tf8Z125LokRhJM:&tbnh=87&tbnw=122&prev=/search%3Fq%3Dmapa%2Bdo%2Bdistrito%2Bde%2Bbeja%26tbn%3Disch%26tbo%3Du&zoom=1&q=mapa+do+distrito+de+beja&docid=ADLXciE9P8jItM&hl=pt-PT&sa=X&ei=kJxLT4OGEcWr0QW1yqGRDg&ved=0CEIQ9QEwAw&dur=13333>)



Anexo III

Mapa do concelho de Mértola

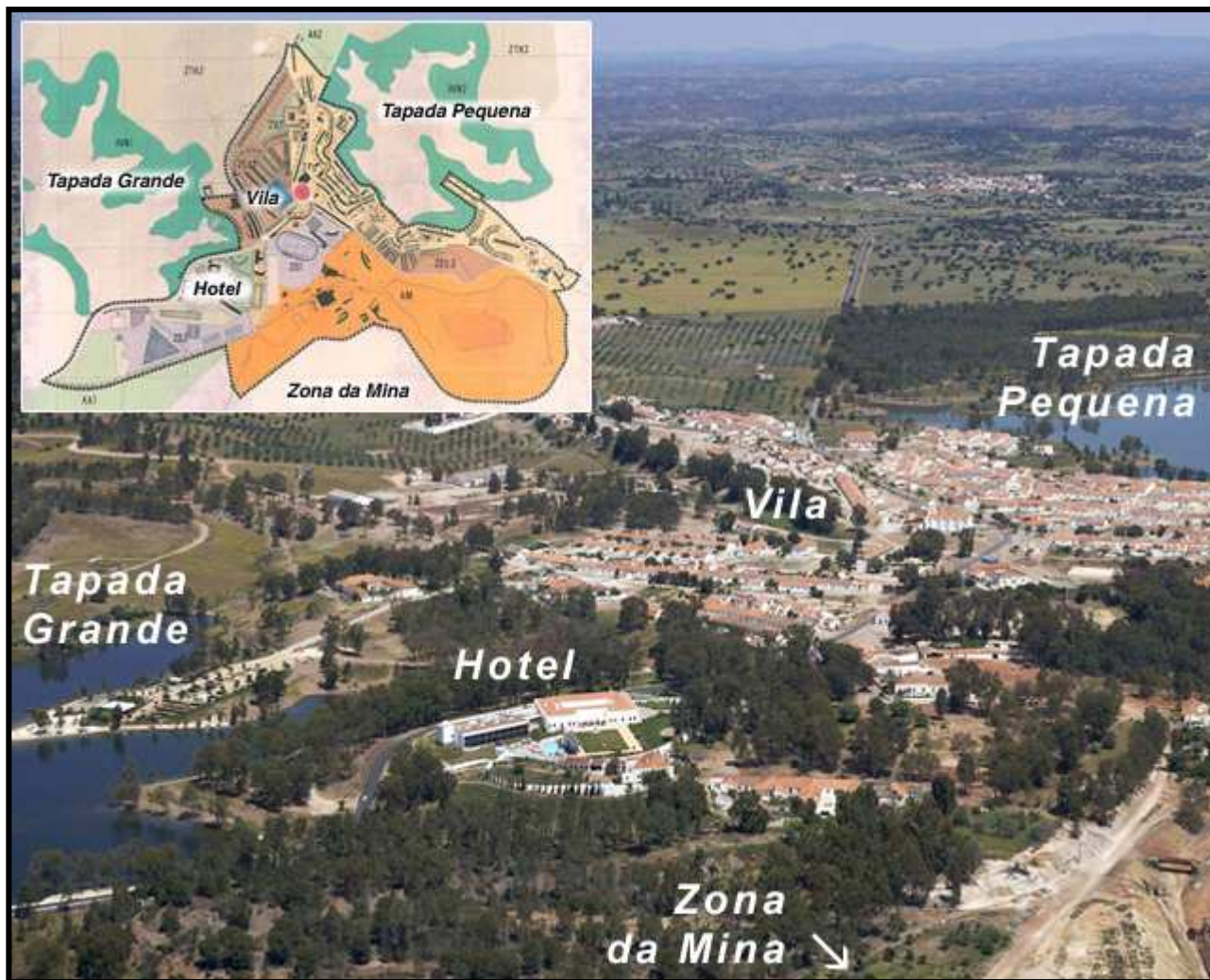
Fonte: Câmara Municipal de Mértola



Anexo IV

Plano Geral da Urbanização de São Domingos

Fonte: http://www.lasabina-sa.com/po/im_7_3.htm



Anexo V

Mapa da Mina de São Domingos

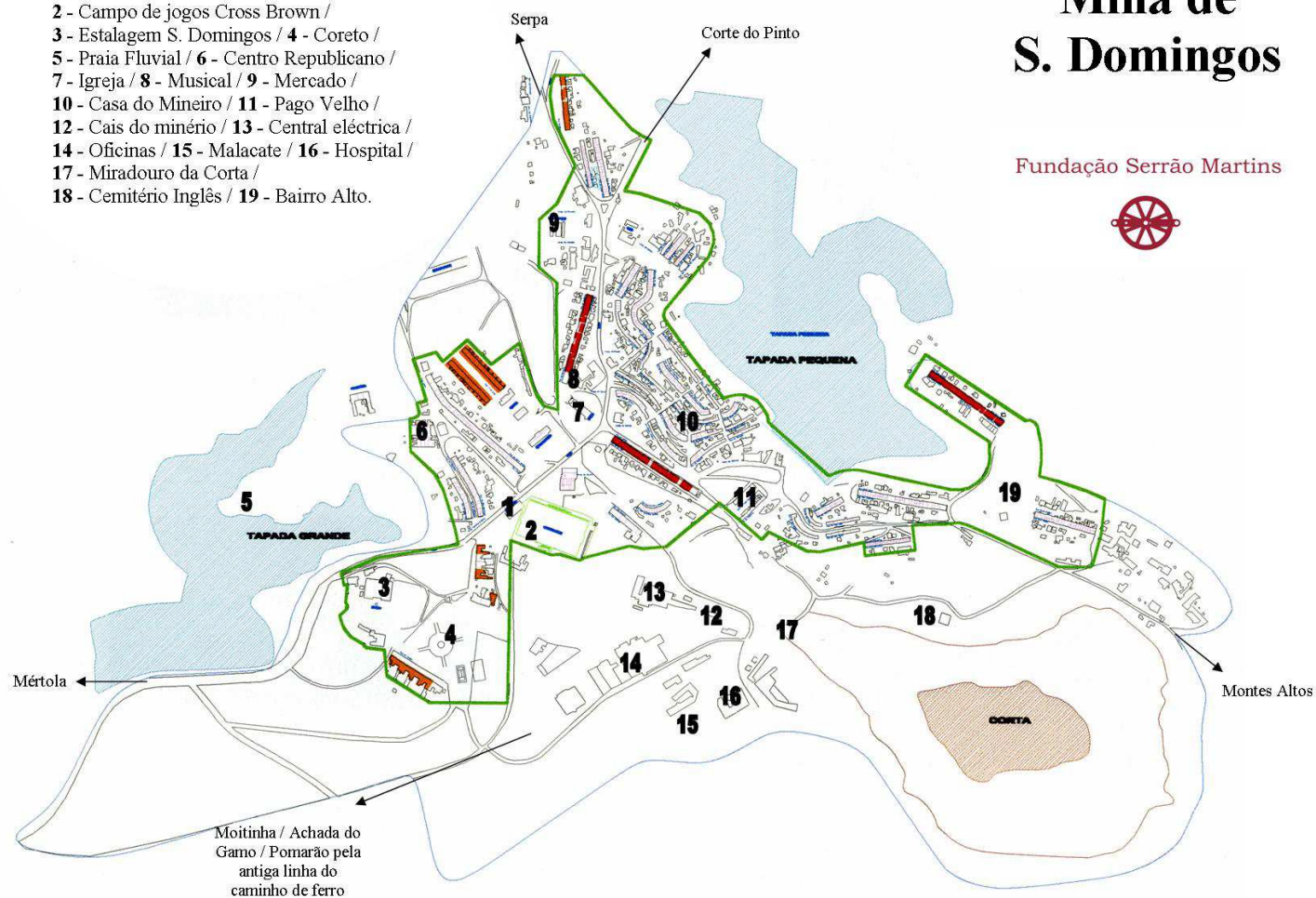
Fonte: Fundação Serrão Martins

Legenda:

- 1 - Cine Teatro /
- 2 - Campo de jogos Cross Brown /
- 3 - Estalagem S. Domingos / 4 - Coreto /
- 5 - Praia Fluvial / 6 - Centro Republicano /
- 7 - Igreja / 8 - Musical / 9 - Mercado /
- 10 - Casa do Mineiro / 11 - Pago Velho /
- 12 - Cais do minério / 13 - Central eléctrica /
- 14 - Oficinas / 15 - Malacate / 16 - Hospital /
- 17 - Miradouro da Corta /
- 18 - Cemitério Inglês / 19 - Bairro Alto.

Mina de S. Domingos

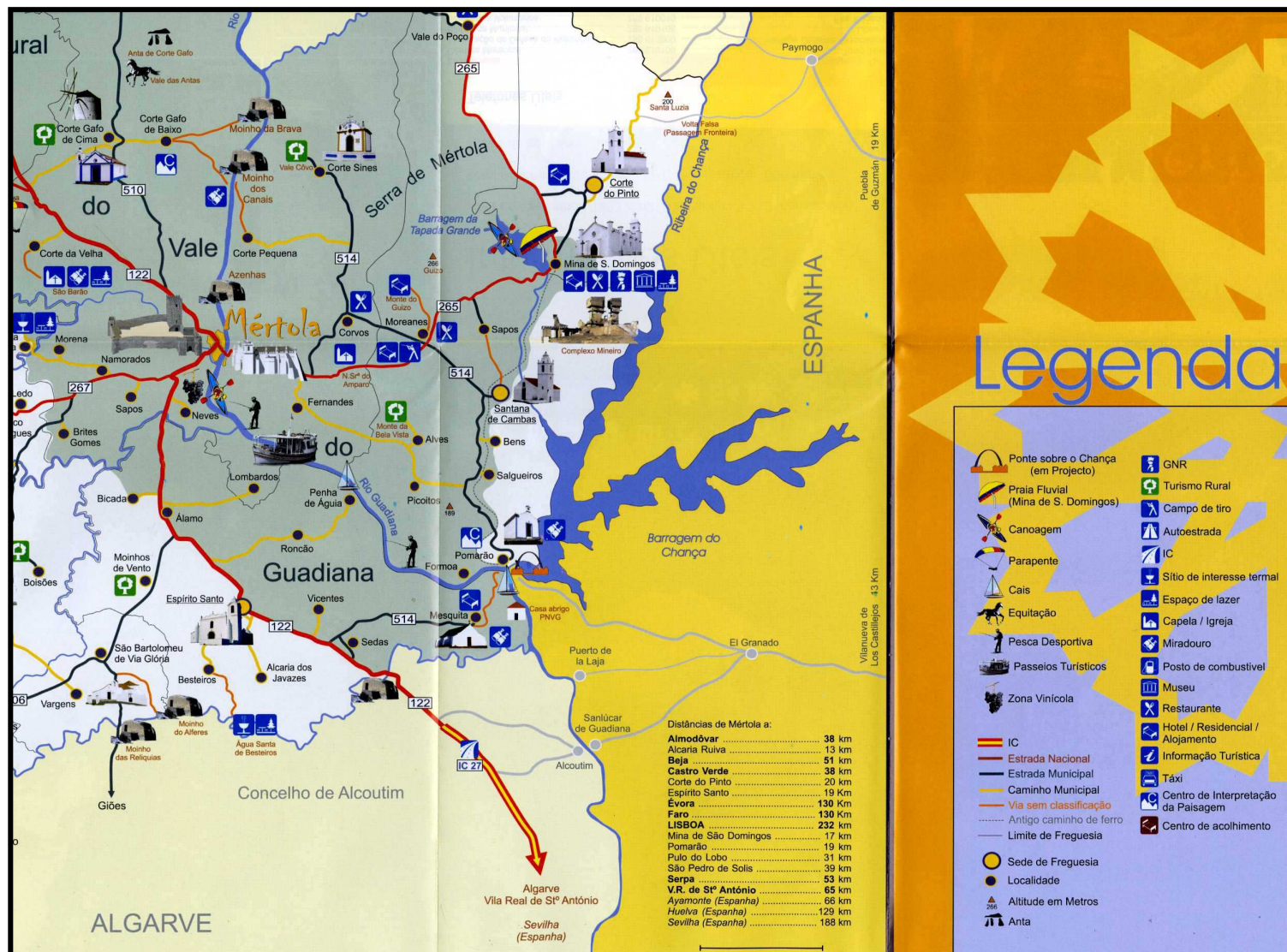
Fundação Serrão Martins



Anexo VI

Mapa Turístico do Concelho de Mértola

Fonte: Câmara Municipal de Mértola



Anexo VII

Praia Fluvial da Tapada Grande

Fonte: Câmara Municipal de Mértola

Praia Fluvial da Tapada Grande

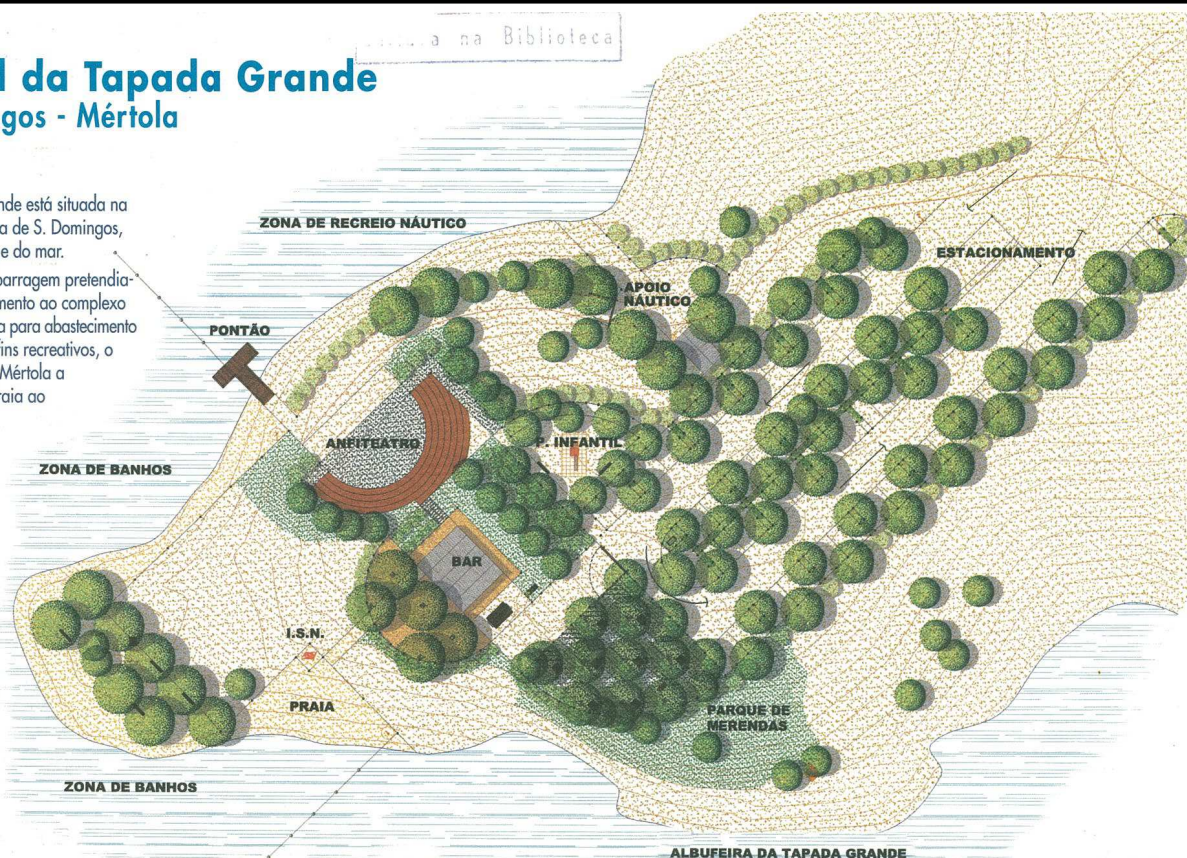
Mina de S. Domingos - Mértola

A Praia Fluvial da Tapada Grande está situada na albufeira com o mesmo nome, Mina de S. Domingos, Mértola, numa zona interior e longe do mar. Inicialmente com a construção da barragem pretendia-se represar a água para abastecimento ao complexo mineiro. Hoje continua a ser utilizada para abastecimento da localidade e em paralelo para fins recreativos, o que levou a Câmara Municipal de Mértola a candidatar a construção de uma Praia ao Programa de Valorização de Praias Fluviais.

A autarquia suportou cerca de 80% dos custos da sua construção com base num projecto elaborado no âmbito da D. R. Ambiente - Alentejo, tendo sido a restante verba comparticipada pelo Instituto da Água.

Esta Praia Natural que ocupa cerca de um hectare, foi infra-estruturada pela autarquia, dispondo de um conjunto de equipamentos e serviços, dos quais destacamos:

- Estacionamento para viaturas ligeiras e autocarros;
- Caminhos pedonais;
- Bar e instalações sanitárias;
- Parque de merendas e grelhador;
- Anfiteatro ao ar livre;
- Parque infantil;
- Estruturas de apoio ao recreio náutico;
- Arborização feita apenas com espécies da flora regional.



Estrutura de apoio ao recreio náutico



Parque de estacionamento

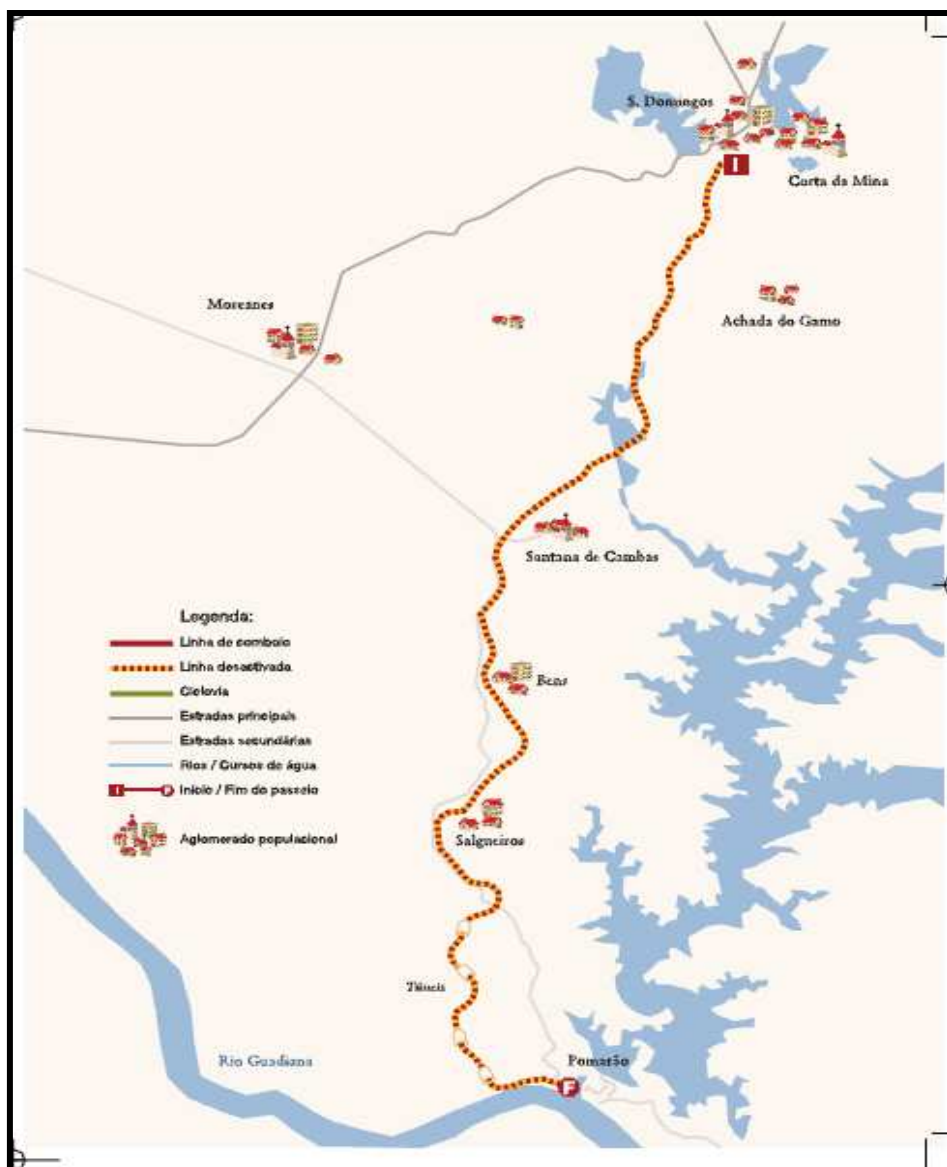


Parque de merendas

Anexo VIII

Percurso da linha de caminho-de-ferro (desactivada)

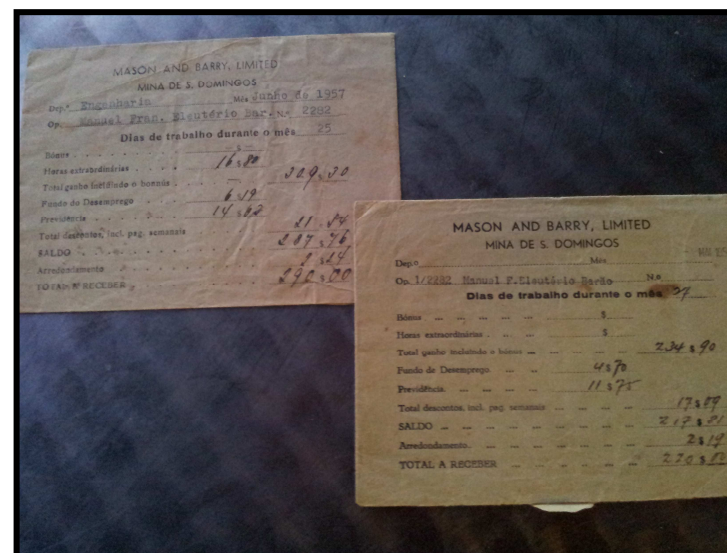
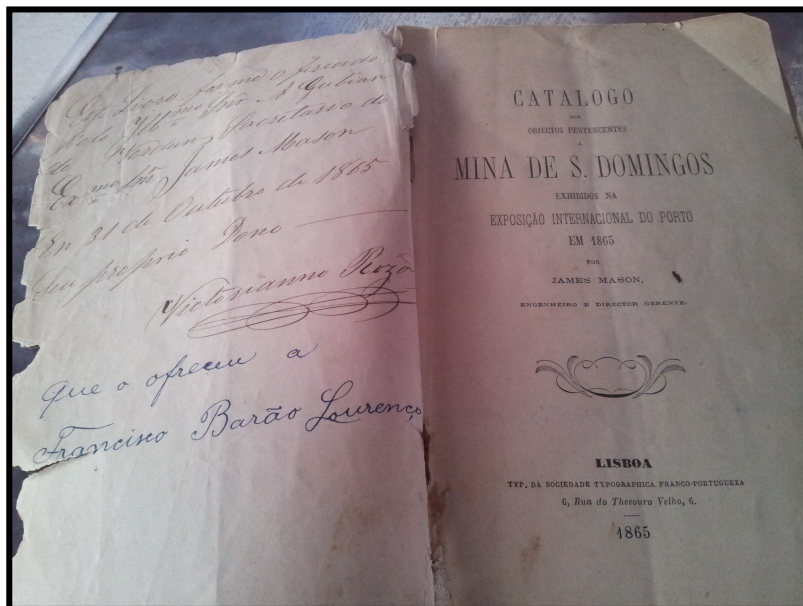
Fonte: MACHADO, Mafalda César, CARDOSO, Rui, (2008), *Pelas Linhas da Nostalgia, Passeios a pé nas vias férreas abandonadas*, Edições Afrontamento.



Anexo IX

A mina em papel e objectos: Catálogo da mina de São Domingos;
Cartão de sócio do São Domingos Futebol Clube; Cartões de
ponto da Mason&Barry; Recibos de pagamento de ordenado da
Mason&Barry;

Fonte: Senhor Manuel Francisco Barão



Anexo X

A mina em papel e objectos: Documento exemplar da Caixa de Previdência da Mason&Barry; Documento comprovativo de funcionário; Versos sobre a mina de São Domingos; Relógio de Francisco Barão (avô), presente oferecido por Sir Cross Brown pelos 50 anos de colaboração.

Fonte: Manuel Francisco Barão

25933

CAIXA DE PREVIDÊNCIA
DO PESSOAL DA FIRMA
MASON AND BARRY, Limited

Cartão de Identidade N.º 2.276

Beneficiário N.º 2.282

Nome Manuel Francisco Eleutério
Barão

Sócio N.º _____ de Sindicato Nacional

MASON AND BARRY, Limited
MINA DE S. DOMINGOS
ALGARVES (PORTUGAL)

Por referência _____
Por solicitação de _____
Data referência _____
Data de 4. COMPANHIA _____

ASSUNTO: _____

CERTIFICADO

MASON AND BARRY, LIMITED, companhia exploradora da
mina de S. Domingos, domiciliada em Mina de S. Domingos,
certifica, para os devidos efeitos, que MANUEL FRANCISCO
EULETERIO BARTO, de 28 anos de idade, esteve ao serviço
desta firma desde 23 de Janeiro de 1956 até 25 de Junho de
1968, desempenhando as funções de OFICIAL ELECTRICISTA DE
BAIXA TENSÃO.

Mina de S. Domingos, 25 de Junho de 1968
Por of. da Mason and Barry Limited
[Signature]

O Mina Terra Sagrada
Em tempo que já lá vão
Do que tinhas não tens nada
Houje és uma Solidão

De Manhã à Alvorada
Para começo do dia
Era Sempre uma Alegria
Para Toda a Rapaziada
Uns iam para Achada
Outros para a Oficina
Outros para a Contramina
O Mina Terra Sagrada

Para a nossa Distração
Havia Sociedades
Passavam-se Boas Tardes
Sempre na boa União
Naquela lida de Verão
Travavam-se Passatem
Ouvir a Banda Tocar
Em tempos que já lá vão

Pois Digo com Presunção
Poste uma Terra de fama
Houje toda a Gente Clama
A tua Situação
E não Havia Razão
Para tal Acontecer
Eu Tenho Ouvido Dizer
Houje és uma Solidão

AUTCA
MANUEL PIRES
Páculas
2-5-68

Aos Domingos da Tapada
Passavam-se boas Bocados
Também se Cantavam Fados
E cantos à Desgarrada
A Bela Sardinha Açada
Não faltava o Garrafinho
Vejam como as Coisas são
Do que tinhas não tens nada



Anexo XI

Informação sobre a ICOMOS

Fonte: www.international.icomos.org

O ICOMOS foi fundado em 1965 em Varsóvia, na sequência do 2.º Congresso de Architectos e Técnicos de Monumentos Históricos, durante o qual foi elaborada a Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios, dita “Carta de Veneza”, que é o documento fundamental do ICOMOS. Tem sede em Paris e congrega actualmente cerca de 7000 membros agrupados em mais de 120 comissões nacionais.

O ICOMOS é o principal consultor da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em matéria de conservação e protecção do património. Tem como missão, no âmbito da Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural (1972), aconselhar o Comité do Património Mundial e a UNESCO na avaliação das candidaturas de novos bens culturais e mistos à Lista do Património Mundial.

Objectivos

- Congregar os especialistas em património e ser um forum internacional para o diálogo e troca de experiências;
- recolher, aprofundar e difundir informações sobre princípios, técnicas e políticas de conservação e restauro do património construído;
- encorajar a adopção e implementação de convenções e recomendações internacionais respeitantes à protecção, conservação e valorização dos monumentos, conjuntos e sítios.

Actividades

- Difundir os princípios da “Carta de Veneza” e elaborar documentos doutrinários sobre os vários tipos específicos de património (jardins históricos, cidades históricas, arqueológico, vernáculo, etc.);
- definir métodos de gestão do património para assegurar a sua conservação e valorização;
- desenvolver programas de formação;
- realizar missões de peritagem a pedido de entidades oficiais responsáveis pela administração do património;
- desempenhar a missão de principal consultor da UNESCO na avaliação das candidaturas de bens culturais e mistos a incluir na Lista do Património Mundial e na elaboração de relatórios sobre o estado de conservação dos bens já inscritos nessa Lista;
- sensibilizar o público para a protecção do património através da utilização dos meios de comunicação social e da celebração do Dia Internacional dos Monumentos e dos Sítios (18 de Abril).

Membros

De acordo com os Estatutos, os membros podem ser individuais, institucionais, filiados ou beneméritos.

Todos os membros devem ser competentes em matéria de conservação de monumentos, conjuntos ou sítios históricos, podendo exercer as profissões de arquitecto, arqueólogo, urbanista, engenheiro, administrador, historiador da arte, arquivista, etc.

A quota anual paga à Comissão Nacional dá direito ao cartão de membro (desconto na entrada em alguns monumentos e museus), a desconto na compra de publicações do ICOMOS e ao boletim quadrimestral internacional.

Estrutura

A ASSEMBLEIA GERAL é o órgão supremo que reúne os membros de três em três anos. Elege o Presidente, os 5 Vice-Presidentes, o Secretário-Geral e o Tesoureiro-Geral, que constituem o *Bureau*, e também elege os 12 membros da Comissão Executiva.

A COMISSÃO EXECUTIVA, que é a instância de direcção do ICOMOS, é composta por 12 membros eleitos, pelos membros do *Bureau* e por 5 membros cooptados. São escolhidos pelas suas competências profissionais e devem representar as diferentes regiões do mundo. No intervalo das sessões da Comissão Executiva, o *Bureau* assegura a direcção da organização e a realização do programa.

A COMISSÃO CONSULTIVA é composta pelos Presidentes das Comissões Nacionais e Internacionais:

- as COMISSÕES NACIONAIS agrupam em associação em cada país os membros individuais e institucionais. Realizam, a nível nacional, os programas adoptados pela Comissão Executiva;

- as COMISSÕES CIENTÍFICAS INTERNACIONAIS são responsáveis pelo desenvolvimento da teoria e das técnicas de conservação em áreas de interesse específicas e agrupam peritos de reconhecido mérito internacional:

- 01- análise e restauro das estruturas do património arquitectónico
- 02- arquitectura de terra
- 03- arquitectura e urbanismo coloniais partilhados
- 04- arquitectura vernácula
- 05- arte rupestre
- 06- cidades e aldeias históricas
- 07- conservação e restauro de objectos patrimoniais em monumentos e sítios
- 08- economia da conservação
- 09- formação
- 10- fortificações e património militar
- 11- fotogrametria e monitorização remota (documentação do património cultural)
- 12- gestão do património arqueológico
- 13- ilhas do Oceano Pacífico
- 14- interpretação e apresentação de sítios do património cultural
- 15- itinerários culturais
- 16- jardins históricos e paisagens culturais
- 17- madeira
- 18- património cultural imaterial
- 19- património cultural subaquático
- 20- património polar
- 21- património do século XX
- 22- pedra
- 23- pinturas murais
- 24- prevenção de riscos
- 25- questões legais, administrativas e financeiras
- 26- teoria e filosofia da conservação e restauro
- 27- turismo cultural
- 28- vitral

O SECRETARIADO INTERNACIONAL está sediado em Paris e alberga o Centro de Documentação UNESCO-ICOMOS que recolhe, analisa e dissemina a informação sobre a conservação do património. Nele estão depositados os dossiers das candidaturas à Lista do Património Mundial.

Comissão Nacional Portuguesa

Os primeiros contactos do ICOMOS internacional no sentido de fomentar a criação da Comissão Nacional Portuguesa (ICOMOS-Portugal) datam de 1965. No entanto, por dificuldades várias, só em Outubro de 1980 foram formalmente aprovados os estatutos pela Comissão Executiva internacional. A escritura pública de constituição do ICOMOS-Portugal realizou-se em Dezembro de 1982 e a primeira Assembleia Geral nacional teve lugar em Março de 1983.

Os presidentes do ICOMOS-Portugal foram Fernando Peres Guimarães (1983), José Barbosa Colen (1983-85), Augusto Pereira Brandão (1985-87 e 1993-96), Sérgio Castanheira Infante (1987-93), Cláudio Figueiredo Torres (1996-2007) e José Aguiar (2007-).

Sede nacional:
ICOMOS - Portugal
FAUTL, sala 4.1.2
Rua Sá Nogueira
Pólo Universitário do Alto da Ajuda
1349-055 Lisboa
icomos@fa.utl.pt

Sede internacional:
49-51, Rue de la Fédération
75015 Paris - França

ICOMOS



CONSELHO INTERNACIONAL DOS
MONUMENTOS E DOS SÍTIOS

INTERNATIONAL COUNCIL ON
MONUMENTS AND SITES

CONSEIL INTERNATIONAL DES
MONUMENTS ET DES SITES

Organização não-governamental
internacional dedicada à conservação,
protecção e valorização dos monumentos,
conjuntos e sítios de todo o mundo

<http://icomos.fa.utl.pt>
www.international.icomos.org

Anexo XII

CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

Fonte: Associação Portuguesa para o Património Industrial

CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH), Julho 2003

O TICCIH – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial) é a organização mundial consagrada ao património industrial, sendo também o consultor especial do ICOMOS para esta categoria de património. O texto desta Carta sobre o Património Industrial foi aprovado pelos delegados reunidos na Assembleia Geral do TICCIH, de carácter trienal, que se realizou em Nizhny Tagil em 17 de Julho de 2003, o qual foi posteriormente apresentado ao ICOMOS para ratificação e eventual aprovação definitiva pela UNESCO.

Preâmbulo

Os períodos mais antigos da história da Humanidade são definem-se através dos vestígios arqueológicos que testemunharam mudanças fundamentais nos processos de fabrico de objectos da vida quotidiana, e a importância da conservação e do estudo dos testemunhos dessas mudanças é universalmente aceite.

Desenvolvidas a partir da Idade Média na Europa, as inovações na utilização da energia assim como no comércio conduziram, nos finais do século XVIII, a mudanças tão profundas como as que ocorreram entre o Neolítico e a Idade do Bronze. Estas mudanças geraram evoluções sociais, técnicas e económicas das condições de produção, suficientemente rápidas e profundas para que se fale da ocorrência de uma Revolução. A Revolução Industrial constituiu o início de um fenómeno histórico que marcou profundamente uma grande parte da Humanidade, assim como todas as outras formas de vida existente no nosso planeta, o qual se prolonga até aos nossos dias.

Os vestígios materiais destas profundas mudanças apresentam um valor humano universal e a importância do seu estudo e da sua conservação deve ser reconhecida.

Os delegados reunidos na Rússia por ocasião da Conferência 2003 do TICCIH desejam, por conseguinte, afirmar que os edifícios e as estruturas construídas para as actividades industriais, os processos e os utensílios utilizados, as localidades e as paisagens nas quais se localizavam, assim como todas as outras manifestações, tangíveis e intangíveis, são de uma importância fundamental. Todos eles devem ser estudados, a sua história deve ser ensinada, a sua finalidade e o seu significado devem ser explorados e clarificados a fim de serem dados a conhecer ao grande público. Para além disso, os exemplos mais significativos e característicos devem ser inventariados, protegidos e conservados, de acordo com o espírito da carta de Veneza, para uso e benefício do presente e do futuro.

1. Definição de património industrial

1 A Carta do Património Industrial deverá incluir as importantes Cartas anteriores, como a Carta de Veneza (1964) e a Carta de Burra (1994), assim como a Recomendação R(90) 20 do Conselho da Europa.

O património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se

desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.

A arqueologia industrial é um método interdisciplinar que estuda todos os vestígios, materiais e imateriais, os documentos, os artefactos, a estratigrafia e as estruturas, as implantações humanas e as paisagens naturais e urbanas², criadas para ou por processos industriais. A arqueologia industrial utiliza os métodos de investigação mais adequados para aumentar a compreensão do passado e do presente industrial.

O período histórico de maior relevo para este estudo estende-se desde os inícios da Revolução Industrial, a partir da segunda metade do século XVIII, até aos nossos dias, sem negligenciar as suas raízes pré e proto-industriais. Para além disso, apoia-se no estudo das técnicas de produção, englobadas pela história da tecnologia.

2. Valores do património industrial

Para facilitar a compreensão, a palavra “sítios” será utilizada para referir as paisagens, instalações, edifícios, estruturas e maquinaria, excepto quando estes termos forem utilizados num sentido mais específico.

i. O património industrial representa o testemunho de actividades que tiveram e que ainda têm profundas consequências históricas. As razões que justificam a protecção do património industrial decorrem essencialmente do valor universal daquela característica, e não da singularidade de quaisquer sítios excepcionais.

ii. O património industrial reveste um valor social como parte do registo de vida dos homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário. Na história da indústria, da engenharia, da construção, o património industrial apresenta um valor científico e tecnológico, para além de poder também apresentar um valor estético, pela qualidade da sua arquitectura, do seu design ou da sua concepção.

iii. Estes valores são intrínsecos aos próprios sítios industriais, às suas estruturas, aos seus elementos constitutivos, à sua maquinaria, à sua paisagem industrial, à sua documentação e também aos registos intangíveis contidos na memória dos homens e das suas tradições.

iv. A raridade, em termos de sobrevivência de processos específicos de produção, de tipologias de sítios ou de paisagens, acrescenta-lhes um valor particular e devem ser cuidadosamente avaliada. Os exemplos mais antigos, ou pioneiros, apresentam um valor especial.

3. A importância da identificação, do inventário e da investigação

i. Todas as colectividades territoriais devem identificar, inventariar e proteger os vestígios industriais que pretendem preservar para as gerações futuras.

ii. Os levantamentos de campo e a elaboração de tipologias industriais devem permitir conhecer a amplitude do património industrial. Utilizando estas informações, devem ser realizados inventários de todos os sítios identificados, os quais devem ser concebidos de forma a proporcionarem uma pesquisa fácil e um acesso livre por parte do público. A informatização e o acesso on-line na Internet constituem objectivos importantes.

iii. O inventário constitui uma componente fundamental do estudo do património industrial. O inventário completo das características físicas e das condições de um sítio deve ser realizado e conservado num arquivo público, antes de se realizar qualquer intervenção. Muitas informações podem ser obtidas se o inventário for efectuado antes do abandono da utilização de um determinado processo industrial ou do fim da actividade produtiva de um sítio. Os inventários devem incluir descrições, desenhos, fotografias, e um registo em vídeo do referido sítio industrial ainda em funcionamento, com as referências das fontes documentais existentes. As

memórias das pessoas que aí trabalharam constituem uma fonte única e insubstituível e devem ser também registadas e conservadas, sempre que possível.

iv. A investigação arqueológica dos sítios industriais históricos constitui uma técnica fundamental para o seu estudo. Ela deve ser realizada com o mesmo nível de elevado rigor com que se aplica no estudo de outros períodos históricos.

v. São necessários programas de investigação histórica para fundamentar as políticas de protecção do património industrial. Devido à interdependência de numerosas actividades industriais, uma perspectiva internacional pode auxiliar na identificação dos sítios e dos tipos de sítios de importância mundial.

vi. Os critérios de avaliação de instalações industriais devem ser definidos e publicados a fim de que o público possa tomar conhecimento de normas racionais e coerentes. Com base numa investigação apropriada, estes critérios devem ser utilizados para identificar os mais significativos vestígios de paisagens, complexos industriais, sítios, tipologias de implantação, edifícios, estruturas, máquinas e processos industriais mais significativos.

vii. Os sítios e estruturas de reconhecida importância patrimonial devem ser protegidos por medidas legais suficientemente sólidas para assegurarem a sua conservação. A Lista do Património Mundial da UNESCO deverá prestar o legítimo reconhecimento ao enorme impacto que a industrialização teve na cultura da Humanidade.

viii. Deve ser definido o valor dos sítios mais significativos assim como estabelecidas directivas para futuras intervenções. Devem ser postas em prática medidas legais, administrativas e financeiras, necessárias para conservar a sua autenticidade.

ix. Os sítios ameaçados devem ser identificados a fim de que possam ser tomadas as medidas apropriadas para reduzir esse risco e facilitar eventuais projectos de restauro e de reutilização.

x. A cooperação internacional constitui uma perspectiva particularmente favorável para a conservação do património industrial, nomeadamente através de iniciativas coordenadas e partilha de recursos. Devem ser elaborados critérios compatíveis para compilar inventários e bases de dados internacionais.

4. Protecção legal

i. O património industrial deve ser considerado como uma parte integrante do património cultural em geral. Contudo, a sua protecção legal deve ter em consideração a sua natureza específica. Ela deve ser capaz de proteger as fábricas e as suas máquinas, os seus elementos subterrâneos e as suas estruturas no solo, os complexos e os conjuntos de edifícios, assim como as paisagens industriais. As áreas de resíduos industriais, assim como as ruínas, devem ser protegidas, tanto pelo seu potencial arqueológico como pelo seu valor ecológico.

ii. Programas para a conservação do património industrial devem ser integrados nas políticas económicas de desenvolvimento assim como na planificação regional e nacional.

iii. Os sítios mais importantes devem ser integralmente protegidos e não deve ser autorizada nenhuma intervenção que comprometa a sua integridade histórica ou a autenticidade da sua construção. A adaptação coerente, assim como a reutilização, podem constituir formas apropriadas e económicas de assegurar a sobrevivência de edifícios industriais, e devem ser encorajadas mediante controlos legais apropriados, conselhos técnicos, subvenções e incentivos fiscais.

iv. As comunidades industriais que estão ameaçadas por rápidas mudanças estruturais devem ser apoiadas pelas autoridades locais e governamentais. Devem ser previstas potenciais ameaças ao património industrial decorrentes destas mudanças, e preparar planos para evitar o recurso a medidas de emergência.

v. Devem ser estabelecidos procedimentos para responder rapidamente ao encerramento de sítios industriais importantes, a fim de prevenir a remoção ou a destruição dos seus elementos significativos. Em caso necessário, as autoridades competentes devem dispor de poderes legais para intervir quando for necessário, a fim de protegerem sítios ameaçados.

vi. Os governos devem dispor de organismos de consulta especializados que possam proporcionar pareceres independentes sobre as questões relativas à protecção e conservação do património industrial, os quais devem ser consultados em todos os casos importantes.

vii. Devem ser desenvolvidos todos os esforços para assegurar a consulta e a participação das comunidades locais na protecção e conservação do seu património industrial.

viii. As associações e os grupos de voluntários desempenham um papel importante na inventariação dos sítios, promovendo a participação pública na sua conservação, difundindo a informação e a investigação, e como tal constituem parceiros indispensáveis no domínio do património industrial.

5. Manutenção e conservação

i. A conservação do património industrial depende da preservação da sua integridade funcional, e as intervenções realizadas num sítio industrial devem, tanto quanto possível, visar a manutenção desta integridade. O valor e a autenticidade de um sítio industrial podem ser fortemente reduzidos se a maquinaria ou componentes essenciais forem retirados, ou se os elementos secundários que fazem parte do conjunto forem destruídos.

ii. A conservação dos sítios industriais requer um conhecimento profundo do objectivo ou objectivos para os quais foram construídos, assim como dos diferentes processos industriais que se puderam ali desenvolver. Estes podem ter mudado com o tempo, mas todas as antigas utilizações devem ser investigadas e avaliadas.

iii. A conservação in situ deve considerar-se sempre como prioritária. O desmantelamento e a deslocação de um edifício ou de uma estrutura só serão aceitáveis se a sua destruição for exigida por imperiosas necessidades sociais ou económicas.

iv. A adaptação de um sítio industrial a uma nova utilização como forma de se assegurar a sua conservação é em geral aceitável salvo no caso de sítios com uma particular importância histórica. As novas utilizações devem respeitar o material específico e os esquemas originais de circulação e de produção, sendo tanto quanto possível compatíveis com a sua anterior utilização. É recomendável uma adaptação que evoque a sua antiga actividade.

v. Adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento económico sustentado. O património industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração económica de regiões deprimidas ou em declínio. A continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos.

vi. As intervenções realizadas nos sítios industriais devem ser reversíveis e provocar um impacto mínimo. Todas as alterações inevitáveis devem ser registadas e os elementos significativos que se eliminem devem ser inventariados e armazenados num local seguro.

Numerosos processos industriais conferem um cunho específico que impregna o sítio e do qual resulta todo o seu interesse.

vii. A reconstrução, ou o retorno a um estado anteriormente conhecido, deverá ser considerada como uma intervenção excepcional que só será apropriada se contribuir para o reforço da integridade do sítio no seu conjunto, ou no caso da destruição violenta de um sítio importante.

viii. Os conhecimentos que envolvem numerosos processos industriais, antigos ou obsoletos, constituem fontes de importância capital cuja perda poderá ser insubstituível. Devem ser cuidadosamente registados e transmitidos às novas gerações.

ix. Deve promover-se a preservação de registos documentais, arquivos empresariais, plantas de edifícios, assim como exemplares de produtos industriais.

6. Educação e formação

i. Uma formação profissional especializada, abordando os aspectos metodológicos, teóricos e históricos do património industrial deve ser ministrada no ensino técnico e universitário.

ii. Devem ser elaborados materiais pedagógicos específicos abordando o passado industrial e o seu património para os alunos dos níveis primário e secundário.

7. Apresentação e interpretação

i. O interesse e a dedicação do público pelo património industrial e a apreciação do seu valor constituem os meios mais seguros para assegurar a sua preservação. As autoridades públicas devem explicar activamente o significado e o valor dos sítios industriais através de publicações, exposições, programas de televisão, Internet e outros meios de comunicação, proporcionando o acesso permanente aos sítios importantes e promovendo o turismo nas regiões industriais.

ii. Os museus industriais e técnicos, assim como os sítios industriais preservados, constituem meios importantes de protecção e interpretação do património industrial.

iii. Os itinerários regionais e internacionais do património industrial podem esclarecer as contínuas transferências de tecnologia industrial e o movimento em larga escala das pessoas que as mesmas podem ter provocado, promovendo um afluxo do público interessado em conhecer uma nova perspectiva do património industrial.

Nizhny Tagil, 17 de Julho de 2003

[Tradução da responsabilidade da APPI – Associação Portuguesa para o Património Industrial.]

Anexo XIII

Entrevista ao representante da Câmara Municipal de
Mértola

- Entrevista ao representante da Câmara Municipal de Mértola –
Mértola, 29 Novembro 2011

Identificação do entrevistado:

O meu entrevistado foi o Sr. João Serrão Martins. As suas funções são “chefe de gabinete do presidente da Câmara Municipal de Mértola e acumulo a coordenação da Fundação Ferrão Martins.”

1. Considera o turismo uma actividade que pode desenvolver globalmente uma região?

- (Eu fiz as perguntas)
- *Muito rapidamente, sim, obviamente que sim.*
- Ok, assim, duas ou três..
- *Sim, sim, obviamente porque senão, sim, sim, não, não...*
- Claro, claro...na sua perspectiva...
- *Sim, acho que sim, embora isto depois pode..cruzar com a outra a seguir mas de qualquer maneira vamos avançar e depois, acho que sim, acho que pode, tem bastantes hipóteses e potencialidades o turismo desenvolver uma região, principalmente conhecendo Mértola, pronto, e Mina de São Domingos, que é do concelho de Mértola, creio que sim, considero também que o turismo pode ser uma das vertentes que pode desenvolver uma região porque considero que a.. termos só um, uma forma de desenvolver uma região de certeza que não é por aí, «na'é» tem de ser complementar com outras, com outro tipo de apostas e desenvolvimento, ainda mais porque o.., na minha opinião, o turismo que se pede, ou que se quer para Mértola, é o do não turismo de massas mas sim um turismo, entre aspas, cultural, ou seja, um turismo mais de qualidade do que quantidade...porque...as quantidades provocam outra questão...as cargas turísticas dos diversos sítios, e provocam (imperceptível) neste caso a nível patrimonial que é o, que é uma das principais virtudes do concelho, quer seja do tipo património que estamos a falar, é mais o turismo de qualidade do que de quantidade.*
- Ok, portanto, poucos mas bons..
- *Não, não será a questão de serem poucos mas é regular e principalmente tentar que ele seja dividido uniformemente ao longo do ano, temos forma de conseguir manter o número de visitantes ao concelho, ou à Mina, igual durante o ano mas actualmente, o Verão, a Páscoa são alturas de «booms» de visitantes, e o resto do ano temos alguns mas (...)*
- Uma percentagem muito reduzida face...
- *Precisamente, o ideal é conseguirmos manter uma...*
- Que fosse regular, homogéneo ao longo do ano...
- *O ideal...*
- Ok, então a segunda questão é a seguinte:

2. Acha que a actividade turística tem capacidade para recuperar e salvaguardar património?

- *Siiimm...também, também, acho que sim...porque...ou seja, como os objectivos, como os objectivos turísticos, com fins turísticos, é necessário, ou seja, para termos algo que seja merecedor da atenção dos turistas, tem que estar salvaguardado, cuidado, ou seja,*

é uma forma de conseguirmos financiamentos, investimentos na área...na área patrimonial porque ninguém vai visitar uma zona que...cujo o património está..quer dizer, às vezes vão mas é engraçado, à primeira vez, à primeira vista mas...até por outra razão, porque na questão do património é importante não só para o visitante como para a população, é importante que a população sinta o património...e faça parte deste processo de salvaguarda...

- Que seja parte integrante...

- Que seja parte integrante porque este...qualquer, qualquer...na minha opinião, qualquer processo que se tente implementar ou projecto turístico com base no património, que não tenha a participação ou a identificação da população local, parte logo de bases erradas e muito dificilmente conseguirá...conseguirá atingir os objectivos finais, acho que...por acaso Mértola foi um bocadinho ao contrário. «Tou» falando de Mértola, ao nível dos trabalhos que têm sido realizados em Mértola, começou-se mais por descobrir, salvaguardar o património e a partir daí criar...criar a apetência turística mas sim, sem dúvida que... mas a partir daí trouxe-nos mais valias para podermos continuar o trabalho de salvaguarda.

- Claro...eu vou fugir aqui um pouco ao nosso esquema de perguntas.

- Sim, sim...

- Focando o que o Sr. disse...o Sr. disse que “ninguém vai ver um lugar onde o património não esteja...em condições. Por exemplo, a Mina de São Domingos de património construído tem efectivamente as estruturas mas elas estão degradadas, o que acha? Acha que se elas fossem recuperadas, num plano de recuperação, perderiam o valor ou perderia a atractividade para quem visita a Mina? Porque aqui temos uma coisa, temos assim uma divergência, ou seja, salvaguardamos e protegemos mas por outro lado podemos vir a perder a identidade do lugar...

- Exacto, sim, sim...

- Na sua opinião, o que é que é...

- Vamos lá vir, na Mina, como eu lhe referia à bocadinha, parte sempre do princípio que a população tem que estar incluída, tem que estar neste projecto e...e a Mina de São Domingos não são só as, ou seja, a Mina de São Domingos tem vários problemas entre aspas, a nível de problemas de...ou seja, a Mina foi abandonada e foi deixada, não houve preocupações ambientais, não houve nada. Acho que numa primeira fase deverá ser feito, já foi feito algum trabalho nesse sentido, deverá ser continuado esse trabalho e simultaneamente deverá existir, na minha opinião, não uma recuperação total de tudo mas uma, algumas zonas deverão ser recuperadas, por exemplo, a zona da linha, do caminho-de-ferro, na minha opinião é uma das zonas que se fosse recuperada, faria sentido porque faria a ligação ao Pomarão e posteriormente ao Rio Guadiana, ligação de barco...ou seja, isso, mas acho que se calhar, a salvaguarda...quando eu digo...quando eu refiro salvaguarda será manter as ruínas, entre aspas, como estão mas impedi-las de cair mais, porque é assim, vamos ver, é impossível recuperar aqueles edifícios, estamos só a falar da zona da Mina...do complexo mineiro só, não estamos a falar da povoação que...as casas estão minimamente recuperadas, não é!? Ainda está tudo numa fase também de recuperação de ruas, pouco a pouco, estamos a falar da parte do complexo mineiro, é impossível existir investimento para recuperar tudo e não sei se será o indicado, ou seja, recuperar edifícios por completo, não sei se será o indicado porque ao recuperarmos completamente podemos lhe dar outra utilização, obviamente, «ok», por isso digo alguns sim, todos não definitivamente porque é impossível até porque não seria rentável quase de certeza...sustentável ter tudo recuperado e depois fazemos, o que é que fazemos de lá?! Na minha opinião é mais, salvaguardar ruínas quer dizer, ou seja, fazer pequenas obras de manutenção, de

impedir que elas caíam «na´é», que se mantenham visíveis com explicações do que é que seria, do que é que não seria, qual era a utilidade...mas sem recuperar tudo porque isso pronto seria, além de não investimento, pois seria muito difícil manter...em funcionamento...e «na´é».

- Ok. A terceira pergunta: **Considera Mértola um pólo turístico do Baixo Alentejo? Porquê?**

- Mértola, Vila?!

- Sim, sim.

- *Sim, pronto...Mértola desde o final dos anos 70 mais ou menos, tem sido feito um trabalho muito grande a nível do património, nomeadamente, a nível do património arqueológico, e o resultado prático, visível deste trabalho, foi a criação do Museu de Mértola, em 2004...senão estou em erro, 2004, o Museu de Mértola neste momento tem 11 núcleos museológicos, tem 9 na Vila de Mértola, 1 na Mina de São Domingos, a Casa do Mineiro faz parte, e 1 no Mosteiro, que é pronto, uma terrinha ao pé da Corte Real, também faz parte, ou seja tem sido, tem havido ou seja, especialmente ao nível do turismo cultural, arqueológico, patrimonial, tem mais valias que dificilmente se encontram num noutro local, não é, porque, e para além disto, isto é tudo, para além do que se pode ver, tem sido tudo acompanhado por uma série de investigação e publicações sobre os trabalhos que têm sido feitos nomeadamente, através do Campo Arqueológico de Mértola, na parte...na parte arqueológica; mais na parte natural, quer o Parque Natural do Vale do Guadiana, quer também a Associação Defesa do Património de Mértola trabalharam mais nas áreas naturais e biológicas do concelho mas sim, tem várias possibilidades, a juntar ao Rio Guadiana que pronto, que ele, foi ele que, que foi o responsável pela importância que Mértola teve no passado porque pronto, era o meio de comunicação entre Mértola até à bacia do Mediterrâneo era, ou seja, era aqui que chegavam os produtos e daqui que eram distribuídos pelo interior de Portugal, ou seja...*

- Exacto...

- *A nível histórico e arqueológico e patrimonial, Mértola tem...tem uma riqueza muito grande que faz dela uma...um pólo turístico.*

[Breve interrupção na entrevista para explicar ao meu entrevistado o facto de não estar a formar com ele um diálogo devido ao facto que à posteriori na transcrição da entrevista, se falarmos em simultâneo, o ruído da conversa será enorme e não conseguirei aproveitar o conteúdo da nossa conversa]

- Então, a quarta pergunta diz o seguinte: **A seu ver, a Mina de São Domingos tem potencial turístico? Se sim, qual? Se não, porquê?**

- *Pois também considero que sim...aaa...a Mina de São Domingos, na minha opinião...tem...pronto, há uma questão que já existe de turismo de verão, existe já algumas infra-estruturas construídas e aproveitadas; a praia fluvial é nesta altura e desde já há alguns anos atrás um local de bastante afluência turística, não só de portugueses como também, estamos muito perto de Espanha, de espanhóis durante o verão para utilizarem não só a praia como o resto da chamada Tapada (Grande), aquele lago grande lá, pois tem também a nível de...arquitectónico, aquelas construções mineiras, também é bastante interessante para quem se interessa por esse tipo de...porque a Mina tem para além deste tipo, o resto, na minha opinião, o turismo da Mina poderá ser um turismo...mais de arqueologia industrial tendo em conta as antigas instalações, os antigos processos de mineração que decorreram lá, também a*

nível da geologia tem também uma série, uma série de possibilidades de estudo, de...tem uma série de possibilidades também...não, não, tem uma série de possibilidades, ou seja...

[Tocou o telemóvel do meu entrevistado e perguntei-lhe se queria atender ao que me respondeu que não].

- *...Ainda está muito, na minha opinião, muito no princípio, ainda tem que ser um bocadinho trabalhado, principalmente as condições de visitabilidade das coisas, mas de qualquer maneira, se calhar depois passo, tem haver com outra pergunta, ia entrar agora, tem a ver com a...com a...*

- Com as estratégias?!

- *Sim...*

- Ok, então, a quinta pergunta é sobre as estratégias que a Câmara Municipal de Mértola tem para tornar a Mina de São Domingos um local atractivo a nível turístico. Se há alguma estratégia já pré-definida ou já até a decorrer para potenciar esse valor turístico que possa vir a ter.

[Quais são as estratégias da CMMértola para tornar a Mina de São Domingos um local atractivo a nível turístico?]

- *Nesta altura, como referia há pouco, numa pergunta anterior, já em 2005 foi feita a primeira fase do... em colaboração com a EDM, a empresa de desenvolvimento mineiro, a primeira fase da reabilitação ambiental entre aspas, nessa primeira fase foram realizadas algumas protecções de lagoas, de zonas perigosas, algumas. Neste momento a Câmara tem a decorrer, a Câmara e a Fundação Serrão Martins, têm a decorrer...pronto, têm a decorrer...temos uma série de ideias e uma série de projectos a fazer, ou seja, vamos fazer outro levantamento da zona do complexo turístico, mineiro, quer do mineiro, quer do urbano, ou seja, quer Mina de São Domingos localidade e quer...ou seja, levantamento de zonas perigosas e sinalização dessas zonas perigosas, para posteriormente fazer a sinalização dos percursos turísticos, também está em fase...isto que eu estou a falar, nesta fase será até 2013, em principio estará no terreno, sinalização dos percursos, edição de mapa e folheto turístico de...da Mina de São Domingos, criação de uma maleta pedagógica para a...para os visitantes mas para a faixa etária, ou seja, até ao terceiro ciclo, até «tou pensando» mais nas escolas até ao terceiro ciclo...*

- Por exemplo, passa pelo projecto ou põe essas ideias da Câmara fazer alguma coisa semelhante a Rio Tinto, por exemplo. Em Rio Tinto foi reaproveitado o hospital para ser a sede da Fundação Rio Tinto, foi aproveitado por exemplo, foram aproveitados a casa, a Casa n.º 21, que era a casa, uma das casas utilizadas também por quem, ou seja, por aqueles que estiveram a explorar a Mina (de Rio Tinto) durante os vários séculos. Passa por aí alguma coisa? Já sei que a Estalagem (de São Domingos) já foi reestruturada mas pela *La Sabina*, não é, e...a Câmara tem um problema ali, não é, porque tudo ali pertence ou a grande parte pertence à *La Sabina*, então, há um confronto de entidades, neste caso a Câmara (Municipal de Mértola) com a Fundação (Serrão Martins) e a *La Sabina*. Eles limitam um pouco talvez essa evolução, esse melhoramento?

- *É assim, a La Sabina faz parte da Fundação (Serrão Martins). A Fundação é a criação entre a Câmara (Municipal de Mértola) e a La Sabina. Existe obviamente conflito de interesses entre as duas entidades, entre a CMM e a La Sabina, porque a La*

Sabina é uma empresa, tem objectivos de rentabilidade e a CMM não, a CMM tem objectivos de desenvolvimento local, vamos dizer assim, melhor as condições de vida das populações, etc. Agora, eles também tem a preocupação em, ou também têm objectivos, ou seja, a questão turística, o desenvolvimento turístico também é um objectivo deles, embora por outra vertente. Referente ao que disse, a antiga...o antigo palácio (dos ingleses) é agora a estalagem (de São Domingos), foi um investimento feito pela La Sabina, e muito bem, considero que sim, a Casa 21 é a Casa do Mineiro, ou seja, a Casa do Mineiro era uma antiga habitação de mineiro, que foi recuperada para ser centro de documentação que é a sede da Fundação mas na verdade existem muitos, a maior parte...a maior parte dos terrenos e dos edifícios são da La Sabina, não é? Ora existem alguns que são da Fundação, alguns terrenos que são da CMM, alguns terrenos públicos mas a maior parte é tudo da La Sabina que está pouco a pouco a fazer a venda a quem de direito, aos herdeiros dos mineiros, descendentes, etc, ou seja, o Rio Tinto é um exemplo, muito bom, não é, ou seja, o objectivo será chegar perto mas...pronto...nesta fase é impossível, nesta fase...nesta fase a nossa...o nosso objectivo é tentar recuperar ao máximo a nível ambiental a zona da mina, e torná-la visitável, e torná-la visitável é criar condições de visitação, informa o, não haver perigos, sinaliza o, essas, essas..., neste momento é essa... e cria o obviamente de exposições temporárias sobre a mina, sobre a mineração, a geologia, sobre tudo o que nós, sobre aquelas potencialidades todas que nós falámos, que nós falamos anteriormente.

- O meu entrevistado fez uma pausa para consultar um documento.

- Estamos a tentar criar condições, ainda referente a isto, estamos a tentar criar condições para...a mina é muito visitada por autocaravanas, estamos neste momento a criar condições...também em dois mil e...em princípio ainda antes do verão de 2012, iremos ter um parque de caravanas, não será um parque de caravanas, será um local de estacionamento de caravanas, elas actualmente costumam estacionar na zona da praia fluvial o que durante o Inverno não   problemático, durante o Verão é mais complicado porque...

- Ocupa espaço...

- Precisamente, ocupa espaço e além disso não tem as condições necessárias para...neste momento estamos a...vamos criar um sítio de estacionamento e criar uma zona de acesso para aquelas condições todas de electricidade, água, esgotos próprios das caravanas para pronto, que exista esse...folheto, essas condições, portanto folhetos, divulgação na mina, mapas; a nível da Fundação e do Centro de documentação, que   também um importante, estamos também neste momento a organizá-lo, base de dados, inventariação de materiais, documentos, ou seja, quer sejam documentos em papel, objectos de antigos mineiros ou de...ou seja, isto é um projecto que até 2013, eu gostaria que estivesse...a criação da página da Internet também da Fundação, com esta base de dados on-line para investigação...para o trabalho que está a fazer, por exemplo...tudo, toda a documentação que tivermos da Fundação...fotografias...e temos um enorme...enorme arquivo de fotografias antigas da mina, isto está tudo, pode ficar tudo disponível para ser visualizado,   esse tipo de trabalho que neste momento estamos a...que estamos a fazer.

- A mina, por exemplo, quando nós comparamos com um outro projecto que avançou e que hoje é um dos, digamos, um dos pólos de atracção ali da província de Huelva (Espanha), ou seja, a Mina de Rio Tinto, acha que esta mina (a de São Domingos) esteve em desvantagem ou não, o facto de ter sido abandonada e...ou, esse abandono levou a que muitas estruturas fossem roubadas, muitos materiais, muitos objectos porque efectivamente o caminho-de-ferro desapareceu, as carruagens desapareceram, os vagões desapareceram, será que isso também levou atraso digamos no avanço para a criação de um lugar mais atractivo?!

- *Sim porque, vamos lá ver, a empresa quando largou a mina, literalmente largou-a mas largou-a mas a propriedade continua sempre a ser deles, o que, ou seja, na minha opinião, a mina teve sempre, teve em desvantagem porque «tava» numa terra de ninguém entre aspas, estava numa terra que é propriedade de uma empresa inglesa, ou seja, que não estava cá, em que a CMM ou as entidades portuguesas não podiam construir nem mexer lá porque não eram propriedade dela, ou seja, isto só em...1994...é que foi feito o protocolo entre a CMM, o governo...para as coisas, ou seja, durante este tempo, e para além de tudo ter desaparecido a nível patrimonial, a nível urbanístico, a mina é um bocadinho caótica, porque as coisas foram aparecendo sem licenciamentos, sem autorizações, sem nada, claro que as pessoas também sentiam necessidade de criar condições para viverem mas a CMM não podia passar nada, imaginemos, uma pessoa queria construir uma casa, não podia passar licenças porque aquilo não estava sob a nossa juris...pronto, então é uma situação muito específica e que obviamente a este nível atrasou, porque neste momento estamos, há dois anos ou três é que acabámos o saneamento básico da mina, a CMM fez o saneamento básico da mina, neste momento estamos pouco a pouco a fazer as estradas...as estradas, a pavimentação e é um processo que vai demorar alguns anos, porque a mina é muito grande, existem estes problemas todos de ordenamento do território...que não houve ordenamento do território, não é; agora qualquer coisa que se queira fazer, pronto, tem de ser pensado, programado, e já existem construções a do lado, ou seja, ainda estamos...ainda se está a vender casas aos herdeiros, ou seja, o processo «tá» atrasado...30 anos ou mais, 40 não mas...sim, se calhar 40 anos, isso tudo obviamente causou o desaparecimento da... a própria empresa levou muita coisa quando saiu, o resto, pronto, foi deixado ao abandono e foi levado...com o tempo.*

- Então, seguindo para a pergunta número seis, **Em relação a outras minas já aproveitadas como pólos de Turismo Industrial ou outro, qual considera ser a identidade e a singularidade das Minas de São Domingos?** Acha que tem uma identidade, que são únicas, singulares?

- *Pronto, a nível...eu acho...eu acho que a questão é assim, as Minas de São Domingos foram exploradas desde o tempo dos Romanos, desde já muito tempo e acho que esta questão toda...toda esta questão histórica e toda a história da própria mina, da própria, ou seja, da história como se passou a mineração da mina, a mineração daquele espaço em que na primeira fase foi construído uma, ou seja, porque a mina, a localidade existiu, as minas de São Domingos nasceu porque havia a mina, ou seja, foi uma terra que nasceu ali, nasceu porque havia a mina, começaram a...então fizeram uma...a primeira construção da mina de São Domingos foi abaixo quando a mina cresceu, ou seja, todo o processo histórico da mina, incluindo a questão...a questão de ter ficado ao abandono, tem a sua...traz a sua identidade e a sua característica de singularidade à...mina de São Domingos, não é? Acho que a questão...cada caso é um caso e cada*

história e cada história...obviamente que as outras tiveram uma história diferente, agora (imperceptível) a própria história das pessoas que lá estiveram, a questão de ter sido ingleses, e «tarem» lá ingleses, e as...a nível cultural...o que nasceu daí, o próprio clube de futebol, o nome era inglês...foot...football, ou seja, há uma série de...acho que a nível cultural e histórico, é a singularidade das minas de São Domingos.

- E a sétima pergunta: **Acha que seria possível uma acção de complementaridade de destinos entre Mértola e a Mina de São Domingos? Ou a melhor acção seria a individualidade de espaços?** Ou seja, por exemplo, será que era possível um dos vossos circuitos promovidos pela empresa, a Merturis, complementar por exemplo, um fim-de-semana em Mértola, sábado visitava-se o Campo Arqueológico, alguns núcleos e depois incluir também nesse pacote de fim-de-semana, uma ida à Mina de São Domingos, acompanhado por alguém, a fazer as explicações, visitar uma das casas, neste caso, a Casa do Mineiro, há alguma...a complementaridade seria vantajosa ou não?

- Sim, sim, já se faz, já fazemos embora, pronto, não estamos...como lhe disse, estamos em fase...isto vamos estar sempre em fase de implementações...mas estamos...mas há sim, complementaridade não só como... na minha opinião, o concelho de Mértola deverá ser, ou seja, o destino Mértola, não é Mértola só mas Mértola concelho, e a complementaridade de destinos, ou seja, Mértola, o rio (Guadiana), a mina (de São Domingos), o Mosteiro...tanto que é complementar que um dos núcleos do Museu (de Mértola) já é na mina de São Domingos, faz todo o sentido que assim seja até porque é uma forma de...espalhar, não lhe chamaria espalhar, ou seja, trazer mais valias e dar...visitantes por todo o concelho, não chegar a Mértola e ir embora..«tar» em Mértola e complementar...nós nalguns casos já fazemos pronto, quando nos pedem visitas ou...já fazemos coisas deste tipo, não é? A Merturis já faz coisas deste tipo, na própria casa Fundação, a Casa do Mineiro tem visitas guiadas ao complexo mineiro, por isso já existe e faz todo o sentido até porque são, por esta razão, e porque os assuntos, como referi, são um bocadinho diferentes e é mais o património arqueológico, o património mineiro, a arqueologia mineira, faz todo o sentido que exista complementaridade, até porque é uma mais valia para Mértola em geral, porque tem mais pontos de atractividade, mais assuntos, mais...

- Exacto... e como última questão, **Defina a Mina de São Domingos em três adjectivos.** Será que é possível dar-te três adjectivos que caracterizem a Mina de São Domingos? Esta vai ser a mais difícil (sorrisos).

- Por acaso já tinha visto, estava a ver se pensava em alguns antes de chegar a...três adjectivos que definam a mina...se calhar avançava aqui por uma, eu vou pensar, não está aqui na pergunta mas pode ser importante para si, que é: a La Sabina tem um projecto de desenvolvimento para a mina, com um parceiro privado, há pouco tempo que eu soube, ainda não nos foi apresentado nem nada mas...que uma das hipóteses das coisas será a recuperação... não faço ideia, não nos foi apresentado ainda, seria bom se calhar conseguir falar com.. (respondido à posteriori, os adjectivos são) Imponente, enigmática e pacata.

[Conversa entre os dois sobre o facto de eu ainda não ter chegado a contacto com a La Sabina. O meu entrevistado deu-me o contacto de email para falar com o responsável da empresa citada. A conversa é irrelevante para a entrevista].

- (...) *Faz sentido porque também vê da parte, ou seja, isto é a parte pública, entre aspas, faz sentido também ver da parte privada, ainda por cima porque eles têm interesses, como lhe disse, eles têm interesses lá...(...) outros projectos que nós temos é uma revista de... (entrada de uma pessoa na sala) (...) um projecto de uma pista de canoagem e remo na zona da...pronto, naquela zona da praia fluvial e tudo, como forma também na questão do turismo náutico, e etc. Voltámos aos três adjectivos, é isso? É difícil, posso pensar um bocadinho ou...*

- Claro, eu tenho tempo...

- *Sabe que a Mina é um sítio...já tem estado na Mina antes ou não?*

[Conversa entre os dois sobre as minhas idas à Mina de São Domingos e qual a minha ligação ao espaço]

- *Mas tem alguma ligação à mina ou...pois, se calhar eu pensava...sabe, também têm sido feitos algumas, alguns filmes e videoclips na mina, naquela zona pronto, na Achada do Gamo (...) porque aquela zona...aquela zona até para cenário...não faço ideia...qualquer coisa doutro planeta, aquilo é tudo, por mau, por más razões, não é, é que aquilo ficou tudo ao abandono, aquelas cores e aquilo tudo não é normal (...) embora é o que eu diga, ou seja, é mais valia mas foi devido a...uma irresponsabilidade entre aspas mas (...) sim, uma paisagem lunar.*

[Conversa entre os dois novamente no qual o meu entrevistado se mostra disponível para uma futura ajuda. Solicitei o documento que comprova oficialmente a descoberta das minas. Possivelmente será um dos muitos documentos que se encontram em espera para incorporar o arquivo da Fundação. Outros documentos...]

- (...) *Porque é assim, esses nossos documentos também apanhámos uma parte, outras...por exemplo, o palácio (dos ingleses)...o palácio esteve fechado anos, anos e anos e quando conseguimos falar...alguns arquivos...algumas coisas que nos passaram e outras que foram vandalizadas e roubadas e queimadas e...sabe-se...e outras que as pessoas...porque agora estivemos e estamos, e continuamos a fazer que é, a receber material que as pessoas da mina têm para a Fundação...fotografias, materiais, ou seja, ou porque sejam doados à Fundação ou pelo menos emprestados para serem fotografados ou digitalizados, para ficar no acervo e depois...e anda tudo por lá, muitas coisas espalhadas, depois estamos também a fazer, como lhe disse, entrevistas e levantamentos de testemunhos ainda, porque é uma coisa pronto, as pessoas estão a ficar velhotas e é necessário guardar isso para o futuro, para saber como é que as coisas eram, e para a memória...*

Obrigada,

Duração da entrevista: 36:45m

Mértola, 29 de Novembro 2011

Anexo XIV

Guião de entrevista aos habitantes

Entrevistas na aldeia de São Domingos - Entrevistas aos habitantes –

1.

Sexo

Masculino

☐

Feminino

☐

2.

Idade

< 60

☐

65-70

☐

70-75

☐

75-80

☐

>80

☐

3.

Naturalidade

Concelho de Almodôvar

☐

Freguesia: _____

Concelho de Beja

☐

Freguesia: _____

Concelho de Castro Verde

☐

Freguesia: _____

Concelho de Mértola

☐

Freguesia: _____

Concelho de Serpa

☐

Freguesia: _____

4.

Habilitações Literárias

Esc.Básica

☐

Secundária

☐

Curso Técnico

☐

Bacharelato

☐

Licenciatura

☐

Mestrado/Doutoramento

☐

Outro: _____

1. Há quantos anos vive na aldeia da Mina de São Domingos?

2. Quantos familiares seus trabalhavam na Mina de São Domingos?

3. Todos os homens que aqui viviam eram trabalhadores da Mina de São Domingos?

Sim

☐

Não

☐

4. Como eram as relações sociais na aldeia?

5. Quais eram as outras funções/trabalhos para quem não trabalhava na Mina de São Domingos?

6. Existia um vocabulário próprio, um modo específico de falar entre os habitantes da aldeia?

7. Como era viver na aldeia da Mina de São Domingos?

8. Acha que a Mina de São Domingos tem potencial turístico? Porquê?

9. Acha que a actividade turística ajudaria a recuperar e manter a cultura e o património mineiro ainda existente? Em que medida?

10. A seu ver, se fosse possível recuperar um espaço/lugar da Mina de São Domingos, qual escolheria? Porquê?

11. Defina a Mina de São Domingos em três adjetivos.

Anexo XV

Guião de entrevista aos mineiros

Entrevistas na aldeia de São Domingos - Entrevistas aos Mineiros –

1.

Sexo

Masculino

☐

Feminino

☐

2.

Idade

< 60

☐

65-70

☐

70-75

☐

75-80

☐

>80

☐

3.

Naturalidade

Concelho de Almodôvar

☐

Freguesia: _____

Concelho de Beja

☐

Freguesia: _____

Concelho de Castro Verde

☐

Freguesia: _____

Concelho de Mértola

☐

Freguesia: _____

Concelho de Serpa

☐

Freguesia: _____

4.

Habilitações Literárias

Esc.Básica

☐

Secundária

☐

Curso Técnico

☐

Bacharelato

☐

Licenciatura

☐

Mestrado/Doutoramento

☐

Outro: _____

1. Durante quantos anos trabalhou na Mina de São Domingos?

< 2 ☐ 2-5 ☐ 5-7 ☐ 7-10 ☐ >10 ☐

2. Qual era a sua função?

3. Quantas pessoas da sua família trabalharam na Mina de São Domingos?

4. Todos os homens que aqui viviam eram trabalhadores da Mina de São Domingos?

Sim ☐ Não ☐

5. Como eram as relações sociais na aldeia?

6. Qual é a sua melhor lembrança a nível dos costumes da Aldeia de São Domingos?

7. Ainda vive na Aldeia de São Domingos? Se não, há quantos anos deixou a aldeia?

8. Acha que a Mina de São Domingos tem potencial turístico? Porquê?

9. Acha que a actividade turística ajudaria a recuperar e manter a cultura e o património mineiro ainda existente? Em que medida?

10. A seu ver, se fosse possível recuperar um espaço/lugar da Mina de São Domingos, qual escolheria? Porquê?

11. Gostaria de fazer parte de uma equipa de guias para acompanhamento de visitantes na Mina de São Domingos?

12. Defina a Mina de São Domingos em três adjetivos.

Anexo XVI

Guião de entrevista aos visitantes

Entrevistas na aldeia de São Domingos - Entrevistas aos visitantes –

1.

Sexo

Masculino

☐

Feminino

☐

2.

Idade

< 20

☐

20-30

☐

30-40

☐

40-50

☐

>50

☐

3.

Nacionalidade

Portuguesa

☐

Espanhola

☐

Francesa

☐

Inglesa

☐

Outra:

4.

Habilitações Literárias

Esc.Básica

☐

Secundária

☐

Curso Técnico

☐

Bacharelato

☐

Licenciatura

☐

Mestrado/Doutoramento

☐

Outro: _____

1. Qual o seu local de residência?

2. Qual o percurso realizado para chegar até aqui?

3. Qual o meio de transporte utilizado?

Autocarro ☐ Carro próprio ☐ Moto ☐ Transporte Público ☐

4. Como tomou conhecimento sobre a Mina de São Domingos?

Amigos ☐ Familiares ☐ Internet ☐ Rádio ☐ Revista ☐ Televisão ☐

5. O que o motivou a realizar este passeio até à Mina de São Domingos?

Os Amigos ☐ A Curiosidade ☐ A Gastronomia ☐ A História ☐

A Paisagem ☐ As Ruínas ☐ Outra: _____

6. Antes de chegar até à Mina de São Domingos visitou mais algum lugar?

Sim ☐ Não ☐ Qual(is): _____

7. Irá pernoitar aqui?

Sim ☐ Não ☐

8. Acha que a Mina de São Domingos tem potencial turístico? Porquê?

9. Acha que a actividade turística ajudaria a recuperar e manter a cultura e o património mineiro ainda existente? Em que medida?

10. A seu ver, se fosse possível recuperar um espaço/lugar da Mina de São Domingos, qual escolheria? Porquê?

11. Defina a Mina de São Domingos em três adjetivos.

Anexo XVII

Entrevista ao mineiro Sr. Barão

- Entrevista ao Mineiro –
1 Dezembro 2011

Identificação do meu entrevistado:

- O meu entrevistado foi o Sr. Manuel Francisco Barão, ex-trabalhador na Mina de São Domingos. Tem 72 anos, é natural da freguesia de Corte Pinto, concelho de Mértola, e concluiu a escola básica.

Enquanto eu me preparava para a entrevista, o meu entrevistado começou a falar e disse algumas coisas que gostaria que ficassem transcritas:

- Lembro-me como se fosse hoje, 8 escudos e 70 centavos, foi o meu ordenado na altura, no dia 23 de Janeiro de 1956, comecei a trabalhar aqui nesta empresa, com 15 anos e meio, como disse. Depois trabalhei aqui treze anos até que a Mason & Barry Limitada abriu falência. Eu estive mesmo aqui até ao fim. Na altura, quando a empresa abriu falência éramos 160 operários ainda, e foi uma falência feita ali em cima do joelho porque...o feriado camarário aqui do concelho de Mértola era no dia 24 de Junho, ou seja, o dia de São João, nós ainda trabalhámos no dia 23, dia 24 foi o feriado camarário...não trabalhamos evidentemente como era feriado, depois, no dia 25...Eu nasci ali naquela porta que está além mesmo, naquela porta nasci eu...nasci eu...no dia 25 de Junho, pegávamos ao trabalho às 8 horas da manhã, íamos para pegar ao trabalho, às oficinas, estava lá um papel, «a Mason & Barry Limitada abriu falência». Cada um arrancou com a saca às costas, para casa, sem um tostão, sem nada.

Nesse período, antes da mina abrir falência, nós andámos aí a trabalhar, isto foi tudo cortado a maçarico, locomotivas, tornos, eram 44 tornos que estavam a funcionar, tornos mecânicos, havia locomotivas, locomotivas de vários transportes, grandes, pequenas, de todo o tamanho...e então, isto foi tudo cortado a maçarico, e foi tudo vendido como sucata, e nós andávamos aí a trabalhar ainda...na oficina de electricistas éramos 23, 23 electricistas, só fiquei eu e o encarregado. O encarregado adoeceu, fiquei eu, sozinho, a tomar conta da oficina de electricistas, tinha 2 ajudantes, 2 rapazes, de outras profissões, que iam lá ajudar a destruir, ou seja, a partir os motores que lá havia, para ser tudo vendido como sucata, e o que é que acontecia?!

Às 8 horas da manhã nós deslocávamo-nos à oficina de electricista, eu tinha a chave da oficina, que na altura, os indivíduos que estavam ainda aqui a administrar isto e a vender sucata disseram-me logo assim: «ó Barão, tu agora...o teu superior, o teu encarregado está, está doente, e tua agora levas a chave para a tua casa, não deixes a chave aqui no chaveiro». Havia um chaveiro na oficina, onde nós colocávamos as chaves de todas as oficinas: a oficina de caldeireiros, a oficina de ferreiros...ah..de serralheiros, de fundição, tudo isso, e nessa altura eles disseram-me: «Tu agora levas a chave para a tua casa, não deixes aqui a chave». Outro dia de manhã, lá estava, na oficina, às 8 horas da manhã, vinham aqueles dois indivíduos...

A oficina de electricistas estava recheada de cobre e ferro e bronze, tudo o que lá havia era bom, telefones...tudo, este motor...: «ó Barão, este motor era de onde?» “-Olhe, este motor que está aqui, um exemplo, era da contra mina, do piso 240”. «Este vai para o lado». «Este motor era de onde?» “- Este motor era da fábrica de enxofre”. «Este motor era de onde?» “- Este motor era da corda sem fim”. «Então vocês hoje colocam estes todos aqui à parte, e partem estes motores». E como é que eram partidos? Cada carcaça... motores enormes, motores aí de 70 e 80 cavalos, e de 160 cavalos, partimos

lá um com 160 cavalos...e da corda sem fim, uma bizarma e a carcaça dos motores, era tudo em ferro fundido e o interior, o interior era em cobre..

O que é que nós fazíamos com os malhos, ou seja, umas bacetas, grandes, pesadas, partia-se a carcaça com o ferro fundido, separava-se o ferro fundido do cobre, o cobre depois fazíamos uma lareira, uma lareira com “gasoil”, e separava-se o ferro do cobre, um monte de cobre aqui, um monte de ferro ali. À tarde, vinham os sucateiros e carregavam o cobre para um outro e o ferro no outro; no outro dia, a mesma coisa, até que foi tudo ao fim, porque isto ainda trabalhou 150 anos, sempre a debitar para os ingleses, ingleses que era...a firma era a Mason & Barry Limitada, e um dos superiores, um dos administradores que vinham cá constantemente, hoje onde está além, está além identificado a estalagem, era a residência oficial dos ingleses e empregados, empregados superiores que vinham para cá, vinham da Inglaterra, vinham de Lisboa, vinham daqui...; eles tinham o escritório em Lisboa, na Rua do Salitre, estava lá um escritório da Mason & Barry Limitada, e havia outros, Inglaterra principalmente; vinham administradores de Inglaterra, vinham para aqui assistir a contas, engenheiros e tudo e onde eram alojados era naquele palácio. Chamava-se o palácio. O palácio tinha além empregados, tinha senhoras já com uma certa experiência, tinham também um cozinheiro privado, e tinham um indivíduo, um indivíduo que era um mordomo, esse mordomo era o meu avô. O meu avô foi além para o palácio a fazer as compras tinha 8 anos. Na altura tinha 8 anos, com um cestinho no braço a fazer as compras, e saiu “dalém” com 72 anos...os administradores, o Cross Brown, tinha uma certa consideração por ele, porque na altura...quando eu comecei aqui a trabalhar era difícil, era difícil nós conseguirmos entrar para a empresa aqui. Só através de pedido, então o meu avô, que tinha uma grande consideração, o Cross Brown que tinha uma grande consideração por ele disse: “Ei...”, chamava-se Francisco Barão Lourenço, o meu avô. “Chico, Chico, o teu neto vem para cá trabalhar? Onde quer o teu neto trabalhar? Escritório? Oficina? Onde quer, onde quer? O Chico diz, o teu neto, onde quiseres.”. E pronto, depois o meu avô disse ao meu pai: “Olha João...”, o meu pai era João, o meu pai trabalhou aqui cinquenta e tal anos quase sessenta anos, e então disse ao meu pai: “João, olha, o Cross Brown diz que se o Manel quiser vir, se quer ir para o escritório, se quer ir para as oficinas.... O meu pai: “Então olhe, quer ir para as oficinas”. Mas eu, a minha criação, a minha criação era para torneiro, serralheiro mas não, na altura depois era...havia falta de mais electricistas e fomos então 4 rapazes para a oficina de electricistas e ali trabalhei, trabalhei ali treze anos, na oficina de electricistas, até que fui despedido. “Tive” até ao fim da mina...nós...esqueceu-me há bocado de lhe dar essa referência, nós estávamos a trabalhar, a partir os motores, a partir tudo, a arranjar sucata, e esta semana davam 100 escudos, daqui a 3 semanas davam outros 100 escudos, então foi-se acumulando, acumulando, acumulando, ficaram lá, quando fui despedido, a dívida da empresa “p’ra” comigo eram 27 contos e 500, ou seja, 27 mil e 500 escudos, que era dinheiro. Ah, não recebi nada, não me deram nada, o subsídio de férias, indemnização e...salários que ficaram em atraso. Foi-se ao tribunal de falências, o tribunal de falências...como o dinheiro não chegava para pagar a todos os credores...ainda me deram 3 contos e 500 ao fim de 7 ou 8 anos, deram-me 3 contos e 500, e ficaram lá 24 contos. Mas isto é uma grande história, que é uma história muito grande aqui, isto passou por aqui, passou por aqui muita gente, aqui havia muita fome, muita miséria. Os mineiros...nós trabalhávamos ali, eu não como mineiro, não ia lá arrancar as pirites mas ia dar assistência aos mineiros: montagem de bombas, a parte eléctrica, porque isto, ao fim e ao cabo, estava tudo muito bem estruturado, havia uma estrutura aqui muito bem feita: central privativa da empresa, como eu disse há bocado, havia 44 tornos ou 45 tornos, uma fundição, serralheiros, caldeireiros, uma central

privativa, havia uma banda privativa da empresa, uma equipa de futebol que ainda jogou na II divisão.

Tudo isso, aqui não faltava nada, havia festas...principalmente pelo São João, havia festas, os ingleses é que ponham tudo, o que é que havia salários de miséria, salários de miséria que, e ainda me recorda perfeitamente como se fosse hoje, por exemplo, um operário não-diferenciado, eles chamavam aqui um operário não-diferenciado, era um operário que não tinha profissão, esse operário ganhava 27 escudos e 500, e 50 centavos, na altura era escudos, mas agora meteram aí os “eurus”. Entrei a ganhar 8.700 e fui subindo, subindo, subindo, quando a mina fechou já ganhava 34.600...36.800, era o meu ordenado, na altura. Era já electricista, credenciado, já tinha a carteira profissional...mas havia aqui artistas que saíram daqui, em todas as profissões que brilharam, brilharam no país e até no estrangeiro, operários credenciados, operários com muita experiência. Aqui era o seguinte: isto começava-se a trabalhar de pequenino, trabalhando de pequenino ia-se adquirindo uma certa experiência, e essa experiência ia-se acumulando ao longo dos anos, e aos anos faziam-se bons profissionais, bons profissionais que não tinham medo de trabalhar em lado nenhum, em todo o lado...ia trabalhar pessoal que saía daqui, ia trabalhar para todo o lado...Aveiro, Lisboa, a CUF, foram muitos para a CUF, e por aí em diante. Eu não sei se quer mais alguma...diga, diga...

Chegou uma altura que tive que interrompeu o discurso do meu entrevistado pois estávamos a fugir ao que eu tinha planeado. Mesmo nas perguntas directas, o Sr. Barão fazia questão não só de responder como explicar e desenvolver a sua história, o que tornou a entrevista ainda mais rica ao nível da informação.

As minhas habilitações era a 4ª classe porque aqui, aqui era o seguinte: aqui ninguém tinha possibilidades de passar da 4ª classe. (Porque se começava a trabalhar logo “desde pequenino”) e não só...estudar para a onde?! Aqui não havia, não havia uma escola secundária, não havia nada disso, aqui era só escola primária, da 1ª à 4ª classe. Então, era o hábito aqui, o aluno entrava com a professora da 1ª classe, ia sempre passando os anos até à 4ª classe. À 4ª classe fazia exame, que tinha que ir a Mértola fazer exame. Aqui faziam o da 3ª classe mas a 4ª classe tinha que ir a Mértola. Depois a partir daí parou, porque a gente tinha que ir estudar para Beja, e os pais não tinham possibilidades, que ficámos por aqui, muitas inteligências se perderam, eu tive pena, podia, tinha vontade na altura, que eu fiz o exame da 4ª classe com 10 anos...hummm, fui para a escola com 6, não perdi ano nenhum, feitos aí com 10, eu gostava de ter, ter seguido mas não havia possibilidade e ir para Beja, pagar alojamento, pagar tudo...o meu pai ganhava também 34 escudos, éramos dois filhos...

1. Durante quantos anos trabalhou na Mina de São Domingos?

Treze anos

2. Qual era a sua função?

Era electricista.

3. Quantas pessoas da sua família trabalharam nas Minas de São Domingos?

Uuuuu...ui, avôs e bisavôs, aqui é o seguinte: é que aqui na nossa zona, não havia mais nada, a única indústria que existia era a mina. Os meus bisavôs trabalharam aqui, os meus avós trabalharam aqui, o meu pai trabalhou e eu trabalhei, fui o último porque a mina abriu falência. O meu irmão não chegou a trabalhar aqui. Eu tenho um irmão só...e o meu irmão não chegou a trabalhar porque o meu irmão foi voluntário, era músico aqui na banda, e foi voluntário para a tropa para as bandas do exército. Teve na Infantaria 16 em Évora, teve na Infantaria 1 na Amadora, teve na Infantaria 15 em Tomar.

4. Todos os homens que aqui viviam eram trabalhadores na Mina de São Domingos?

99,9%...o resto, o resto havia campo, havia campo mas era pouco. A maior percentagem era tudo pessoas que residiam aqui, era tudo trabalhadores da mina. Tudo trabalhou aqui na mina porque isto era assim: era uma empresa, uma empresa inglesa que ao fim e ao cabo dava trabalho a toda a gente. Havia um inválido, um inválido, um indivíduo que era coxo, que tinha outro problema qualquer de mobilidade, eles arranjavam um emprego para ele, ou para guarda, ou para guarda de uma bomba, ou para subir uma bandeira quando passava o caminho-de-ferro, fosse o que fosse, arranjavam emprego para ele, para esses inválidos. Pagaram mal, pagavam sempre mal, pagaram mal mas olhe, ia-se vivendo, de mal a menos ia-se vivendo.

5. Como eram as relações sociais na aldeia?

. Respondido na última questão!!!

6. Qual é a sua melhor lembrança a nível dos costumes da aldeia de São Domingos?

Olhe, nós tínhamos aqui 3 colectividades, aqui na rua, onde está o “Estrela”, o café “Estrela”, estava uma. Lá em cima, nas traseiras da igreja, é o “Musical”, estava outra. Lá à frente, é o Centro Republicano, era outra. Três, só 3 colectividades. Depois havia uma colectividade que era da empresa, os operários mineiros, além onde hoje está aquele armazém grande, que está ali uma oficina de montagem de estruturas metálicas, aí era um clube também, chamava-se “O Clube Operário”, que era o clube da empresa. Então aqui realizaram-se muitos bailes, muitos bailes, na altura era baile. Eu ainda fiz parte, fiz parte de muitas direcções principalmente aqui do clube, aqui do “Clube Recreativo” que era aqui onde está o “Estrela”, o “Musical”, também fiz parte da direcção, o centro também, fui o último, e então, principalmente por São João, isto era uma coisa nunca vista no concelho. No concelho de Mértola, temos o distrito, não se faziam as festas que se faziam aqui. Também, a empresa ajudava muito. Colocavam-se uns mastros no meio da rua, tudo florido, e a empresa ajudava, a empresa é que mandava os electricistas, a empresa é que, é que oferecia o transporte de verduras e muita coisa, electricidade, oferecia-se tudo. E então, durante o ano, havia depois bailes pela Páscoa, havia bailes pelo Natal...havia, constantemente havia bailes, quase todos os meses havia bailes, como lhe disse, fiz parte da direcção; fazíamos até chás dançantes. Sabe o que é um chá dançante?! Nós, porque...os sócios eram informados através de um convite, mandava-se um convite para a casa do sócio, em tal dia, às tantas horas há um baile, abrilhantado por conjuntos, tudo conjuntos que vinham aqui: algarvios...por aí em diante. E havia muitas raparigas que depois que os pais não eram sócios mas nós...elas vinham-nos pedir: “Manel, arranja-me lá um convite, arranja-me

lá um convite, o meu pai não pode ser sócio!” “Teu nome? fica descansada que vai um convite”, e essa rapariga lá estava no baile. E então, quando havia chás dançantes, o que é que a gente fazia? Informávamos logo as raparigas: “Olha, agora no próximo baile, vai haver um chá dançante. Por conseguinte, se conseguisse fazer um bolinho, faz um bolinho, leva um bolinho que é para a gente partir e oferecer depois um chá, o chá é por conta da colectividade, nós não temos possibilidades para fazer bolos. A gente faz o chá, a gente faz o chá, e então, traz um bolinho, traz um bolinho, e a gente parte o bolinho” e então, era assim. Nos intervalos, nos intervalos ia sempre um director com uma rapariga, com uma bandeja, uma bandeja com os bolos, outra bandeja com as chávenas de chá, dar a volta à sala toda, “Tome, tome, tome” ...acabava-se aquela e ia-se buscar outra. São coisas que não esquecem na vida, são coisas que não esquecem.

7. Ainda vive na Aldeia de São Domingos? Se não, há quantos anos deixou a aldeia?

(Não, o nosso entrevistado vive em Sacavém mas passa grande parte do seu tempo no local de São Domingos). O último dia que trabalhei aqui foi no dia 23 de Junho de 1968. Há 42, 43 anos...e a mina fechou, a mina abriu falência no dia 25 de Junho de 1968, foi quando a mina abriu falência.

8. Acha que a Mina de São Domingos tem potencial turístico? Porquê?

Olhe, o pior, o pior que fizeram aqui foi retirar o caminho-de-ferro da Mina ao Pomarão, isso é que foi, o maior erro, o maior erro, foi tirarem o caminho-de-ferro da Mina ao Pomarão. Se tivessem deixado uma locomotiva, aquelas locomotivas assim mais pequeninas, com 3 ou 4 carruagens, fazer o transporte da Mina para o Pomarão, era uma coisa fantástica. Então acha que tem potencial turístico? Tem sim senhora, tem e bastante, e temos aí o lago, temos aqui este lago, este lago grande...isto, é pena não ter vindo aqui numa altura de verão para ver o movimento que aquilo tinha, não se cabe ali, naquela praia fluvial, não se cabe, aquilo é: de meio metro a meio metro está uma pessoa ali deitada, não se consegue, principalmente pelos espanhóis.

9. Acha que a actividade turística ajudaria a recuperar e manter a cultura e o património mineiro ainda existente? Em que medida?

Há. Eu digo-lhe uma coisa, digo-lhe uma coisa: por experiência própria esta mina nunca mais vai trabalhar. E eu posso explicar porquê. Esta mina nunca mais vai trabalhar porque isto é o seguinte: Isto...nós estávamos a trabalhar já a 405m de profundidade, havia bombas a retirar, a retirar a água da mina para a rua. Quando a mina fechou, a mina fechou (conversa com terceiros)...Isso não, ninguém pense, que esta mina nunca mais há-de trabalhar na vida. Ah, para turismo dava, dava. E abrir uma galeria? Não, e eu explico-lhe porquê. Porque é que esta mina não tem condições para turismo, para abrir uma galeria, para visitar a mina? Porque é o seguinte, a mina está cheia de água, a mina começou a encher do 405m para cima, e deve estar aí numa média aí de 30/40m já do nível da rua. Toda essa água, essa água está a fazer pressão e está a segurar a estrutura da mina. Se um dia for tirada essa água toda, o que é que vai acontecer?! Aquilo é uma derrocada enorme, aquilo parte-se tudo, cai tudo. Porque a água é que está a fazer pressão nas galerias, é que está a segurar o terreno. Porque havia umas estruturas em madeira, umas estruturas em madeira que seguravam o terreno para o terreno não cair. Com a continuação dos anos, há 40 e tal anos que está nessas condições, aquilo está tudo podre, está tudo diluído, está tudo... e a própria

água é que está a segurar, está a segurar o terreno, se um dia retirarem essa água, não têm...não tem, a mina para turismo não tem condições. Descer aqui, o que é que viam? 30 ou 40m, não viam nada, viam um túnel só, chegavam ao fim, encontravam a água e não viam mais nada. Pois...agora, onde as máquinas trabalhavam, e mesmo as próprias máquinas hoje, as próprias máquinas hoje já não existem, já não existem porque, porque isto é uma água sulfúrica, esta água está com ferro, esta água derrete o ferro, e transforma o ferro em pó, por conseguinte, todas aquelas máquinas que ficaram no fundo da mina, já não existem. Está tudo desfeito, está tudo...o poço onde trabalhava o elevador, isso desapareceu tudo, cabos de aço, isso já não existe nada, nada, nada ali...

10. A seu ver, se fosse possível recuperar um espaço/lugar da Mina de São Domingos, qual escolheria? Porquê?

Olhe, para mim, para mim, o lugar que eu gostava de ver...que voltasse a novo, era a estrutura, uma estrutura metálica que ali estava que chamava-se o “cais”, “cais”, o “cais”. Era o “cais” que recebia, recebia as vagonetas que vinham do fundo da mina, aquilo era uma obra-prima, era uma coisa digna de se ver...isso, aquelas toldas, tudo isso, isso é que era...e mais à frente a máquina e o motor que era a corda sem fim, o motor e a máquina da corda sem fim isso era, era uma coisa que...estava cá na rua, estava colocada cá na rua, e um cabo até 150m, chamava-lhe a gente a “corda sem fim”, e o que era a “corda sem fim”? Qualquer cabo tem duas pontas, as duas pontas eram ligadas uma na outra, e então, esse cabo de aço era um cabo com um diâmetro aí de...aí uns 30mm mais ou menos, ou mais de 30mm, esse cabo tinha uma ponta ligada na outra, ia até 150m onde estava...à entrada para o elevador...então ia buscar as vagonetas que saíam do elevador, iam ligadas a esse cabo, e esta máquina que estava aqui na rua, trazia-os para a rua, passavam pelo cais e depois além no cais depois é que eram despejadas e saíam naquelas toldas que estão cá em baixo, aqueles buracos, estavam as locomotivas depois, com 4.000 quilos, ali é que recebiam os pirites que vinham do fundo da mina em vagonetas de uma tonelada. Isso é que era um trabalho, esta “corda sem fim” foi feita por engenheiros ingleses, engenheiros com uma certa experiência, engenheiros altamente qualificados...montaram eles. E depois havia aquele poço, aquele poço que se vê ainda além, aquelas roldanas ali para baixo, aquele poço que se vê ainda além que ia até 122m buscar a água; porque as bombas puxavam do fundo da mina para um lago que estava que estava a 122m do nível...eu quando falo de 122m conto sempre a estrutura, o nível do terreno aqui na rua, a partir daí a direito, conta as medidas que a gente empregava, então, aquela estrutura que está além, que era o poço número 6, e é, é denominado o poço número 6, ia até 122m buscar a água que as bombas estavam a retirar do fundo da mina para aquele lago onde...onde o poço...tinha baldes; cada balde levava 1 tonelada, ia uma para baixo, vazia, e a outra cheia e automaticamente ela chegava lá ao lago, a 122m, enchia sozinha, tinha um dispositivo na parte de baixo, um género de uma válvula, batia lá numa plataforma, a plataforma abria a válvula e enchia o balde; o balde vinha cheio e depois com o peso da água fechava a válvula; chegava aqui fora, havia uma estrutura em meia-lua, entrava ali o balde, sozinho, despejava e ia um para baixo e outra para cima, a contrabalanço, 24 horas. Isso é que era uma coisa digna de se ver...e depois, a oficina, a oficina, a oficina a trabalhar, os tornos mecânicos, os tornos mecânicos a trabalhar, isto era coisa...era coisa...a fundição, a fundição, por exemplo, a carpintaria...; é que aqui era o seguinte: aqui não se dava nada a fazer a lado nenhum, havia operários especializados que resolviam as situações todas, todas, todas, todas...da empresa que

havia aqui, todos problemas eram resolvidos aqui na mina, não era preciso mandar a lado nenhum, nem a Lisboa nem a grandes empresas...aqui fazia-se tudo. Havia fundição, havia tornos, e resolvia-se a situação toda e tudo trabalhava sob orientação aqui da mina...tudo, tudo.

11. Gostaria de fazer parte de uma equipa de guias para acompanhamento de visitantes na Mina de São Domingos?

(Sorrisos e acenar afirmativo de cabeça). Eu já sou assistente aí; 72 anos...já tenho feito tantas, tantas, tantas...72 anos. Olhe, não tenho aqui o DVD, por acaso agora emprestei-o para tirarem uma cópia. Em Sacavém emprestei o DVD, da reportagem aqui da mina, já viu? A da SIC? (...) O outro senhor que estava consigo...o sr. João Martins...tenho 98 anos, foi meu colega de trabalho. 98 anos. Ele não está aqui na mina? O João Gonçalves Martins?! “Tá tá”, está aqui na mina. Tem 98 anos...fez há uma semana 98 anos. Os electricistas só, haverá para aí mais 1 ou 2, que eu já não vivo cá, agora a viver cá, ele é o único. Mas eu venho aqui muitas vezes. Mas o senhor João Martins era mesmo mineiro? Não, electricista também, era electricista. Nós trabalhávamos na oficina de electricistas desde os 13 anos, quando eu para lá fui, já ele lá estava. Ele é muito mais velho, deve ter trabalhado aqui alguns 40 anos ou mais.

12. Defina a Mina de São Domingos em três adjektivos.

Mas o espaço, de que género? Óóó...há muitos...Por exemplo, a fábrica de enxofre, as fábricas de enxofre, que ficam aqui a 3km, são 3km, eram...havia também aqui umas fábricas de enxofre, as fábricas, os altos fornos, os altos fornos que queimavam os pirites, os pirites de cobre, juntamente a sílica...a sílica e cal eram queimados nos altos fornos, e depois era refinado o enxofre. Depois daquela matemática toda feita, os altos fornos, os pirites da sílica...a sílica é uma pedra assim muito, muito luzidia que se encontra, ainda aqui há pedreiras disso, ali no Guizo há pedreiras de sílica...e então, é a sílica, era o carvão de coque, carvão também e era cal e os pirites, era o enxofre virgem...saía dali o enxofre lindo, lindo...Para mim, era as fábricas de enxofre, os altos fornos...e para mim, as oficinas, nunca me esquecem na vida. (Penso que o entrevistado se referida ao adjectivo transformação, mutação dos espaços). Foi aí que eu... (Penso que associa também a mina ao trabalho, ao acto de trabalhar nas oficinas). Eu tirei as primeiras luzes, entrei para aí enquanto criança, de calções, não tinha ainda calças compridas, veja lá, e foi uma grande escola, era uma grande escola. E aí é que aprendi, depois quando fui lá para Lisboa, para a Schindler, não tive medo de trabalhar lá, principalmente na parte eléctrica de elevadores; a gente aqui só tinha um elevador e era totalmente diferente o elevador de um prédio, o elevador de uma fábrica, o elevador de um aeroporto mas com a parte eléctrica não tive medo de trabalhar ao pé de nenhum quando sai daqui, é verdade. E depois, era a vida das colectividades (Penso que aqui caracteriza a mina pelo ambiente social, pelo companheirismo). A Catarina não faz ideia tão pouco o que era, não faz ideia...eu contar, eu estar a explicar, não sou capaz de explicar a fundo o que eram as 3 colectividades. As colectividades abriam aí por volta das 4, 5 horas, quando fechavam aqui os trabalhos, fechavam...sempre cheias, tinham bilhar, ping-pong, cantina, uma cantina, uns petiscos, convívio e depois constantemente estavam-se a fazer bailes. Havia, existia uma linguagem própria, ou seja, nós tínhamos os ingleses de um lado, tínhamos os portugueses mas existia entre aqueles que viviam na mina, existia uma linguagem própria, um código de palavras para passar mensagens? Não, não, não. Porque afinal, os capatazes e alguns que

coordenavam também era portugueses e podiam ser maus para os operários, havia algum código? Não, não. Porque isto Catarina, isto era tudo uma família, era tudo uns amigos (Uma vez mais, a confirmação da entre-ajuda e vivência em comunidade). (...) Porque é o seguinte: eu nasci além naquela casa, ao lado nasceram outras pessoas, e a gente desde pequenino que nos conhecíamos e havia sinceridade, havia amizade. A Catarina por exemplo, um exemplo: eu tinha dificuldade um dia qualquer, ou se acabava o pão, ou se acabava o açúcar, ou se acabava o café. – Ó vizinha, empreste-me lá aí um bocadinho de café, ó vizinha, empreste-me aí uma metade de um pão, e era assim. O nosso código era esse: sinceridade e a amizade. E os capatazes, os capatazes, a maioria deles era tudo daqui, era tudo daqui. Havia uma certa diferença, uma diferença...o inglês não se queria misturar com os operários, com a actividade. Esses tinham, tinham um clube de convívio próprio deles ali no jardim, chamava-se a “Staff”, a “Staff” era privativo deles, eles não se misturavam aqui com a gente, era muito raro, lá um ou outro que gostava mais de conviver é que se juntava aqui com a gente mas o resto não, eles faziam a vida deles lá a gente sabe, o inglês teve sempre aquele espírito de superioridade, sempre. Era o que acontecia com a gente, eles vinham para aqui, vieram para aqui com os olhos fechados, engenheiros e tudo, aqui é que abriam os olhos, acompanhados dos encarregados. Os encarregados e os capatazes é que lhes abriam os olhos, que tinham muito experiência, e aí é que eles aprendiam. Eles vinham para aqui, muitos deles, não quer dizer que fossem todos mas a maioria deles vinham para aqui e não percebiam nada de nada. E aqui, com os capatazes é que aprendiam. E eles então, era muito raro misturarem-se aqui com a gente. E as mulheres, o que é que as mulheres faziam? As mulheres olhe...a empresa devia ter umas 4 ou 5 empregadas só como mulheres, o resto estava em casa a tratar dos filhos. Por exemplo, vamos dizer, as que tinham a idade entre o acabar a escola com 10 anos e os 15 anos, o que faziam? Ajudavam as mães em casa? Ajudavam, e a maioria delas iam para Lisboa, chamava-se “a servir”, iam para Lisboa, empregadas domésticas, iam para Lisboa. Porque aqui, como não havia emprego, a rapariga atingia uma certa idade, e rapazes, atingiam uma certa idade, e o que é que faziam aqui encostados aos pais, os pais já não ganhavam para comer e elas tinham que ir preparar a vida para outro lado...empregadas domésticas...muitas pessoas que conheciam através de conhecimentos, “- Ó vizinha, ó vizinha, olhe, veja lá se a sua filha quer ir para casa de fulano, tem lá trabalho, uma vizinha minha ou uma doutora, ou uma engenheira, arranjam lá trabalho”, e era isso. Isso é que era!!

Mesmo após o final da entrevista “oficial”, o Sr. Barão, amavelmente continuou a contar-me as suas histórias que aqui deixo como testemunho.

Isto foi um povo, lá vamos dar um picozinho na política, isto foi um povo muito sacrificado, principalmente pela PIDE (Policia Internacional e da Defesa do Estado), está a gravar?! Deixe estar, deixe estar...pela PIDE. E era o seguinte, havia muita fome, muita miséria porque era raro o casal aqui...vivia aí num quarto com 16m², tinham 5 e 6 filhos e aquilo era um problema infernal. O que é que acontecia? O operário trabalhava, vinha do trabalho, tinha uma hortinha, ainda ia a trabalhar para a horta, para colher umas couves, umas alfaces, algumas ervilhas, umas favas, fosse o que fosse, e então, quando se falava aqui em fome, automaticamente, era comunista. O indivíduo que dissesse que tinha fome aqui, era comunista. E aqui, havia aqui uma rede, que eram legionários, da Legião Portuguesa, e essa Legião Portuguesa eram os informadores, eram os informadores do regime....do regime fascista. Então, eu não podia estar com esta conversa consigo, se eu estive aqui há anos atrás, antes do 25 de

Abril, esta conversa consigo...eu já sabia que estava um indivíduo ali ao lado a ouvir a conversa, e amanhã estava cá a PIDE e vinham-me buscar aqui para me levar. Então isto foi um povo...eu saí daqui Catarina...eu assisti, eu assisti aqui na mina...assisti aqui na mina quando aqui trabalhei, ali, principalmente nas oficinas, na oficina de electricistas, levaram ali os meus colegas, 4...chegou a PIDE ali um dia, porquê? Porque havia um indivíduo...isto é uma grande história, eu tinha aqui um programa para falar consigo uma semana. Havia um indivíduo, um indivíduo que veio aqui avisar que era electricista mas isso era tudo já combinado, era tudo já combinado com a empresa, com a empresa mineira. É electricista, é electricista, é electricista, onde é que havia de ir? Admitiram-no para a oficina de electricistas mas ele não percebia nada de electricidade, ele era ali um “zero à esquerda”, e claro, as conversas Catarina, a conversa dele era esta: “- Então, ouve lá, quanto é que tu ganhas?”. “- Ganho 35 escudos”. “- E então, quantos filhos tens?”. “- Ah, tenho 5 filhos, tenho 6 filhos”. “- E então, como é que tu vives pá?” E como é que tu vives com 35 escudos?”. Isto foi verídico, verídico mesmo, “- Como é que tu vives com 5 e 6 filhos?”. “- Então e tu consentes que os ingleses venham lá do fim do mundo e venham-te explorar?”. “- Eh pá!”. “- Luta pá, não pode ser assim, eu faço-te companhia pá, eu faço-te companhia”. Isto é verídico, Catarina! “- A gente dá a volta a isto, não pode ser assim, não pode ser que os ingleses estejam aqui a roubar o pessoal da mina de São Domingos.”. Havia um ou outro que se abria assim um bocadinho mais. Pois o indivíduo esteve aqui umas 2... 15 dias mais ou menos. Ao fim de 15 dias, desapareceu. Passado 4 ou 5 dias de se ter ido embora, veio cá a PIDE e levou 4. Aqueles que se abriram mais com aquele indivíduo, era um PIDE, era um PIDE disfarçado. Levaram 4...chegaram à oficina de electricistas, anda cá tu, tu, tu e tu. Levaram-nos para o Posto da Guarda Republicana, isto eram aí umas 3 horas, mais ou menos. Interrogatórios, interrogatórios, interrogatórios, já não os deixaram vir a casa despedir-se da família, a mesma roupa que tinham ali na mina, fato-macaco, foi a mesma roupa que os levaram. E depois...foi foi, isto passou-se aqui na mina, eu digo aqui e digo em todo o lado. E depois, o que é que acontecia? Acontecia que não havia carreira...havia uma carreira, já estou...havia uma carreira que fazia o transporte todos os dias, ainda hoje há, da mina para Mértola, e de Mértola para Beja. E a Guarda Republicana transportavam-nos na carreira até Mértola e em Mértola depois é que iam num carro, num carro da GNR para Beja. Mas o carro da GNR não vinha cá buscar os presos à mina, iam na carreira, nos transportes colectivos. Mas depois, a carreira tinha uma paragem aqui em baixo, aqui em baixo, quando se faz o desvio, o desvio ali prá Estalagem, para a esquerda, está ali a pensão, o jardim, aí é que havia uma paragem e há, ainda está lá uma casota que é o abrigo da paragem. E então, a Guarda Republicana de manhã, o carro saía daqui às 8 horas da manhã e então, em vez de apanhar a carreira aqui não apanhavam, iam lá para a parede do lago e esperavam lá a carreira. Já estava combinado com o motorista, o motorista já sabia que estavam lá, iam comunicar ao motorista: “- Olhe, quando chegar à Tapada Grande, vocês parem que a gente está lá à vossa espera”. E os presos entravam ali, para não entrarem ali na mina, para ninguém os ver. Disse-me que nasceu naquela casa ali, é propriedade sua? É do meu irmão. É o seguinte: a minha propriedade é do outro lado de lá, esta é do meu irmão. Porque eu...é que depois comprámos; quando a mina abriu falência, vendeu. Vendeu espaços, olha, comprei a 9mil escudos o m², porque era o seguinte, a deverem-me 24mil escudos ainda tive que comprar, porque havia aqui 3 preços quando foram vendidas aqui as habitações: havia o operário residente na mina, e eu na altura não tinha cá a minha residência, já tinha residência em Sacavém. O operário residente pagava 7mil escudos o m², o operário, filho de mineiro residente, 8mil escudos...

Anexo XVIII

Entrevista ao mineiro Sr. Ricardo

- Entrevista ao Mineiro –
1 Dezembro 2011

Identificação do meu entrevistado:

- O meu entrevistado foi o Sr. Ricardo José Maria, ex-trabalhador na Mina de São Domingos. Tem 76 anos, é natural da freguesia de Corte Pinto, concelho de Mértola, e concluiu a escola básica.

1. Durante quantos anos trabalhou na Mina de São Domingos?

Doze anos.

2. Qual era a sua função?

Era electricista.

3. Quantas pessoas da sua família trabalharam nas Minas de São Domingos?

Meu pai...só..tive uma irmã mas pouco ou nada...

4. Todos os homens que aqui viviam eram trabalhadores na Mina de São Domingos?

Normalmente sim, eram quase todos, a maioria. A não ser a parte do comércio...era quase tudo....sim, os homens é que estavam à frente do comércio, das casas.

5. Como eram as relações sociais na aldeia?

É...é..praticamente, como nos conhecíamos todos era mais..era familiar vamos lá.

6. Qual é a sua melhor lembrança a nível dos costumes da aldeia de São Domingos?

(sorriso!!) Nessa altura, os costumes era beber um...era ir à taberna, vamos lá. Que era...isto era, tinha a empresa...todos eles...a maioria como lhe disse, todos eram empregados da empresa, e quase todos tinham uma horta, os operários tinham uma horta aqui junto ao lago, tanto na Tapada Grande como na Tapada Pequena, e nas horas vagas tinham ali duas ou três horas a tratar das hortas, e depois disso, ou era as sociedades, porque nós cá tínhamos...ahhh...4 sociedades, o Centro Republicano 5 de Outubro, o Musical, o Clube Recreativo e o Clube Operário. Não falo no clube da terra que era o São Domingos Futebol Clube, que isso chegou a estar na IIª divisão, e nessa altura, no auge da mina, isto tinha muito movimento.

7. Ainda vive na aldeia de São Domingos? Se não, há quantos anos deixou a aldeia?

Tenho casa cá. Tenho casa aqui na mina. Desculpe, mina de São Domingos não é uma aldeia, não é uma vila, não é uma cidade, é um lugar. Ora, eu saí daqui com vinte oito, tenho setenta e seis..«tá» a ver, há quantos?! Quarenta e oito anos...mas venho cá constantemente, tenho cá casa, e venho cá.

8. Acha que a mina de São Domingos tem potencial turístico? Porquê?

Tem...como sabe...em condições de...de...como é que hei-de dizer?! Ai, agora passa-me...tem a pensão, tem o hotel e tem o turismo rural, aqui em redor, portanto, tem infra-estruturas para receber o turismo...a terra em si, não só como está, ela foi (imperceptível).....tem os lagos, portanto, a Tapada Grande como a Tapada Pequena, em redor tem muito que se lhe diga, tem muito para ver...e a mina...tem a parte onde foi a exploração do minério.

9. Acha que a actividade turística ajudaria a recuperar e manter a cultura e o património mineiro ainda existente? Em que medida?

Eu acho que sim. Foi pena a...eles terem tirado, arrancado, todo aquele caminho-de-ferro...as fábricas de queima de minério que tínhamos duas, como os cais, as oficinas e...mas isso tudo ainda hoje dá muito para perceber, ainda dá uma ideia do que foi a mina.

10. A seu ver, se fosse possível recuperar um espaço/lugar da mina de São Domingos, qual escolheria? Porquê?

O que eu gostava de ver recuperado seria a mina, o que hoje...ainda há bocado ele disse...não vejo possibilidades visto a mina ter sido inundada...hoje está inundada...e...inundado o subsolo, estamos a falar da mina, quando estamos a falar da mina, estamos a falar onde houve a extracção do minério e...essa está inundada em todas as galerias, hoje, tudo partido, tudo caiu, já não dá para...para ser transitar dentro delas, é o caso...é a razão porque não dá para recuperar. Agora na terra, tem ainda muito por onde...

11. Gostaria de fazer parte de uma equipa de guias para acompanhamento de visitantes na mina de São Domingos??

Aceitava. E entendo que se estivesse cá e se pudesse era capaz de a levar a conhecer o que tinha sido a mina, de uma ponta à outra.

12. Defina a mina de São Domingos em três adjektivos.

Convencer a não vir cá, não!!! Não, olhe, temos praia, alojamento e o convívio. Mesmo que o pessoal hoje já seja pouco mas é uma terra que se pode...eu ainda acredito nos habitantes da minha terra.

Obrigada,

Duração da entrevista: 8:15m
Mértola, 01 de Dezembro de 2011

Anexo XIX

Lista de alojamentos e restaurantes do concelho de Mértola

Fonte: Câmara Municipal de Mértola

Lista de Alojamentos no Concelho de Mértola

Hotéis:

- * Hotel de São Domingos
 - Mina de São Domingos –
- * Hotel Museu
 - Mértola –

AgroTurismo:

- * Casa de Campo Idalina Maria Martins
 - São João dos Caldeireiros
- * Casa de Campo Fatana
 - São João dos Caldeireiros -
- * Casa de Campo Visconde de Bouzões
 - Mértola -
- * Casa do Guizo
 - Moreanes -
- * Casa dos Loendros
 - Alçaria Ruiva -
- * Casa de Campo – Ecoland
 - Corte Gafo de Cima -
- * Herdade de Vale Covo – Agroturismo
 - Corte Sines -
- * Monte da Galega – Agroturismo
 - Mina de São Domingos -
- * Casa de Campo - Monte do Alinho
 - Mértola -
- * Monte dos Nascedios – Agroturismo
 - Mina de São Domingos -
- * Monte da Bela Vista
 - Santana de Cambas -

Residenciais e Hospedarias:

- * Residencial Beira Rio
 - Mértola -
- * Hospedaria Flor do Guadiana
 - Mértola –
- * Hospedaria Rita
 - Mértola -

Apartamentos Turísticos:

- * Alojamento Oásis
 - Mértola –

Alojamento Particular:

- * Campaniço
 - Mértola –
- * Casa de Hóspedes
 - Mina de São Domingos –
- * Casa Lampreia
 - Espírito Santo –
- * Casa da Mesquita
 - Espírito Santo -

Centros de Acolhimento:

- * Centro de Acolhimento da Amendoeira da Serra
 - Amendoeira da Serra –
- * Monte do Vento
 - Mértola –

Centro de Estágios:

- * Centro de Estágios do Guadiana
 - Mértola -

Fonte: http://www.merturis.pt/pt/alojamento_restaurantes/index.php, consultado a 11/12/2011

Lista de Restaurantes no concelho de Mértola

- * “A Esquina”
 - Mértola –
- * “A Paragem”
 - Corvos –
- * “Alengarve”
 - Mértola –
- * “Alentejo”
 - Moreanes –
- * “Avenida”
 - Mértola –
- * “Fatana”
 - São João Caldeireiros –
- * “O Brasileiro”
 - Monte de São Luís –
- * “O Montado”
 - Amendoeira da Serra –
- * “Preguinho da Muralha”
 - Mértola –
- * “São Domingos”
 - Mina de São Domingos –
- * “Tamuje”
 - Mértola –
- * “Seppia”
 - Mina de São Domingos –

- * Casa de Pasto “A Taberna”
 - Mina de São Domingos –
- * Casa de Pasto “O Rui”
 - Mértola –
- * Restaurante “2.D.D”
 - Vale de Açor de Baixo –
- * Restaurante “Boa Viagem”
 - Mértola –
- * Restaurante “Cegonha Branca”
 - Mértola –
- * Restaurante “O Migas”
 - Mértola –
- * Restaurante “O Repuxo”
 - Mértola –
- * Restaurante “São Miguel”
 - São Miguel do Pinheiro -

Fonte: http://www.merturis.pt/pt/alojamento_restaurantes/index.php, consultado a 11/12/2011

